

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ITAJUBÁ/MG
PROGRAMA DE MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO,
TECNOLOGIAS E SOCIEDADE**

THAÍS IVO DOS SANTOS

**Cidade Polifônica [em] Narrativas Urbanas: a relação afetiva com o espaço público
[pelas] intervenções artísticas e percepções luso-brasileiras**

Itajubá | MG | 2022

THAÍS IVO DOS SANTOS

**Cidade Polifônica [em] Narrativas Urbanas: a relação afetiva com o espaço público
[pelas] intervenções artísticas e percepções luso-brasileiras**

Dissertação apresentada à banca examinadora
ao Programa de Pós-graduação (PRPPG)
interdisciplinar da Universidade Federal de
Itajubá (UNIFEI) como requisito para obtenção
de título de mestre em Desenvolvimento,
Tecnologias e Sociedade (DTecS).

Linha de Pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade

Orientadora: Prof. Dra. Daniele Ormaghi Sant'Anna
Coorientadora: Dra. Miglena Krasimirova Gerasimova

Itajubá | MG | 2022

THAÍS IVO DOS SANTOS

**Cidade Polifônica [em] Narrativas Urbanas: a relação afetiva com o espaço público
[pelas] intervenções artísticas entre percepções luso-brasileiras**

Banca Examinadora:

Prof. Dra. Daniele Ornaghi Sant'Anna
Orientadora | Universidade Federal de Itajubá

Dra. Miglena Krasimirova Gerasimova
Coorientadora | Universidade Sofia – Bulgária

Prof. Dr. Luiz Felipe Silva
Membro interno | Universidade Federal de Itajubá

Prof. Dr. Luiz Carlos Lu Larentiz
Membro externo | Universidade Federal de Uberlândia

Dedico este trabalho a todos poetas do espaço-tempo e transeuntes da vida urbana. A todos que acreditam em um espaço e tempo melhores, a partir da transformação das cidades pela sensibilidade, pelo afeto, pela arte e pela poesia.

AGRADECIMENTOS

Far-se-á uma recuperação das minhas passagens, aqui. A vida é mesmo uma grande viagem!

Os agradecimentos me fazem pensar no início e no(s) final(is) de todo o processo.

É deleite após a conquista!

Relembra-me uma competição que tem preparo, treinamento, dedicação, concentração, foco, força, fé. E ainda o talento e a sorte ao seu lado!

A conquista é singular e única, mas tem muito plural intrínseco nela.

Grata sou aos professores e às professoras que passaram por essa trajetória acadêmica e pela minha vida, que fazem parte de quem eu sou hoje, agradeço por todas as lapidações. São verdadeiros mestres|mestras e sempre os levo comigo em meu coração.

Agradeço aos que participam indiretamente e habitam um passado em minhas memórias e na relação afetiva que existe.

Aos que participaram diretamente no percurso do mestrado.

À cidade de Itajubá, por ser abraçada pela Serra da Mantiqueira, pela cena cultural, artística, por seus espaços públicos, por ser a inspiração do meu TFG e do início do mestrado. À Universidade Federal de Itajubá que foi casa, durante anos, mais que a minha própria casa, pelos projetos e pelos festivais que vivenciei que foram fundamentais para estar onde estou.

À Sandra por tantas partilhas, guianças, direcionamentos, acolhimentos por ser uma mãe-avó, família.

Ao Paulo por ser amigo, mentor e me apadrinhar, por tantas trocas pulsantes, por ser família.

À professora Alessandra sempre com um sorriso no rosto, com tamanha acolha e delicada escuta.

Ao professor Luiz Felipe com toda a sua maleta de peculiaridades, nunca irei me esquecer do poema que partilhou comigo *The Road Not Taken*, em um momento decisivo.

Ao Klippert com tamanha singularidade, bondade, paciência, ouvidos sempre atentos e palavras conselheiras. Agradeço pelo conhecimento, aprendizados e partilhas na Casa da Dona Emanuela e na Casa Rosa.

À Paula Guimarães com tanto afeto, carinho, inspiração, admiração e sabedoria desde os meus anos de colegial.

À Prof. Daniele Ornaghi, também na figura de orientadora, grata sou pela motivação para seguir o caminho acadêmico, por estar ao meu lado nesses anos, pela confiança, pela liberdade e por acreditar.

À Míglena, também na figura de coorientadora, quão feliz sou por sua presença em momentos cruciais, por ser tão carinhosa, atenciosa, por saber ouvir e querer me entender.

Agradeço todos, de alguma forma, por mirarem o horizonte comigo, por voarem junto ou por olhar pelos olhos de um binóculo ou microscópio quando preciso.

À Shiila por me receber como família na minha primeira estadia em Portugal.

Ao professor José Mota por ser quem me acolheu na cidade de Aveiro e por poder partilhar o dia a dia do laboratório e dos trabalhos. Quanta vivência!

À Universidade de Aveiro, ao Departamento de Ciências Sociais, Políticas e do Território, em especial à equipa do Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas.

Agradeço aos entrevistados que aceitaram o convite do encontro.

Agradeço aos errantes pelos caminhos, ao efêmero dos transeuntes, aos que pararam na estação mestrado e me acompanharam.

Aos que chegaram e partiram!

Aos que foram cais, Sunshine!

Aos que navegaram comigo ou pegaram boleia ou me deram boleia! Fluxos e conexões!

Àqueles que trocaram afetos, os que foram afectados e os desafetos.

Aos que sentiram na pele a pele da cidade ou por vivenciaram-na.

Aos que foram inspiração, afeto e pulsão!

À CAPES pela bolsa de estudos durante 11 meses para o desenvolvimento da pesquisa. A oportunidade de me desenvolver enquanto académica, profissionalmente, pessoalmente e outras facetas.

Agradecida sou!

“Quem tem um amigo tem tudo!”

RESUMO

Sabe-se que o espaço-tempo da cidade contemporânea é veloz, exige dinamismo ao passo apertado dos muitos afazeres e, muitas vezes, o vivenciar a cidade e seus espaços públicos ficam em segundo plano. Partindo desta prerrogativa inquietante, para esta pesquisa, é o estudo da relação afetiva dos cidadãos com o espaço público – um lugar de experiências e acontecimentos – a partir das intervenções urbanas artísticas. Para tanto, desenhar-se-á um olhar mais detido de lentes primorosas do *flâneur*, direcionando-nos para o desfrute e valorização do espaço público. A proposição da abstração epistemológica da pele da cidade e corpo-cidade com o aporte de autores, além de embasar a compreensão do fenômeno da comunicação urbana, através de uma visão antropológica, ancorada no conceito de uma cidade polifônica, deduz que a arte cristaliza e pode transformar, em determinados contextos e com determinada frequência, relações sociais e experiências urbanas, mobilizando derivas para modelos de conscientização cidadã para afetamentos na sociabilidade e vivacidade urbana. A metodologia é pautada no *walking ethnography*, pesquisa de campo, observação participante, entrevistas semi-estruturadas e análise qualitativa. Epistemologicamente, a pesquisa tem aporte em Jan Gehl, Massimo Canevacci, Yi-Fu Tuan, Jean-Paul Thibaud, Baudelaire, Benjamim e outros autores. A pesquisa concerne um caminho interdisciplinar com abordagem nas discussões sobre direito à cidade, à cultura, ao desenvolvimento e à sociedade.

Palavras-chave: cidade polifônica, intervenção artística, espaço público, *flâneur*, *walking ethnography*

ABSTRACT

It is known that the space-time of the contemporary city is fast, requires dynamism in the tight pace of many tasks and, often, experiencing the city and its public spaces are in the background. Starting from this disturbing prerogative, for this research, it is the study of the affective relationship of city dwellers with the public space – a place of experiences and events – from urban artistic interventions. To do so, a closer look will be drawn from the flâneur's exquisite lenses, directing us to the enjoyment and appreciation of the public space. The proposition of the epistemological abstraction of the skin of the city and body-city with the contribution of authors, in addition to supporting the understanding of the phenomenon of urban communication, through an anthropological vision, anchored in the concept of a polyphonic city, deduces that art crystallizes and it can transform, in certain contexts and with certain frequency, social relations and urban experiences, mobilizing drifts for models of citizen awareness for affects in sociability and urban vivacity. The methodology is based on walking ethnography, field research, participant observation, semi-structured interviews and qualitative analysis. Epistemologically, the research is supported by Jan Gehl, Massimo Canevacci, Yi-Fu Tuan, Jean-Paul Thibaud, Baudelaire, Benjamin and other authors. The research concerns an interdisciplinary path with an approach in discussions about the right to the city, culture, development and society.

Keywords: polyphonic city, artistic intervention, public space, flâneur, walking ethnography

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Main Street (Rua Principal). Desenho de Allan Jacobs	47
Figura 2 – Esquema 15 minutos City	56
Figura 3 – The 15-minute city	58
Figura 4 – Ambiência – sentir e agir	66
Figura 5 – Ambiência	67
Figura 6 – Ambiência e Habitar	68
Figura 7 – Fundamento da Ambiência	70
Figura 8 – Espaço Público	71
Figura 9 – Usos do Espaço Público	71
Figura 10 – Os 12 critérios	73
Figura 11 – Espaço Público – usos	74
Figura 12 – Atributos do espaço público	74
Figura 13 – Atributos chaves	76
Figura 14 – Atributos chaves	77
Figura 15 – Experiência por Tuan	86
Figura 16 – Eixos experiência	88
Figura 17 – Placa <i>Serendipity</i>	104
Figura 18 – Lateral da loja	Erro! Indicador não definido.
Figura 19 – Balanço	105
Figura 20 – Lema de Aveiro	Erro! Indicador não definido.
Figura 21 – O que é que sentes?	107
Figura 22 – Vai haver um outro alguém que faça valer a pena	Erro! Indicador não definido.
Figura 23 – O amor é importante	107
Figura 24 – Mau humor só se cuida com bom amor	108
Figura 25 – Sê Feliz	Erro! Indicador não definido.
Figura 26 – Em cada esquina um amigo	108
Figura 27 – Placa Passadeiras	Erro! Indicador não definido.
Figura 28 – Placa Escadas	109

Figura 29 – Passadeiras	110	Figura 30 – Pintura	Flâneur
Erro! Indicador não definido.	Figura 31 – Representação do	flâneur	110
Figura 32 - Flâneur por Toulouse-Lautrec			
111	Figura 33 – Fernando	Pessoa	
112	Figura 34 – Placa Passadeira de	1998	
Erro! Indicador não definido.	Figura 35 – Placa Passadeira de	1994	
		112	
Figura 36 –		Sinalizações	
		114	F
Figura 37 – Mapa dos percursos feitos com entrevistados			118
			F
Figura 38 – Identificação das Zonas da cidade de Aveiro			119
			F
Figura 39 – Identificação das Portas da Muralha			120
			F
Figura 40 – Porta da Ribeira, agora atual Rua de Coimbra			121
			F
Figura 41 - Estação Central do Brasil e arredor - Rio de Janeiro BR			124
			F
Figura 42 – Jardim do Rossio + Canal Principal do Centro – Aveiro PT			125
			F
Figura 43 – Foto composta do antes e período em obras o Rossio – Aveiro PT.....			124
Figura 44 – Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro BR			...
126	Figura 45 – Parque Ibirapuera – São Paulo BR		
127	Figura 46 – Miradouro Santa Eufemia – Sintra PT		
128	Figura 47 – Passadiços em Aveiro PT		
129	Figura 48 – Coreto do Parque Infante Dom Pedro em Aveiro PT		
130	Figura 49 – Parque Infante Dom Pedro em Aveiro PT		
130	Figura 50 – Mapeamento Vivó Bairro		
136	Figura 51 – Programa das ações pelo bairro		

137Figura 52 – Intervenção do VivaCidade no Largo de São Sebastião
138Figura 53 – Detalhes da Intervenção no Largo de São Sebastião
139Figura 54 – Apresentação na Cinelândia | Rio de Janeiro
140Figura 55 – Cartaz Prisma
141Figura 56 – Anúncio Festival dos Canais

Erro! Indicador não definido.Figura 57 – Divulgação Descobrir e Experienciar Aveiro
141

Figura 58 – Divulgação Festival dos Canais 142Figura 59 – Salas de estar na Praça da República 143Figura 60 – Folders de iniciativas de práticas artísticas interativas
144Figura 61 – Mapa Arte Urbana Águeda 145Figura 62 – Mapa da cidade de Águeda com as identificações das intervenções artísticas 145Figura 63 – Entre construções | Águeda | PT 146Figura 64 – Zona de paragem 146Figura 65 – Wool | Covilhã Arte Urbana 147Figura 66 – Kit A nossa Rua | Aveiro | PT 148Figura 67 – Bicicleta elétrica com atrelado 148Figura 68 – A rua é nossa | Aveiro | PT 149Figura 69 – Exposição Comunidade em Histórias 151Figura 70 – Conjunto dos Mapas produzidos por Gil Moreira para exposição 152Figura 71 – Pisco Amarelo de Bordalo II 154Figura 72 – Detalhe Pisco amarelo 154Figura 73 – Graffiti na parede no centro de Aveiro 156Figura 74 – Vitrine na cidade de Aveiro | PT 159Figura 75 – Grafia em parede em Aveiro | PT 161Figura 76 – Arte em azulejo – Lisboa | PT 166

TABELAS

Tabela 1 – Ambiência – equações	66
Tabela 2 – Cronograma	21

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
I. 12	
II. 15	
III. 18	
Aspecto metodológico – Corpos e vozes da cidade	25
Etapas metodológicas - Corpo-Cidade	
IV. 29	
CAPÍTULO I – SER E SENTIR A CIDADE	36
1. 37	
2. 51	
2.1 53	
2.1.1 53	
2.2 59	
2.2.1 61	
2.2.2 64	
2.3 70	
2.3.1 78	
CAPÍTULO 2 – HABITAR A CIDADE	82
1. 88	
2. 92	
3. 96	
3.1 99	
RESULTADOS E DISCUSSÕES	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS	165
APÊNDICES	173
ANEXOS	Erro! Indicador não definido.

I. INTRODUÇÃO

II. SITUAR-SE

A presente pesquisa entrepõe a linha de pesquisa Desenvolvimento e Sociedade do Programa de Pós-Graduação (PPG) em Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade (DTecS) da Universidade Federal de Itajubá (UNIFEI), *campus* Itajubá, Minas Gerais, Brasil.

A partir de reflexões e discussões em encontros-desencontros, caminhos-percursos, aulas presenciais-virtuais, congressos-seminários, ao longo da trajetória do mestrado, a pesquisa tem o intuito de abordar perspectivas para o desenvolvimento dos espaços públicos das cidades contemporâneas e como esse desenvolvimento se insere na nossa sociedade. Teremos aportes das mais diversas disciplinas o que caracteriza a interdisciplinaridade da pesquisa, na dialética entre teoria e prática. Articulando campos do conhecimento para engendrar com acuidade a abordagem da pesquisa. A teoria/prática remete, sobretudo, a uma perspectiva política e crítica, abrindo margens para reflexões críticas.

A cidade sendo um laboratório de infinitos tentames, experimentações, experiências, acontecimentos e campos de estudo destacar-se-ão aqui para estudos urbanos da grande área das Ciências Sociais: urbanismo, arquitetura, sociabilidade urbana, antropologia urbana; Ciências Humanas: arte, psicologia ambiental, filosofia, geografia humanística¹. A partir de reflexões epistemológicas em Jan Gehl, vanguardista nas discussões de cidades para pessoas, e outros autores e autoras que retratam os contextos das cidades e da vida urbana.

Caracteriza-se cidade para pessoas a comunhão dos espaços urbanos com a vida dos cidadãos, atentando-se como as estruturas/formas físicas influenciam o comportamento humano. Um urbanismo voltado para pessoas. Considerando-se assim, que a vida na cidade e a vivência nos espaços urbanos devem ter um papel-chave no planejamento urbano. Direciona-se no século XXI a obtenção de cidades mais humanas, mais sensíveis, mais vivas, mais seguras, sustentáveis e saudáveis.

¹ Geografia Humanística, abordagem da Geografia realizada por Tuan (1976) com foco nas pessoas e suas condições, com formação em pensamento sistemático ou filosofia, uma visão mais consciente das pessoas.

O alburno da pesquisa é a relação do cidadão com os traçados urbanos – o espaço público – sendo o cerne as intervenções artísticas que repercutem nesse espaço público e nessa relação. A pesquisa é aquém de um simples recorte geográfico. Acredita-se que o estudo de uma localidade/espaço em específico há o reconhecimento da parte de um todo, de um contexto maior, mesmo que diste do todo por suas particularidades e especificidades locais.

As lentes da pesquisa miram para a relação do cidadão com a cidade, à luz das intervenções urbanas artísticas. O caminho que iremos percorrer é a busca de uma abordagem mais humanística e sensível para a cidade. Outrossim, investigar como as intervenções urbanas artísticas podem contribuir para essa abordagem. Pode-se entrever um elo entre urbanismo e arte, delineando modos relacionais e sentidos, tanto aos conceitos quanto aos campos de conhecimento abordados. Um olhar que almeja a compreensão dos espaços públicos para além da urbanidade, os enlaces entre espaço público, arte e afetividade por meio da investigação dos corpos da cidade. Os corpos compõem a cidade nos direcionando para o universo das percepções do espaço. Mergulha-se assim, mais a fundo, na reflexão e na interpretação da relação do cidadão-espaço público.

A propositura em estudar a relação cidadão-cidade e reverberações das intervenções urbanas artísticas nessa relação eclode da atuação por parte da pesquisadora, no campo de ações culturais e artísticas com intervenções urbanas ativando e ressignificando espaços públicos. Essa vivência permitiu a identificação do potencial das intervenções artísticas nos espaços públicos como *lugares de experiências* para os cidadãos, promovendo encontros, deslocamentos, trajetórias frutíferas entre os modos de habitar e se relacionar com a cidade. Reverberando consequências sadias nos modos de acontecer e mobilizar a vivacidade e sociabilidade urbana.

A relação com a cidade indica, assim, a busca de um desenvolvimento alinhado com a dimensão humana e a incorporação da presença da arte nos espaços públicos, na sociedade e no mundo, reformulando a função e o papel dos espaços na cidade. E até mesmo a relevância nas atuais circunstâncias em como habitar, reativar e estabelecer vínculos com espaços urbanos pós-pandemia, promovendo uma sociabilidade urbana com experiências das mais diversas escalas aos cidadãos.

Sob a ótica da observação das experiências, busca-se investigar, compreender, como dito, as pertinências da relação cidadão-cidade para o desenvolvimento da cidade

contemporânea. Almejam-se espaços públicos para as cidades que conciliam uma abordagem humanística e sensível. Conduzir-se-á a pesquisa inspirada, espelhada paralelamente à relação que o pioneiro da Antropologia Urbana no Brasil, o antropólogo Gilberto Velho definia em tom de poesia:

Eu adoro a cidade.
Eu sou um homem urbano.
Um cidadão.
E a cidade me interessa o tempo todo.
É um fenómeno que me fascina.
As coisas que se passam na cidade,
me despertam interesse, curiosidade,
atingem minha sensibilidade.

Após citar Gilberto Velho, saliento a importância de conceitos para o decorrer da pesquisa. Um deles é a figura do cidadão para darmos partida ao caminho da relação do Homem com a cidade. Referência da noção simmeliana (1858-1918), Frúgoli Jr (2007) afirma ser aquele que ocupa espaços urbanos, desloca-se por seus diversos territórios e estabelece relações de proximidade e distância com outros cidadãos. Ele não se reduz à figura do transeunte, mas como aponta Isaac Joseph (1994-2014), tampouco coincide obrigatoriamente com a do cidadão (embora possa assumir tal condição) (FRÚGOLI JR, 2007).

III. PRESSUPOSTOS, OBJETIVOS E HIPÓTESES

A cidade, assim como seu espaço público, é o catalisador da sociabilidade urbana. Afeta como as pessoas podem se relacionar com o meio ambiente e, portanto, como os espaços são usados. Como tal, a configuração desses espaços públicos – sendo *lugares de experiências e acontecimentos* – tem um impacto profundo na vida urbana.

Situadas e direcionadas nossas lentes, a partir do cenário já expresso, a fim de ajudar a promover o planejamento urbano das cidades, a pesquisa direciona-se para uma abordagem mais categórica, humanística, sensível e comprometida com a vida urbana nos espaços públicos: uma cidade para as pessoas, uma cidade que acredita mais no convívio do que na distância. Uma cidade de proximidade, uma cidade de afetos.

Pretende-se abordar questões que envolvem a subjetivação da relação da sociabilidade urbana através de como se configura a relação do cidadão com a cidade, bem como as intervenções urbanas artísticas atravessam essa relação. Este tipo de indagação se impôs à pesquisadora de querer investigar o tema e projetar/planejar cidades para pessoas. Para assim sair da lógica rodoviária (FONTES, 2020), existente há mais de 50 anos, de projetar cidades para carros. Individualista. Aspira-se o fomento de uma cidade mais habitável, amigável, de trocas sociais e viva. E que seja um direito assegurado ao cidadão como qualquer outro, um direito à cidade bem como discutia Lefebvre:

O direito à cidade estipula o direito de encontro e de reunião; lugares e objetos devem responder a certas necessidades, em geral mal conhecidas, a certas funções menosprezadas, mas, por outro lado, transfuncionais: a necessidade de vida social e de um centro, a necessidade e a função lúdicas, a função simbólica do espaço (próximas do que se encontra aquém, como além, das funções e necessidades classificadas, daquilo que não pode se objetivar como tal porque figura do tempo, que enseja a retórica e que só os poetas podem chamar por seu nome: o desejo. (LEFEBVRE, 2008, p. 34)

A perspectiva humanística da cidade é definida aqui como uma cidade para as pessoas centrada na experiência humana onde, a partir da década de 1990, o conceito “sociedade da experiência” passou a participar das discussões sobre a cidade. É uma visão fenomenológica da cidade centrada na relação entre o cidadão e o espaço público e atenta para os hábitos, comportamentos, práticas sociais e análise de significados, percepções e até mesmo necessidades do cidadão.

O caráter sensível ganha forma no contexto urbano. A sensibilidade se transforma em afetações e percepções. Segundo o sociólogo Thibaud (2012), a cidade cria um cenário de percepção que nos parece óbvio e natural. Mas é realmente construído. No mundo contemporâneo, somos levados a perceber algumas coisas em detrimento de outras. Uma das questões fundamentais do espaço é perceber e prestar atenção ao que normalmente não vemos. A sensibilidade é discreta, e muitas vezes sutil.

O caráter humanístico e sensível centra-se na criação de espaços públicos significativos e na melhoria dos existentes com foco nas conexões humanas com os lugares e entre si. Cabe-nos investigar como se dão tais conexões, e como a relação cidadão-espaço público é sensibilizada e tocada pelas intervenções artísticas, já que “a arte é a linguagem das sensações, cria afetos” (DELEUZE; GUATTARI, 1992, n.p) e oferece percepções e visões da sociedade. Para Espinosa (1983), pelo afeto compreendemos as afecções do corpo, dessa forma nossa potência de agir é aumentada ou diminuída, seria assim o afeto o ponto chave para a relação do cidadão com os espaços?

De forma geral, o objeto da pesquisa é investigar e apreender as percepções sobre o espaço público, as quais nos permitem colocar em discussão a relação dos cidadãos com os espaços públicos. Priorizam-se espaços públicos de qualidade para a comunidade, proporcionando melhoria na sociabilidade urbana/paisagem urbana, transformação de espaços e criação de meios para identificar, caracterizar e analisar que intervenções urbanas artísticas representam uma parceria frutífera e saudável entre as esferas da sociedade.

De forma mais específica acredita-se que as intervenções urbanas artísticas promovem experiências e são possíveis ferramentas de ativação e ressignificação dos espaços públicos, deslocando os espaços urbanos para outras interpretações em busca de conexões com os cidadãos. Sendo a “experiência algo que vem ao encontro, chega até nós e nos transforma” (HEIDEGGER, 2003, p. 121), assim damos significados ao espaço urbano, através das nossas expressões, percepções, emoções, sentimentos e pertencimentos. Sob essa perspectiva da observação das intervenções artísticas como experiências por meio de investigar, compreender as pertinências da relação do cidadão, temos como pergunta norteadora: como as intervenções artísticas favorecem a relação afetiva do cidadão com os espaços públicos da cidade promovendo maior vivacidade e sociabilidade urbana?

Com essa ordenação e com um olhar fenomenológico, objetiva-se de forma específica:

i. identificar a relação afetiva (tais como sentimentos, emoções, memórias, identificações etc.) a partir do ponto de vista dos entrevistados;

ii. compreender e averiguar os possíveis significados/pertinências das intervenções urbanas artísticas para a vivacidade e sociabilidade dos espaços públicos, a partir da visão dos entrevistados;

iii. estruturar uma síntese com excertos das visões dos entrevistados e das derivações urbanas para verificar o que pode promover a relação afetiva com os espaços públicos, a sociabilidade e a vivacidade urbana.

IV. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O percurso metodológico da pesquisa tem caráter exploratório – leituras e revisão de literatura – utiliza-se de uma base antropológica no modo de observar a cidade, com pesquisa de campo feita a partir de observação participativa, entrevistas semiestruturadas e *walking ethnography*. Epistemologicamente, a pesquisa respalda-se em Jan Gehl, Jean-Paul Thibaud, Massimo Canevacci e outros autores. Como dito anteriormente, a pesquisa tem natureza interdisciplinar que considera a ligação entre as dimensões sociais, artísticas e físicas do espaço público (construído) visto que há interlocuções entre desenvolvimento e sociedade.

A lógica epistemológica está de acordo com a visão de Canevacci (1997) de comunicação urbana, ou seja, o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa. “A compreensão do fenômeno da comunicação, através de uma visão antropológica inovadora ancorada no conceito de polifonia” (CANEVACCI, 1997, n.p), uma forma de interpretar a cidade ouvindo as vozes da cidade. Isso significa que a cidade em geral e a comunicação urbana são comparadas a “um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam”, se relacionam, se sobrepõem, se isolam ou se constroem. Ademais designa uma escolha metodológica de "dar voz a muitas vozes". Aqui está a abordagem de uma cidade polifônica com a qual representa uma comunicação urbana. Em um primeiro momento, temos uma parte teórica com diálogo entre os autores que embasam a pesquisa, posteriormente, em um segundo momento, uma parte prática com as entrevistas online semiestruturadas e *walking ethnography* para coleta de dados.

A abordagem visa aumentar a capacidade de compreender os significados, percepções e fenômenos que acontecem na vida urbana da cidade contemporânea na prática, sob o prisma do planejamento urbano da vida na cidade. À vista disso, a pertinência da pesquisa está na capacidade em entender o habitar do cidadão na cidade, refletir sobre a relação, vivência e experiências com/no espaço público. Demonstrem-se preocupações de como se dá a relação cidadão-espaço público, o que molda e potencializa essa relação. Uma relação que apresenta dissonâncias com conceitos que são importantes para compreender o trajeto da pesquisa. E para ilustrar, desenvolve-se a formulação da pele da cidade, mostrada no esquema da Figura 1, retratando a integração e comunicação entre conceitos. Uma pele da cidade que se liga aos Capítulos I e II, os quais abrem, encaminham e estruturam a base da pesquisa.



Figura 1 – Pele da Cidade
 Fonte: Autoria Própria

Os conceitos se comunicam e se atravessam. Conversam com autores e autoras, em específico com Yi-Fu Tuan (1976, 1983, 2012), Lydon (2011, 2015), Fontes (2011, 2012, 2020), Lerner (2003), Sennet (2018), Rocca (2018) e Thibaud (2000, 2002, 2012, 2017, 2018). A pele molda e envolve a cidade, em seu livro *A cidade e todas as suas formas*, o sociólogo Rocca (2018) destaca a pele arquitetônica, pode-se entrever uma compreensão conceitual abstrata e metafórica, para assim delinear essa pele.

A cidade é pensada como um corpo com um metabolismo composto por uma multiplicidade de atividades e relações de trocas, materiais e simbólicas, que animam os diversos fluxos vitais que circulam dentro dela. É uma visão que podemos bem resumir na acepção de uma cidade “energética”: uma energia que se libera e se irradia, no contexto em questão, no espaço como um todo, transpirando pelos poros dessa pele arquitetônica. (ROCCA, 2018, n.p)

Eis a pertinência do uso da metáfora, poesia, imagens e termos para transpor aos temas atuais uma dialética entre racional e emocional, concreto e subjetivo, real e imaginário. Conversamos com a imaginabilidade do espaço por Lynch (1997) e o realismo fantástico de Calvino (2003). A abordagem de Rocca propõe o reconhecimento explícito de um real que ultrapassa a realidade estática. Bem como já assinalavam (Max Weber, Wright Mills, Gilberto

Duran) em imaginações sociológicas² e simbólicas³ que se deve levar o irreal a sério, se quisermos apreender o real com precisão. É o ideal imaginário ou até a força da imaginação que em certos momentos essa força “corporizada” torna-se forma, torna-se corpo, torna-se real. Um transporte do plano simbólico ao plano funcional (MAFFESOLI, 2018).

Afinal, de acordo com Pesavento (2003) o que chamamos de ‘mundo real’ é aquele trazido por nossos sentidos, os quais nos permitem compreender a realidade e enxergá-la desta ou daquela forma. Visto que o imaginário é motor de ação do homem ao longo de sua existência, é esse agente de atribuição de significados à realidade, é o elemento responsável pelas criações humanas; resultem elas em obras exequíveis e concretas ou se atenham à esfera do pensamento ou às utopias que não se realizaram, mas que um dia foram concebidas. Dessa forma, iremos transitar pelo passado (memórias), presente (cotidiano) e futuro (imaginários) para interpretar a cidade.

Destarte a cidade será lida e interpretada por diferentes pontos de vista, vozes autônomas, com seus históricos, estilos, ideais, simbolismos e imaginários. Adicionando sincronicamente ou simultaneamente as várias vozes, selecionadas de acordo com um critério qualitativo (CANEVACCI, 1997). Será possível ter uma interpretação da relação do cidadão com o espaço público e como as intervenções artísticas repercutem nos espaços públicos, na sociabilidade e na vivacidade urbana.

A dissertação significa o compromisso de encontrar soluções para criar melhores espaços públicos para relação da sociedade com os mesmos e integrá-las ao planejamento urbano contemporâneo, uma devolutiva aos cidadãos e base para as cidades. Permite o detalhamento/desenvolvimento de um ideal/modelo de relação dos cidadãos com a cidade que dê sentido às atuais transformações urbanas, unindo os pontos de vista e perspectivas dos entrevistados, identificados como vozes-corpos. A inquietação que se encaminha na pesquisa versa sobre o olhar do cidadão para com a cidade e como as intervenções urbanas artísticas integram esse contexto.

O percurso metodológico é mostrado na Figura 2.

² Exercício de elaborar cenários sociais possíveis, termo do sociólogo Mills (1970).

³ Ideia tornada sensível e encarnada, termo do antropólogo Durand (1964).

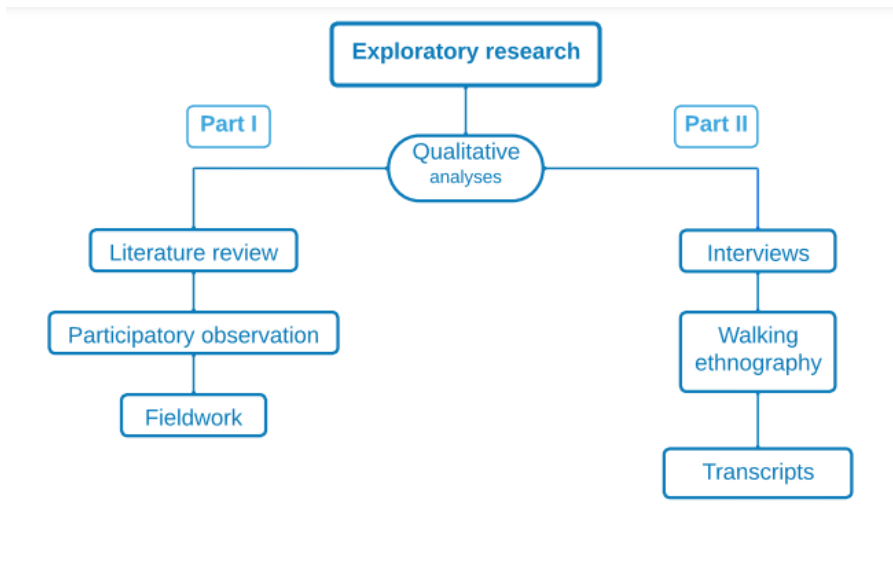


Figura 2 – Fluxograma do percurso metodológico
 Fonte: Autoria Própria

A pesquisa se divide em duas partes, temos uma parte teórica (Parte I), com diálogo entre os autores que embasam a pesquisa, posteriormente, em um segundo momento, uma parte prática com as entrevistas e *walking ethnography* para coleta de dados (Parte II). Para consolidar os objetivos, inicialmente, foi realizada uma revisão de literatura para a construção de aporte teórico sobre os temas e conceitos pertinentes à pesquisa. O aporte teórico concedeu estrutura e norteamento para a pesquisa, buscando reflexões e discussões sobre a escolha dos caminhos para a investigação e compreensão da relação cidadão-cidade.

A observação participativa e a pesquisa de campo são decisivas para olhar a cidade identificando rastros, vestígios dos movimentos dos cidadãos nos espaços públicos. Como cita Gehl e Svarre (2018), a observação exige que a observadora aguce seus sentidos como detetive na trilha da atividade humana, ou de sua falta. A serendipidade caminhante e a descoberta ocasional da cidade, como diz Carlos Fortuna, estará presente. O espaço público passará a ser espaço público de todas as cidades com suas vozes e linguagens (FORTUNA et al, 2019). Com “pés e os olhos na rua” começamos a *flânerie* pela cidade, deixemo-nos nos levar pelo desfrute

Comentado [1]: Por que em inglês?

de andar pelas ruas colhendo impressões, explorando a cidade através do olhar do *flâneur*⁴. Retratemos a arte de flânar pelo botânico do asfalto⁵, o nosso primeiro encontro para *sentir e ser* cidade começa aqui.

A rua transforma-se na casa do flâneur, que se sente em casa entre as fachadas dos prédios, como o burguês entre as suas quatro paredes. Para ele, as tabuletas esmaltadas e brilhantes das firmas são adornos murais tão bons ou melhores que os quadros a óleo no salão burguês; as paredes são a secretária sobre a qual apoia o bloco de notas; os quiosques de jornais são as suas bibliotecas e as esplanadas as varandas de onde, acabado o trabalho, ele observa a azáfama da casa. (BENJAMIN, 1994, n.p)

O *flâneur* simboliza o olhar atento e direcionado para os cidadãos, perpassando a observação e a escuta. “Para o *flâneur*, a rua é uma fonte inesgotável de entretenimento que proporciona múltiplas experiências, experiências essas que refletem a diversidade do mundo e das pessoas.” (BAUDELARIE, 1988, n.p).

Segundo Fortuna (2019), caminhar não é apenas olhar e escutar, é também sentir, em cada lugar, quem e como se vive na cidade e como se faz uso dela. É o que também expressa o pseudônimo do jornalista brasileiro, João do Rio:

Quando o flâneur deduz, ei-lo a concluir uma lei magnífica por ser para seu uso exclusivo, ei-lo a psicologar, ei-lo a pintar os pensamentos, a fisionomia, a alma das ruas. E é então que haveis de pasmar da futilidade do mundo e da inconcebível futilidade dos pedestres da poesia de observação...Eu fui um pouco esse tipo complexo, e, talvez por isso, cada rua é para mim um ser vivo e imóvel. (RIO, 2008, p. 3)

O *flâneur* é ingênuo quase sempre. Pára diante dos rolos, é o eterno “convidado do sereno” de todos os bailes, quer saber a história dos boleiros, admira-se simplesmente, e conhecendo cada rua, cada beco, cada viela, sabendo-lhe um pedaço da história, como se sabe a história dos amigos (quase sempre mal), acaba com a vaga idéia de que todo o espetáculo da cidade foi feito especialmente para seu gozo próprio. O balão que sobe ao meio-dia no Castelo, sobe para seu prazer; as bandas de música tocam nas praças para alegrá-lo; se num beco perdido há uma serenata com violões chorosos, a serenata e os violões estão ali para diverti-lo. E de tanto ver que os outros quase não podem entrever, o *flâneur* reflete. As observações foram guardadas na placa sensível do cérebro; as frases, os ditos, as cenas vibram-lhe no cortical. (RIO, 2008, p.6)

⁴ Baudelaire (1821-1867) foi o poeta francês conhecido por retratar através do olhar do *flâneur*. Sobre sua obra, Walter Benjamin (1892-1940) escreveu diversas análises.

⁵ Para o filósofo e sociólogo Benjamin (1994), o *flâneur* era uma espécie de “botânico do asfalto”, aquele que desfruta a cidade sem pressa.

Outro ponto para se destacar é a temporalidade, ou seja, a aventura, a oportunidade de estar no lugar apropriado: sucessão de instantes centrados na intensidade do momento, o júbilo do efêmero, a alegria e a curiosidade de viver e de desfrutar o que está presente aqui e agora. Ressurgência, sempre e novamente atual, o eterno *carpe diem*. Mas tal hedonismo popular constituindo a atmosfera do momento chama outra concepção do tempo: o presenteísmo⁶ (MAFFESOLI, 2018). Eis aqui uma das características que se quer ressaltar e ativar para a vida urbana nas cidades e que se busca com a pesquisa: desfrute do espaço. No sentido de incentivar as conexões sociais com os espaços urbanos e investigar essa conexão e como a arte repercute por ela.

A entrevista é o pretexto para o encontro, a escuta, a troca, a partilha e para a conversa com os informantes da pesquisa. O foco é a apreensão do sensível, quase indizível, que se cria nas abstrações e nas singularidades de cada entrevistado. Pressupõe o resgate de memórias afetivas, desdobramentos, atravessamentos que marcaram e marcam a relação com os espaços públicos. Destaca-se a obtenção de informes, contributos na voz dos entrevistados, os corpos da cidade.

As entrevistas foram realizadas na forma semiestruturada e individual como estratégia de compreensão da realidade de cada entrevistado, de entender a relação com a cidade e desenhar futuros possíveis. Foram realizadas online e em caminhadas.

Na proposição de retratar as experiências vividas, as ligações com o espaço urbano, as pertinências da arte e da técnica e seus significados, a metodologia de *walking ethnography*⁷ foi utilizada para a apreensão da narrativa do entrevistado. A mobilidade, os métodos móveis e as metodologias do caminhar atraíram atenção acadêmica significativa nas ciências sociais e humanas nos últimos anos (EVANS; JONES, 2011; PINK et al., 2010; LORIMER, 2008).

Baseando-se na afetividade e no sensível, é necessário aplicar metodologias mais coerentes com essa dimensão da experiência humana. A perspectiva adotada aborda uma forma multidisciplinar de pesquisa e prática, é a da caminhada como método de descoberta e de

⁶ Termo utilizado para designar o comportamento do trabalhador que embora esteja fisicamente presente no ambiente de trabalho, não detém plenas condições físicas ou psicológicas para realizar sua função.

⁷ Termo em inglês: *walking ethnography* ou *mobile studies* ou *sensory ethnography*.

relações e acontecimentos urdidos informalmente nos territórios da cidade (LORIMER, 2008; FORTUNA, 2019).

Sem guião prévio, a caminhada urbana partilha a virtude sociológica que, há meio século, Robert Merton assinalou ser típica do seu fluir espontâneo da pesquisa em ciências sociais. A serendipidade mertoniana surge retratada, então, como serendipidade caminhante, que, sob a égide da surpresa e do inesperado, revela espaços e detalhes impensados da cidade. (FORTUNA, 2019, p. 5)

Essa metodologia possibilita apreender dimensões sensoriais e afetivas das pessoas no seu cotidiano de lazer, sendo possível descobrir, desvendar a natureza da experiência estética e multissensorial (IARED; OLIVEIRA, 2017). O corpo da cidade aqui é a fala, a narrativa do entrevistado, trata-se do caminhar, escutar e sentir. Para Carlos Fortuna (2019), a “escuta” social das ruas e cidades constitui um instrumento de planeamento e compreensão da realidade urbana.

É nesta “escuta” da cidade que se desenrolam as biografias e as memórias urbanas das pessoas e dos lugares. Por isso, andar na cidade é um ato de criatividade e imaginação sociológica capaz de incentivar trajetos e reescrever histórias plurais de vidas vividas que complexificam e pluralizam o passado e projetam futuros de urbanidades impensadas. (FORTUNA, 2019, p. 6)

Desta maneira, para a definição dos entrevistados da pesquisa, seguindo os moldes da pesquisa de Iared e Olivera (2018), optou-se por utilizar amostra de julgamento, uma vez que esse procedimento consiste em contactar pessoas voluntariamente para responder a uma entrevista (OLIVEIRA, 2001), ou seja, aqueles que possuem ambientações no espaço público. Procuraram-se pessoas que tivessem um histórico de envolvimento em relação ao panorama teórico urbanístico, panorama prático da participação social e da participação comunitária e ao universo artístico-cultural, a partir do espaço público. Considerando esse perfil de envolvimento, convidaram-se pessoas que sabia a priori ter um histórico de relação com o espaço público, limitando-se pelo diálogo luso-brasileiro. Foram convidadas pessoas de grupos a qual a pesquisadora tinha contato ou foi conhecendo ao longo da pesquisa de campo.

O roteiro de entrevista, presente no Apêndice 1, discorre a partir de três tópicos (relação com o espaço, relação afetiva, intervenções artísticas), os quais foram delineados com o intuito de criar certa objetividade no percurso de coleta de dados, a fim de responder à pergunta da

pesquisa: como as intervenções artísticas favorecem a relação afetiva do cidadão com os espaços públicos da cidade promovendo maior vivacidade e sociabilidade urbana?

Caracterização dos tópicos:

- i. caráter humanístico e sensível embasados pelos autores Jan Gehl e Jean Paul Thibaud;
- ii. relação com o espaço embasado por Yi-Fu Tuan;
- iii. intervenções artísticas urbanas por Adriana Sansão, Lydon, Jaime Lerner.

O desenho dos tópicos se fez para saber desatar as amarras dos entrevistados para que possamos, de maneira paradoxal, ter acesso ao que é ao mesmo tempo enraizado e aberto: a vida em seu dever, a imanência ligada à cidade e ao espaço público (MAFFESOLI, 2018), aos sentimentos, emoções, afetividades com o espaço público. Acredita-se que a coletividade pode tornar a cidade mais equânime, uma vez que são comunidades que consolidam a transformação da vida urbana.

Na seção *Corpos e Vozes da Cidade*, manifestam-se mais detalhes do procedimento metodológico e do corpo-cidade. A partir dessa colocação, deixamos um apontamento aos leitores sobre a linha que tece a escrita do texto: o anacoluto dos capítulos. O sinuoso caminho das deambulações e discussões irá se apresentar em formato mosaico – colcha de retalhos. No roteiro deste caminho, o leitor pode ter encontros e reflexões que vêm, vão e voltam, assim como são os (des)encontros com a cidade. À luz da polifonia da cidade, os capítulos e as seções podem desenvolver um tema próprio, como se fosse um solista, que seja uma partitura musical. E, do conjunto paradigmático das várias vozes solistas que compõem a pesquisa, resultará o “estro harmônico” da cidade, a comunicação das vozes (CANEVACCI, 1997).

Espera-se que ao final da pesquisa, além de trazer respostas à questão que persegue, percorrer-se-á o caminho interdisciplinar que o estudo sobre cidades se faz na medida em que exige reflexões, análises, ponderações, críticas e múltiplos diálogos que interagem com diferentes camadas sociais e aspectos sobre direito à cidade, democracia, desenvolvimento e sociedade.

IV.1 Aspecto metodológico – Corpos e vozes da cidade

Canta um ponto bem bonito
Que o corpo quer dançar
E a dança dessa moça
Faz a rua se encantar.
Ponto de d. Maria Moambo

Reinventar afetos, aprender a gramática dos tambores, sacudir a vida
para que surjam frestas. Para que corpos amorosos, corpos de festa e
de luta se lancem no movimento e jamais deixem de ocupar a rua.
Luiz Antonio Simas

O poder transformador da rua está na alteridade da fala.
Luiz Antonio Simas

Em sua obra, Simas (2020) rememora o filósofo alemão Walter Benjamin que traz a importância de atentar os fazeres cotidianos como caminho para escutar e compreender as outras vozes, além da perspectiva do fragmento como miniatura capaz de desvelar o mundo, sendo a chave para desatar nós. Benjamin pensava também sobre a importância de o historiador ter pelo objeto de reflexão o interesse do olhar da criança pelo residual: é a miudeza que vela e desvela as ruas e as nossas gentes.

Aqui, regulamos nosso olhar, com olhos ainda mais atentos e ouvidos sintonizados para captar as miudezas que velam e desvelam as vozes da cidade, as narrativas urbanas. Iremos conhecer mais a fundo a sensibilidade revelada por esses entrevistados a partir da relação com o espaço público. Teremos o desafio de equalizar as vozes que formam o coro representativo (CANEVACCI, 1997), um coro equânime, singular e plural, homogêneo e heterogêneo que ora tem suas particularidades e singularidades em vozes que se destacam em solos e ora tem suas universalidades e pluralidades.

As cidades, como os sonhos, são construídas por desejos e medos, ainda que o fio condutor de seu discurso seja secreto, que as suas regras sejam absurdas, as suas perspectivas enganosas, e que todas as coisas escondam uma outra coisa [...]. De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas as respostas que dá às nossas perguntas. Ou as perguntas que nos colocamos para nos obrigar a responder. (CALVINO, 2003, n.p)

Sendo a entrevista como ferramentas para capturar as respostas que se quer com a pesquisa, considerando que o poder de transformação do espaço público está na alteridade das vozes, intenciona-se, a partir das trajetórias e “experiências” dos entrevistados, investigar as nuances das intervenções artísticas no espaço urbano e os atravessamentos para uma abordagem humanística e sensível da cidade. Já que existem tanto espaços quanto experiências espaciais distintas, propõem-se entender os sentidos e significados possíveis, observar, escutar e captar as narrativas dos entrevistados a partir das “experiências” de cada um e a sua relação/elo com o espaço público.

As entrevistas interceptam dois momentos da pesquisa, no primeiro enquanto ferramenta do método para discussões e reflexões sobre cidade; e em segundo como parte do experimento de estudar a relação cidadão-espaço público e de deixar ser afetado por (re)conhecer histórias, memórias afetivas e sensoriais, vivências e subjetividades das afetividades do caminho. A intenção aqui é entender os possíveis sentidos da relação do entrevistado com o espaço público e como isso pode interferir na concepção e transformação da cidade contemporânea, ou até mesmo do cidadão.

Como propunha Certeau (1998, n.p) se toda narrativa é “um relato de viagem – uma prática do espaço”, essas narrativas podem reproduzir as “experiências” dos espaços que qualificam e constroem os espaços públicos, podendo ser identificadas características de ordem em comum, dando significados para uma relação sensível e humanística do espaço e a arte como fator de transformação de espaços e, conseqüentemente, de pessoas. O resultado que se espera é a vivacidade e o brilho nos olhos para o cidadão. Uma relação de proximidade a partir de uma escala humana.

O entrevistado julga a partir do seu espaço de origem e dos espaços que já habitou, da sua experiência pessoal, e possui suas próprias referências. É a partir da leitura da organização do espaço que a pesquisadora vai esclarecer a relação com os espaços públicos. Para isso, seguindo com o desenvolvimento da etapa do procedimento metodológico, as entrevistas serão realizadas a partir da técnica, prática, laço com o lugar, com a comunidade e com o espaço urbano.

Os perfis dos entrevistados foram identificados como corpos-vozes que detêm de uma experiência corporal da cidade. De acordo com Paola Berenstein Jacques (2012), autora do livro *Elogio aos Errantes*, esse tipo de experiência urbana pode ser estimulada por uma prática de errâncias urbanas que resulta em *corpografias urbanas*. Para a autora, *corpografia urbana* é

um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, uma memória inscrita no corpo, um registro da experiência com a cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida e que configura o corpo de quem a experimenta.

Esses corpos que desenham e escrevem grafias e emitem vozes são compostos por cidadãos, artistas, produtores culturais, curador de arte utilizando a arte como elo essencial. A escolha desse corpo se deu primeiramente pelo vínculo, afeto, conhecimento e vivência em relação ao espaço público (trabalharam ou trabalham no espaço urbano) – existe familiaridade com expressões, manifestações, práticas, intervenções artísticas e culturais no espaço público; e posteriormente o acesso por parte da pesquisadora aos escolhidos. E também um corpo mais técnico, composto por pesquisadores da área do planejamento urbano, de diferentes contextos, urbanista, arquitetos, geógrafa, bióloga tendo as questões do espaço urbano como elo.

Quadro 1 - Caracterização dos entrevistados:

Nome e Nacionalidade	F/M	Idade	Profissão	Formação
E1, Brasileiro	M	40	Músico e Historiador	Graduação em História
E2, Brasileira	F	35	Bióloga	Graduação em Biologia
E3, Portuguesa	F	39	Investigadora na área de Planejamento do Território	Licenciatura em Geografia e Mestre em Planejamento Regional e Urbano
E4, Português	M	42	Educador	Licenciado em Teatro
E5, Brasileira	F	50	Arquiteta	Mestre em Planejamento Regional e Urbano
E6, Português	M	50	Arquiteto e Investigador	Licenciatura em Arquitetura pela Universidade de Porto
E7, Brasileira	F	33	Cantora e Compositora	Graduação em Engenharia Civil
E8, Brasileira	F	33	Estudante	Graduação em Filosofia
E9, Portuguesa	F	70	Poeta	Licenciatura em Pedagogia
E10, Portuguesa	F	38	Técnica Comunitária - Coordenadora de projetos de participação social	Licenciatura em Educação Social
E11, Português	M	38	Coordenador do Teatro Gretua	Licenciatura em Cinema

Comentado [2]: Dispensável, pois a nacionalidade já explica.

IV.2

Etapas metodológicas - Corpo-Cidade

A pesquisa organiza-se temporalmente no fluxograma mostrado na Figura 3.

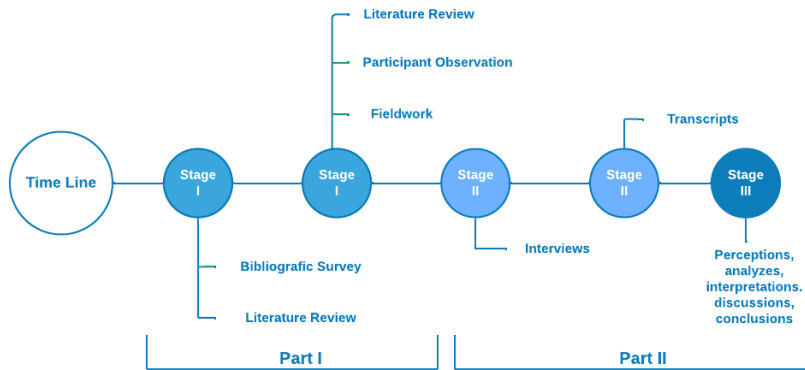


Figura 3 – Fluxograma linha temporal da pesquisa
Fonte: Autoria Própria

De forma sucinta, como já mencionado, foi realizada uma pesquisa bibliográfica e revisão de literatura. O método de pesquisa utilizado é *walking ethnography* com aportes na observação participativa e na pesquisa de campo. A ferramenta de coleta de dados são as caminhadas etnográficas com entrevistas semiestruturadas – presenciais e *online* via *Google Meet*. Há um recorte dos entrevistados por serem percepções luso-brasileiras. Foram 11 entrevistados, quatro homens e sete mulheres. A idade variou entre 33 e 70 anos. Atualmente, três moram no Brasil e os outros em Portugal.

Por conseguinte, foram feitas as transcrições e análises de acordo com as percepções e percursos dos entrevistados. E assim, consequentes avaliações e análises dos resultados a partir da composição de excertos das falas dos entrevistados, levantamento pictográfico, fotografias, livros, graffiti, grafias urbanas, significados, simbologias e material gráfico. Pode-se entrever que as figuras presentes no corpo do texto foram selecionadas para subsidiar a percepção dos entrevistados. Doravante uma lógica, há uma costura entre as vozes para a composição da polifonia urbana.

V. ESTRUTURA DA PESQUISA

Seguindo com a pesquisa, neste último tópico da *Introdução*, pontuou-se até o momento, majoritariamente, a escrita em terceira pessoa, expressando o diálogo com autores(as) e aproximando o leitor com o texto e o desenvolvimento da pesquisa. Entende-se uma maior imersão do leitor, já que a escrita evidencia o mergulho da pesquisadora no percurso de investigação, nos caminhos e encontros com a cidade em suas diversas facetas.

Atribui-se à *Introdução*, situar o leitor com uma primeira aproximação ao tema, pressupostos, objetivos e procedimentos metodológicos da pesquisa. O Capítulo I compreende discussões entre *Ser e Sentir a Cidade*, reflexões fenomenológicas sobre a concepção de uma cidade para pessoas, humanística, sensível, refletindo sobre perspectivas, percepções, conceitos e fenômenos que a caracterizam. Segundo Husserl (2002), “contemplar o mundo a partir da nossa atitude fenomenológica significa vê-lo pura e exclusivamente do modo como adquire sentido e validade existencial em nossa vida de consciência e em configurações sempre novas”.

A fenomenologia de Husserl parte do questionamento de uma objetividade, em qual vivência ela coexiste, e assim a torna objeto de análise. Início, então, o percurso pela cidade com um breve contexto histórico, a partir do século XIX até a contemporaneidade que nos encontramos. Em suma, abordar-se-á como a maneira de estudar as cidades foi se diferenciando, e como a cidade passou e passa por momentos e modos de construção, interpretação e transformação do espaço urbano. Subsequente, a abordagem que se pretende com a pesquisa trilha caminhos para nos aproximarmos do território da cidade do encontro, do nível dos olhos, da afetividade e das ambiências que nos mostram modos de *ser e sentir* a cidade.

Quando Heidegger (2005) discute sobre a questão do ser, introduz a ontologia do ser como possibilidade. Na pesquisa estudar-se-ão as possibilidades de ser na cidade, aqui se encontra a abertura da cidade, o que relaciono com o seu conceito de “Ser-(aí)”. O *Ser Cidade* está aberto às possibilidades de se constituir e construir. Alguns questionamentos derivados da questão central da pesquisa podem ser feitos nesse momento: Quem somos na cidade? Como é a cidade em que se vive? Quais são as possibilidades para a cidade que queremos viver?

Pensar o sentido do ser é escutar a realidade nos vórtices das realizações, deixando-se dizer para si mesmo o que é digno de ser pensado como o outro. O pensamento do ser no tempo das realizações é inseparável das falas e das línguas da linguagem com o respectivo silêncio. E se dão muitas falas. A fala da técnica, a fala da ciência, a fala da convivência, a fala da fé, a fala da arte. Pois a fala do pensamento é escutar. Escutando, o pensamento fala. A escuta é a dimensão mais profunda e o modo mais simples de falar. (LEÃO, 2005, n.p)

Leão (2005) nos remete a profundidade do ser em sua fala e seu silêncio. As suas falas citadas neste fragmento estarão presentes na pesquisa, representadas, respectivamente, pela ordem do seu discurso, pelo do corpo técnico, pela escrita, pelo trabalho de campo, pelos valores e crenças dos cidadãos, e pelo corpo artístico. Pode-se entrever a importância das diversas “vozes” da cidade em sua representatividade, da observação pelo silêncio, e das decantações que se exigem ao longo da pesquisa.

Como as sociedades se servem ou não do espaço para se consolidar e se dar algum sentido? (SEGAUD, 2016). O Capítulo II abarca esses questionamentos e traz discussões sobre o *Habitar a Cidade*, a partir de uma totalidade orgânica cujos aspectos estão conectados entre si. A dialética entre arte e técnica para permear a vitalidade e a sociabilidade da cidade; a intervenção artística como experiência e a cidade polifônica com os corpos-vozes em corpos-cidade.

Heidegger cita o verso do poeta Hölderlin: “o homem habita poeticamente”, portanto o habitar está em sua essência poética. Há um movimento simétrico entre Lefébvre e Bachelard, o primeiro “pensa o ser da poesia como um construir, um fazer habitar”, o segundo desloca a poesia para onde não era esperado: para a vida cotidiana (SEGAUD, 2016).

No século XIX, o olhar dos escritores mira a cidade como personagem poética. Principalmente, Baudelaire, poeta da modernidade, que elege pela primeira vez a cidade como fonte de inspiração. A cidade transforma-se em organismo vivo e atuante na vida dos escritores. Muitos foram os que passaram a vislumbrar a movimentação da cidade e dos espaços, como um emaranhado de sensações e sentimentos (PRECIOSO, 2002; CANEVACCI, 1997).

Lefébvre, por um lado, mostra que, por mais banal e insignificante que seja, a vida cotidiana não deixa de construir a trama da vida social. Por outro lado, ele opõe *poesis* e *mimesis*, não como uma oposição entre elite e massa, mas considerando, ao contrário, que as forças criativas estão operando em todos os grupos sociais, e naqueles mesmos que fazem a cidade no decorrer da história (SEGAUD, 2016).

Tanto para a poesia, quanto para a filosofia, o homem habita o mundo e o mundo é seu espaço nas diversas idiossincrasias. É o que o antropólogo Hall cita:

everything that man is and does is associated with the experience of space. Man's sense of space is a synthesis of many sensory inputs: visual, auditory, kinesthetic, olfactory, and thermal. Not only does each of these constitute a complex system—as, for example, the dozen different ways of experiencing depth visually—but each is molded and patterned by culture. Hence, there is

no alternative to accepting the fact that people reared in different cultures live in different sensory worlds. (HALL, 1966, n.p)

A partir de Hall (1966), direciona-se a relação cidadão-cidade sobre como as intervenções artísticas são experiências aos cidadãos e promovem uma maior conexão com o espaço público. E como as intervenções artísticas podem ser reveladas como ferramentas e instrumentos de transformação do espaço público. Feito isso, as observâncias e investigações da pesquisadora são retomadas a fim de apresentar como essas discussões contribuem para a abordagem humanística e sensível da cidade.

A partir da abordagem construída, sabe-se que o corpo-cidade tem suas necessidades de sobrevivência, econômicas, sociais, simbólicas, afetivas, psicológicas e filosóficas. Todavia, vamos nos concentrar nas conexões e nas relações afetivas que os cidadãos constroem com o espaço público. Identificados os corpos/entrevistados a fim de investigar, analisar e descrever essa relação cidadão-espaço público e como as intervenções artísticas favorecem uma abordagem humanística e sensível para a cidade a partir dos pontos de vista deles.

O estudo da cidade, para a pesquisa, se apresenta como uma cidade aberta, de contínua construção-transformação-aprendizagem, pressupõe sempre reflexões adjacentes até mesmo por conta do caráter interdisciplinar. Porém não se centra, necessariamente, na aplicação em totalidade dos conceitos. Trata-se do questionamento, reflexão da vida urbana e provocação ao planejamento urbano da cidade. “É hora de passar do planejamento da cidade ao planejamento da vida urbana” (MORENO, 2021, n.p). Para promover uma melhor sociabilidade urbana e vitalidade à sociedade é essencial nos perguntarmos: Em que cidade vivemos hoje? Que cidade queremos viver amanhã? Que cidade queremos para a próxima geração? E como é a relação com os espaços públicos da cidade? Pois é este o palco dessa sociabilidade, vitalidade, e até mesmo dos desafios sociais e de sustentabilidade atuais. Modificar nossa relação com o tempo e com os lugares urbanos se faz necessário, é o que afirma o urbanista Moreno (2021).

Enquanto Husserl (2002) pontua que a atitude fenomenológica se dirige exclusivamente ao universo da subjetividade, que nos dá o mundo como existente. Guattari e Rolnik (1996) enfatizam como as relações humanas e até suas representações são de certa forma inconscientes: os modos como se trabalha, como se ama, como se fala, como se relaciona etc., são influenciados pela ordem capitalista. Essa ordem incide nos esquemas de conduta, de ação, de gestos, de pensamento, de sentimento, de afeto – incide nas montagens da percepção, na

modelização das instâncias intra-subjetiva, fabrica a relação com os fatos, com a natureza, com o movimento, com o presente, com o passado e com o futuro – em suma, ela fabrica a relação do homem com o mundo e consigo mesmo. Aceita-se essa situação? Se sim, ao encontro de Calvino (2003) essa escolha pode ser uma maneira para não sofrer.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira mais fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir o espaço. (CALVINO, 2003, n.p)

Nada obstante, a segunda maneira retrata qual a presente pesquisa quer abordar e seguir. Com a prerrogativa da figura do cidadão, com o foco no espaço público e na intervenção artística como experiência agregadora a esse espaço. Em busca de uma cidade aberta e de espaços abertos, detemos da maneira pela qual abordaremos a vida urbana e seguiremos pesquisa adentro.

No Capítulo III, com um olhar de perto e de dentro de Magnani (2002), analisar-se-á os dados coletados a partir dos aspectos efêmeros/humanísticos e sensíveis que nos levaram à compreensão da relação afetiva do cidadão com o tecido urbano enquanto construção individual e coletiva. O que afeta e cria marcas para a vida urbana, o que promove uma melhor sociabilidade urbana, e o que e como as intervenções artísticas podem promover para os espaços públicos e para a vitalidade da cidade.

Agora chega o movimento do convite ao leitor para nos perdermos na cidade, pelo menos a primeiro instante. “Não saber se orientar numa cidade não significa muito. Perder-se nela, porém, como a gente se perde numa floresta, é coisa que se deve aprender a fazer.” (BENJAMIN, 1971, n.p).

A partir do desejo de querer “perder-se na cidade”, Canevacci (1997) em seu texto apresenta-se convencido da elaboração de uma metodologia da comunicação urbana. Aceita-se ser estrangeiro, desenraizado e isolado, para assim, captar e apreender, antes de poder reconstruir uma identidade e se encontrar. Canevacci vê prazer nisso. É nosso ponto de partida para a interpretação da cidade.

O desenraizamento e o estranhamento são momentos fundamentais que – mais sofridos do que predeterminados – permitem atingir novas possibilidades

cognitivas, através de um resultado “sujo”, de misturas imprevisíveis e casuais entre níveis racionais, perceptivos e emotivos, como unicamente a forma-cidade sabe conjugar. (CANEVACCI, 1997, n.p)

Por meio da multiplicidade dos enfoques – olhares e corpos da cidade – e com abordagens relacionadas ao tema da pesquisa, a abstração epistemológica da pele da cidade e do corpo-cidade, acredita-se que seja possível atrelar-se à representação do objeto da pesquisa, a relação cidadão-cidade-arte.

Assim feito, a modo de Baudelaire, poeta francês – conhecido por explorar as transformações da cidade – deixemo-nos levar pelo desfrute de flunar pela cidade e embriagar-se com a pesquisa ou com o que o leitor desejar.

Embriaguem-se

É preciso estar sempre embriagado.

Aí está: eis a única questão.

Para não sentirem o fardo horrível
do Tempo que verga e inclina para a terra,
é preciso que se embriaguem sem descanso.

Com quê?

Com vinho, poesia ou virtude, a escolher.

Mas embriaguem-se.

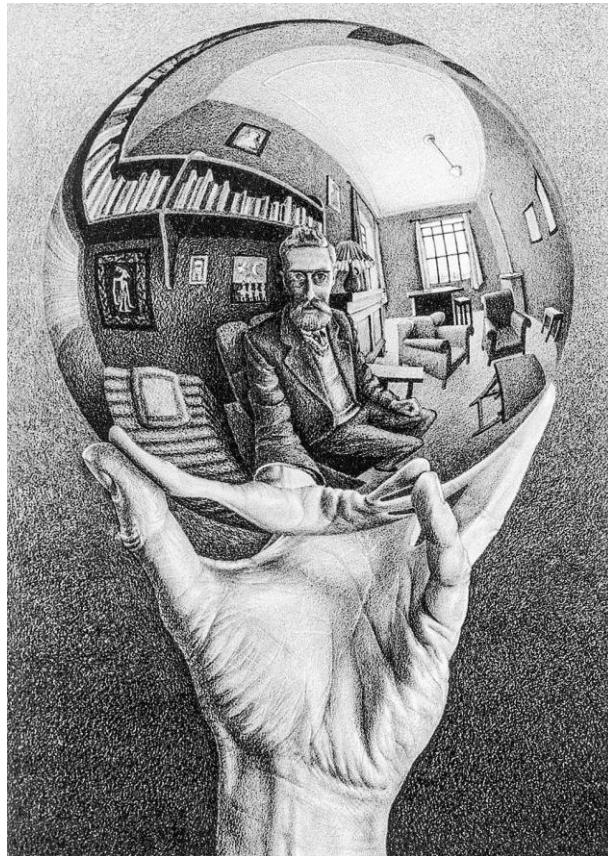
E se, porventura, nos degraus de um palácio,
sobre a relva verde de um fosso,
na solidão morna do quarto, a embriaguez
diminuir ou desaparecer quando você acordar,
pergunte ao vento, à vaga, à estrela, ao pássaro,
ao relógio, a tudo que flui, a tudo que geme,
a tudo que gira, a tudo que canta,
a tudo que fala, pergunte que horas são!
E o vento, a vaga, a estrela, o pássaro, o relógio responderão:
É hora de embriagar-se!

Para não serem os escravos martirizados do Tempo,

embriaguem-se! Embriaguem-se sem descanso!
Com vinho, poesia ou virtude, a escolher.

Charles Baudelaire (1995).

VI. CAPÍTULO I – SER E SENTIR A CIDADE



Autorretrato em Esfera Espelhada
Escher (1935)

Ser, eu diria, não é estar *em* um lugar, mas estar *ao longo* de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se.
Tim Ingold, *Estar Vivo*, 2015

A cidade é a possibilidade do indivíduo ser: quanto mais ela é introjetada no plano familiar, íntimo, pessoal, quanto mais ela parece estruturar o indivíduo com pertencimentos, tanto mais ela compõe, de fato, o ser urbano.
Britto e Jacques, 2009

1. PERCORRER A CIDADE: Breve contexto histórico



Acima de tudo, nunca perca a vontade de caminhar. Todos os dias, eu caminho até alcançar um estado de bem-estar...
Kierkgaard (1813-1855)

A cidade contemporânea passa por um momento de discernimento para compreender-se e concretizar seus desafios de constante (trans)formação. A cidade se molda de acordo com a conjuntura em que está inserida. A sua construção pode acontecer de modo intuitivo, planejado ou não, sendo transformada, remodelada, modificada e ressignificada. A alteridade é uma bússola na cidade, um calibre presente nas transformações e construções que se fazem mutáveis, transitórias e sendo até destruídas e descaracterizadas em qualquer instante/momento.

No século XIX, a amplitude das cidades passa a ser novidade, acelera-se o processo de urbanização que acompanha o ritmo da industrialização. O fenômeno urbano passa a vir à tona e as fronteiras de muros e torres passam a ser transgredidas. É a cidade sendo transformada. O conceito de cidade moderna pode ser ilustrado no projeto da *Ville Radieuse*, de Le Corbusier (1887-1965), traduzindo o que havia de mais moderno para a época. O fervor pela máquina e pela velocidade é expresso em sua obra pelas vias de trânsito rápido subterrâneas, grandes artérias de mão única, reduzindo o número de ruas em meio aos prédios. E a segregação de

espaços, setorizando as cidades e os espaços públicos. Limitando, assim, o espaço das pessoas e pedestres aos parques e ambientes planejados. Os conceitos modernos foram absorvidos das mais diversas maneiras, seja por meio dos zoneamentos urbanos seja pelo espraiamento urbano que se gerou (JACOBS, 2013).

Valendo-se das palavras de Le Corbusier (2010) a rua moderna seria uma obra-prima da engenharia e não mais um trabalho de empreiteiros, e a caracteriza como um organismo novo, uma espécie de fábrica alargada, um depósito ventilado com múltiplos órgãos complexos e delicados (as canalizações). O arquiteto ainda pontua sobre essa rua-fábrica: a realização dessa fábrica envolve tanto a construção das casas que costumam flanqueá-la como as pontes que a prolongam através dos vales ou por cima dos rios. A modernidade impõe um questionamento entre os limites do público e do privado (CHOAY, 2010).

Nos versos de Baudelaire (1821-1867), a modernidade é presente sob diversos aspectos. Em *As flores do mal*, de 1857, o poeta documentou o mundo em revolução, em um dos poemas *O cisne*, a cidade é o tema. Seus sentimentos são filtrados por sensações, em consonância com a vida de gestos automáticos e reações instintivas dos centros urbanos (ZEITEL, 2021).

(...)

A velha Paris não é mais! (a forma de uma cidade
Muda mais rápido, infelizmente, que um coração mortal);

(...)

Paris muda! Porém minha melancolia

Não!

Novos edifícios, andaimes, palácios novos, avenidas,

Blocos, para mim tudo vira alegoria,

E mais que as pedras, pesam lembranças queridas.

(...)

O cisne
Charles Baudelaire (1857)

Baudelaire viveu no período do alto capitalismo em uma cidade fragmentada enfrentando a inadequação e seu estranhamento pela época, no qual o sujeito histórico sente a

sua identidade estilizada ao submeter-se às regras da dinâmica social (MENEZES, 2004). O crepitar das máquinas servia de trilha sonora ao balé da maré humana, regido pelos ponteiros dos relógios. De dia, a multidão apinhava-se em direção ao trabalho fabril (ZEITEL, 2021). À noite, a massa dispersava-se até as casas, dando lugar, ao vazio nas ruas, aos escroques e desvarios nas vielas.

Os limítrofes da vida urbana na modernidade são alterados, e a história das cidades sendo escrita no espaço do tempo. A exigência de recuos na rua moderna afasta o indivíduo da rua e a rua do indivíduo, criam-se espaços vazios sem uso social. Se antes o espaço urbano era um espaço coletivo de relações humanas, agora o estar no mundo urbano moderno fomenta certo distanciamento. É a cidade de vias rápidas e longos passeios a pé, quando possíveis. As casas são mais isoladas e privativas, há um espaço vazio de relação social - afastamentos.

Sob essa ótica, Andrade (1996), em suas análises, delineou a corporatura da cidade moderna a partir de “transformações e perda das referências físicas, sociais e afetivas; da homogeneidade, mas também da diversidade e da heterogeneidade; dos contrastes; da percepção fragmentada, fugaz e subjetiva, e das instituições culturais e artísticas”. (ANDRADE 1996, n.p)

Os contrastes, consequência da grande diversidade, na cidade moderna, são expressos, sobretudo, pelos seguintes elementos contrastivos: pobreza e riqueza, degradação e opulência, ordem e caos, liberdade e controle, barbárie e civilização, sedução e temor pelo radicalmente novo, trabalho e ócio, intelectualidade e futilidade, solidão e multidão, processos individualizantes e massificantes, a cidade diurna e a cidade noturna, cada qual com seus personagens e ordens distintas (ANDRADE, 1996 apud SENRA, 2011). Justamente, uma cidade de paradoxos, segregada e setORIZADA.

A conquista dos carros na cidade estava em contradição com os pré-requisitos da vida para pedestres. O espaço estava sendo disputado. A modernidade e a motorização colocaram fim nesta disputa, reservando a rua à circulação privilegiada do automóvel e destinando aos pedestres um pequeno espaço denominado passeio público. Na medida em que o Brasil se urbanizava em função da indústria automobilística, a lógica de priorização das ruas e avenidas para os automóveis ganhou cada vez mais espaço (VIEIRA, 2010). A história da cidade, todas suas formulações físicas e novos cenários, respirava na poesia de Drummond, a partir das indagações de seu eu lírico:

Por que ruas tão largas?

Por que ruas tão retas?

Meu passo torto foi regulado pelos becos tortos de onde venho.

Não sei andar na vastidão simétrica implacável.

(...)

Aqui obrigam-me a nascer de novo, desarmado.

Ruas

Carlos Drummond de Andrade (1986).

“Minha rua acordou mudada. Os vizinhos não se conformam. Eles não sabem que a vida tem dessas exigências brutas”. Andrade (2008, n.p), denuncia as reformulações dos logradouros urbanos na realidade da vida urbana. Uma cidade maior implica maior dificuldade de acesso às suas diferentes áreas e, à medida que ela se expande e separa os locais de trabalho, moradia e comércio, mais do que uma opção, o carro torna-se cada vez mais uma necessidade (GEHL, 2013). Para situar a mudança das ruas e assinalar o caráter individualista e de indiferença do automóvel, Cabral é referido:

As ruas [...] foram transformadas num espaço tumultuado, onde centenas de pessoas de todas as classes e situações passam correndo umas pelas outras, sem ao menos se olharem. As ruas [...] deixaram de ser espaço de passeio e lazer para converter-se em espaço de indiferença. (CABRAL, 2005, n.p)

Evidencia-se que, na organização urbana moderna, o automóvel detém um lugar privilegiado. Depois da revolução industrial, a cidade experimenta um crescimento formidável, as ondas de trabalhadores seguem para a periferia e se amontoam em *slums*, enquanto o centro – historicamente mais organizado – eventualmente se torna o local de trabalho, cultura e comércio, se esvaziando à noite. Se primeiro as classes baixas são obrigadas a se abrigar na periferia, logo também a classe média se organiza em subúrbios ou cidades-dormitório (GOITIA, 1992).

Tudo se passa como se as mudanças estruturais da sociedade se refletissem no espaço urbano, [...] com suas ruas estreitas e tortuosas. Um novo modelo de modernidade urbanística se impõe, privilegiando as grandes vias, a circulação dos transportes [...] (ORTIZ, 1991, n.p)

Jean-Louis Harouel (1985) chama a valorização do moderno – da indústria, do automóvel, da tecnologia – na organização da cidade de *urbanismo progressista*. Pode-se entrever que o intenso processo de crescimento econômico e urbano do Brasil, durante o século XX, provocou inúmeras consequências, materializadas na construção das cidades, principalmente, com o surgimento do automóvel – como símbolo da prosperidade – e seu uso excessivo ocasionando o congestionamento de vias que assim, interferiram na qualidade da caminhabilidade do pedestre, nos deslocamentos de ciclistas e no transporte público.

“O espaço urbano era projetado de modo mais ou menos intuitivo, com ajustes feitos de acordo com a mudança das necessidades.” (GEHL; SVARRE, 2018, n.p). A tendência modernista para a inovação implicava uma definitiva ruptura com formas tradicionais do espaço público. A vida cotidiana e a cena urbana se transfiguravam em contradição com os pré-requisitos da vida do pedestre que eram desatendidos. Os especialistas contavam carros para garantir um fluxo ótimo de tráfego, enquanto pedestres e ciclistas permaneciam, em grande parte, invisíveis nas estatísticas da maioria das cidades (GEHL; SVARRE, 2018).

Os automóveis adentram as cidades do século XX. Embora as cidades tivessem um departamento de trânsito, em poucas elas dispunham de recursos para proteger as condições dos pedestres e da vida na cidade. O enfoque passa, gradualmente, de uma arquitetura de 5 km/h para uma arquitetura de 60 km/h, extrapolando a escala do espaço público e o conhecimento tradicional sobre a boa e velha escala humana foi perdido e esquecido (GEHL; SVARRE, 2018).

À medida que os automóveis adentraram em grande parcela do espaço público disponível, houve uma ruptura definitiva das estruturas de sociabilidade. Cada elemento é pensado e projetado, muitas vezes, de maneira individual, sem levar em conta o entorno, o coletivo, o contexto e até mesmo os cidadãos. Projetos de grande escala dissociados de uma vida cotidiana e de interconexões dos espaços que se podem ver ao nível dos olhos. A rua, por exemplo, tem como função principal a circulação, e, mesmo que se possa admitir qualquer outro tipo de uso, o seu desenho prioriza claramente o veículo, sendo definida assim apenas como um lugar de passagem, aquém do lugar de permanência.

Appleyard (1928-1982) iniciou seus estudos sobre a vida na cidade com Kevin Lynch (1918-1984) e, em 1981, escreveu em seu livro que “as ruas se tornaram ambientes perigosos, inabitáveis, mas a maior parte das pessoas vivem nelas”. E como solução indicava que “as ruas precisam ser redefinidas como santuários, espaços habitáveis, comunidades; como território

para se morar; como locais para brincar, áreas verdes e de história local” (GEHL; SVARRE, 2018, n.p).

Muitas áreas urbanas foram planejadas e construídas, em meados do século XX, em função do ideal da modernidade, mas as críticas não se postergaram em chegar. Espaço público e vida na cidade não aconteciam na mesma medida. Gehl e Svarre (2018) elucidam que os projetos foram construídos em escala inumana e sem qualidades encontradas em ambientes urbanos mais antigos, que haviam sido erigidos, camada por camada, no decorrer do tempo.

Perguntava-se sobre a vivacidade na cidade, e a partir dos anos de 1960, autores como Jane Jacobs, Jan Gehl, William Whyte se perguntaram como trazer a vida de volta às cidades. A conclusão deles é que a vida dos cidadãos havia sido esquecida no processo de planejamento urbano e teria que ser repensada desde o início. A partir de então, a interação com o espaço público identifica-se como um campo a ser estudado com maior atenção, até mesmo a academia começou a se interessar pela vida na cidade e sua interação com o espaço público. Era preciso reunir conhecimento e desenvolver ferramentas para trabalhar a sinergia da vida e do espaço (GEHL; SVARRE, 2018).

Era o início de um campo especializado para estudos urbanos, de acordo com Sennett (2018) um urbanismo bem-intencionado que procura estimular o desejo de proximidade entre cidadão e cidade. Agora a cidade passa a ter olhares para formas arquitetônicas e cenários particulares que rompem com a modernidade, levando a ruptura do passado ao futuro que se anunciava: uma cidade que se relaciona cada vez mais com as vivências, as práticas e as experiências urbanas (NUNES *et al.*, 2012).

Jacobs (1916-2006), pioneira nos estudos da vida urbana, em que completam-se 60 anos do lançamento de seu clássico livro *Morte e Vida nas Cidades*, criticava o planejamento da época por ser abstrato e distante do ponto de vista humano, ao passo que o tráfego de automóveis tinha, cada vez mais, permissão para dominar as cidades. Ao encontro estava Gordon Cullen (1914-1994), com *Townscape*, que seguia as ideias de Camillo Sitte (1843-1903) e criticava o aspecto inumano e estéril de muitos bairros modernistas (GEHL; SVARRE, 2018).

Os estudos sobre a vida na cidade retomaram a rua como, talvez, o mais importante espaço público. Jane Jacobs (1961) defendia a rua como espaço social e não somente um espaço para o transporte de pessoas e carros. Um espaço com importantes dimensões sociais. De acordo com Steuteville (2011):

Jacobs não apenas via as coisas de maneira diferente com seus próprios olhos, mas também costumava observar, medir e caminhar pela cidade. Ela não tomou nada como garantido e internalizou tudo ao seu redor. Se as teorias não se encaixavam em suas observações, ela confiava em seus sentidos. (STEUTEVILLE, 2011, n.p; tradução nossa)⁸

A observação da vida urbana é fundamento, um “urbanismo observacional” é o que enuncia Steuterville. Gruber (2011) pontua que após 15 anos de meio século de expansão, em 1961, Jacobs fez o revolucionário: “proclamou seu amor pela vida na cidade”. E deixou um legado para planejadores e urbanistas da atualidade: um “conjunto de valores pró-urbanos” e o “amor pela cidade”. Sem falar de todos os “enfrentamentos da época com Robert Moses⁹, com a renovação urbana e o modernismo.”

William Whyte (1917-1999) começa um projeto pioneiro, intitulado *Street Life Project* (Projeto Vida na Rua) em 1971, de estudos sobre a utilidade do espaço público. Um estudo primordial para o início de ferramentas para sistematizar as observações de que Jane Jacobs tanto falava. Com observações assíduas e a fotografia com lapso de tempo identificou que o que mais atrai as pessoas, ao que parece, são outras pessoas (GEHL; SVARRE, 2018).

Entre as décadas de 1960 e de 1970, eram as primeiras pinceladas da obra de Jan Gehl e de sua esposa Ingrid Mundt questionando o planejamento urbano das cidades. Criticavam a falta de escala humana e a pobreza de experiência sensorial nos conjuntos habitacionais modernistas construídos na época.

Walter Benjamim (1892 - 1940), vanguardista de seu tempo, um dos intelectuais mais influentes do século XX, influenciou, sobretudo, as formas de como olhar a sociedade, a política, a ciência e a arte – em seu livro *Obras Escolhidas, Vol. 1 – Magia e Técnica, Arte e Política*, publicado em 1940, já observava sobre a questão da pobreza de experiências na vida urbana. E como isso era aceito pela sociedade aos moldes do modernismo.

e aos olhos das pessoas, fatigadas com as complicações infinitas da vida diária e que vêem o objetivo da vida apenas como o mais remoto ponto de fuga numa interminável perspectiva de meios, surge uma existência que se basta a si mesma, em cada episódio, do modo mais simples e mais cômodo, e na qual

⁸ Jacobs not only saw things differently with her own eyes, but she habitually observed, measured, and walked the city. She took nothing for granted and internalized everything around her. If the theories did not fit her observations, she trusted her senses.

⁹ Robert Moses, engenheiro americano com abordagens totalmente diferentes de Jacobs. Para mais informações: <https://bit.ly/37dY9AK>

um automóvel não pesa mais que um chapéu de palha, e uma fruta na árvore se arredonda como a gôndola de um balão. (BENJAMIM, 1987, n.p)

Não hesito em relacionar e recuperar Calvino, em *Cidades Invisíveis*, já citado anteriormente, com o fragmento de Benjamim. Elucida-se que a escolha da maioria das pessoas para não sofrer, é estar “no inferno dos vivos, onde aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo.”

A organização da sociedade reverberava o urbanismo progressista, sendo aquele que promovia a disseminação do moderno – valorização da indústria, do automóvel, da tecnologia – enquanto Jane Jacobs (2013) coloca o automóvel como responsável pela morte dos espaços públicos, apropriando-se dos espaços ocupados anteriormente por pessoas, alguns autores como Womack (1992) colocam o automóvel como agente transformador das cidades, abrindo novas possibilidades, expandindo e contribuindo para o desenvolvimento tecnológico.

Não obstante novas propostas e paradigmas organizacionais começaram a surgir, o que Harouel (1985) chama de *urbanismo humanista*. E Jan Gehl, evidenciado no título de seu livro *Cidade para Pessoas*, um dos mais conhecidos expoentes desse pensamento. Gehl (2013) aponta quatro objetivos-chave para uma cidade mais humanitária: vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde. Para ele, a cidade torna-se mais viva quando há incentivos às *experiências*: para as pessoas caminharem, pedalarem ou permanecerem nos espaços públicos. Mais segurança devido à ocupação das ruas, em primeiro nível porque há mais olhos vigiando os acontecimentos da cidade e, em segundo, porque há uma maior preocupação com o espaço público, agora visto como viável, ocupável, ao invés de um ambiente estranho, perigoso e distante.

Gehl critica a cidade espaçada, cheia de vazios, que dá prioridade ao trânsito de carros e ignora a dimensão humana, maltratando as pessoas que ainda tentam ocupar o espaço de locomoção, haja vista a cidade de Brasília e os modelos de cidade de Le Corbusier, com grandes escalas que se afastam de uma cidade para pessoa com espaços público possuidores de função cultural e social. A tradicional função do espaço como lugar de encontro torna-se mais difícil ou até inexistente em determinadas regiões da cidade. Para o autor, deveria ser uma preocupação primária do planejamento a qualidade de vida urbana, o que implica modificar a escala: diminuir os espaços de locomoção e tornar o espaço público um lugar mais agradável

de convivência comum, de atração de pessoas. Diminuindo, assim, a dependência dos carros e os problemas que advêm dessa.

O Projeto Espaços Públicos (*Project for Public Spaces, PPS*), criado em 1975, por Fred Kent, originado do trabalho de William Whyte, seu mentor. O PPS, que herda a militância de Jane Jacobs, é uma espécie de laboratório de estudos das dinâmicas das pessoas no espaço público. Kent, defensor da liderança comunitária e desenvolvimento de locais públicos, afirma que “lugares deveriam ser projetados ao redor das pessoas, não de carros”. Acentua que “as pessoas gostam de estar em lugares onde eles podem se socializar e de fazer parte de uma comunidade” (Kent, 2021, n.p). Assíduo da ferramenta da observação como método, há mais de três décadas, segundo ele “se você treinar você mesmo para observar, você pode aprender muito” (PALMER, 2008, n.p).

Um dos fundamentos do PPS é a ênfase na participação dos cidadãos nos processos de transformação e criação de “bons lugares”, a “comunidade é o especialista”. De acordo com Kent, as pessoas têm um senso intuitivo do que precisam, e o projeto oferece arcabouços para ajudá-las a identificar e expor o que é. Usam do termo *placemaking* (fazer lugares), com envolvimento dos usuários dos espaços públicos, refletindo o compromisso com a responsabilidade social. O foco direciona-se em criar uma cidade para pessoas, onde o elemento mais importante são as pessoas.

Com essas propostas organizacionais as cidades se tornam mais habitáveis. Valendo-se das palavras de Kent: mais e mais pessoas parecem estar sintonizadas com o fato de que o objetivo final da criação de um lugar é a felicidade (PALMER, 2008). É o que elucidou Aristóteles resumindo os princípios da construção das cidades em uma sentença: “Uma cidade deve ser construída de modo a proporcionar a seus habitantes segurança e felicidade” (CHOAY, 2010, n.p). E ainda Kent assinala: “você sabe que está em um lugar realmente bom se vê muito afeto”.

Para Christopher Alexander, “cidades são tanto espaço como vida, seus estudos fornecem uma nova estrutura para perceber e interagir com o mundo, uma metodologia para criar belos espaços e uma cosmologia onde arte, arquitetura, ciência e vida secular atuam confortavelmente juntas”¹⁰ (ALEXANDER, 1997, n.p.; tradução nossa). Para o arquiteto era

¹⁰ This series provides a new framework for perceiving and interacting with the world, a methodology for creating beautiful spaces, and a cosmology where art, architecture, science, religion and secular life all work comfortably together. Disponível em: <https://www.pps.org/article/calexander>

Comentado [3]: Revisar a construção da expressão..

preciso entender as habilidades de capturar as complexidades da vida urbana. Segundo ele, essa complexidade é que, na verdade, cria a vida, a beleza e a harmonia específicas de cada local. Em sua obra, *The Timeless Way of Building* (A Forma Atemporal de construir, 1979), defende que há uma forma atemporal de construir cidades para as pessoas possam, novamente, se considerar vivas (GEHL; SVARRE, 2018).

Alexander (1977) queria reinterpretar formas mais antigas de construir cidades, aprendendo a partir da interação entre vida na cidade e espaço público. Queria aprender sobre não só comportamento humano, mas também as concepções de como construir um espaço. Introduz que o espaço não é definido apenas em termos de uma “estrutura viva”, mas também em sua capacidade de afetar o crescimento e o bem-estar humanos. E ressaltava o poder das pessoas em projetar desde espaços, casas, cidades já que fazem parte do tecido social da cidade (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2008)

Para Gehl (2013) questões fundamentais são o respeito pelas pessoas, a dignidade, o entusiasmo pela vida e a cidade como local de encontro, sendo que os cidadãos têm em comum o caminhar, o aparelho sensorial, os padrões básicos de comportamento. Decorrente disso, de acordo com o autor, para a escala humana estar presente, dimensões sociais e psicológicas são tópicos a considerar tais como: espaços públicos para todos, autenticidade, o significado da cidade e do espaço público, prazer em participar da vida na cidade e outros valores menos concretos.

O espaço público tem a sua importância democrática, política, cultural, simbólica e histórica, pelas marcas do tempo, e ainda tem um papel vital como ponto de encontro para as pessoas. Sobre o significado dos espaços públicos, ao encontro das ideias de Gehl, Paula Santoro (2013), arquiteta e urbanista, afirma que:

É preciso produzir espaços públicos, com tudo o que possa haver de público nisso. Não se quer apenas que sejam acessíveis fisicamente, mas que sejam lugares de encontro, de tolerância, de mistura de raças, credos, rendas, agradáveis, seguros, de fruição e, principalmente, um lugar onde a cidadania possa se manifestar, onde o exercício da pólis possa acontecer. É isso que faz a cidade ser cidade: o encontro. (SANTORO, 2013, n.p)

Consoante com as ideias de Jacobs, havia agora um foco crescente nos valores humanos da cidade, do espaço público, nas funções mistas, na perspectiva local e em uma escala mais humana. O espaço público é visto como um importante elemento do planejamento urbano. A

partir dos anos 1990, a “sociedade da experiência” tornou-se tópico de discussão. Agora, as pessoas precisavam ter experiências, interações, conexões com os espaços públicos, delineando o aumento do uso do espaço como ambientes de trocas com diversas escalas sociais e culturais. O espaço público era catalisador da vida na cidade, prerrogativa onde a sociabilidade urbana existia e acontecia (GEHL; SVARRE, 2018).

Alan Jacobs e Donald Appleyard elencam valores e objetivos para uma boa vida urbana: habitabilidade, identidade e controle, acesso a oportunidades, imaginação e alegria, autenticidade e significado, comunidade e vida na cidade, autoconfiança urbana e ambiente para todos. E para alcançar esses objetivos formularam princípios do planejamento urbano que se baseavam nas qualidades de cidades tradicionais, tais como densidade, mistura de funções, ruas e espaços públicos em suas dimensões sociais e psicológicas. Alan, consultor em urbanismo, em seu livro *Great Streets*, defende que as ruas como espaços públicos devem aceitar pessoas de várias e diferentes origens sociais (GEHL; SVARRE, 2018). Como exercício de populismo, Alan desenha um cenário de uma rua principal da cidade. A Figura 4, retrata o desenho de seu livro.

Formatado: Realce

Formatado: Realce

Formatado: Realce

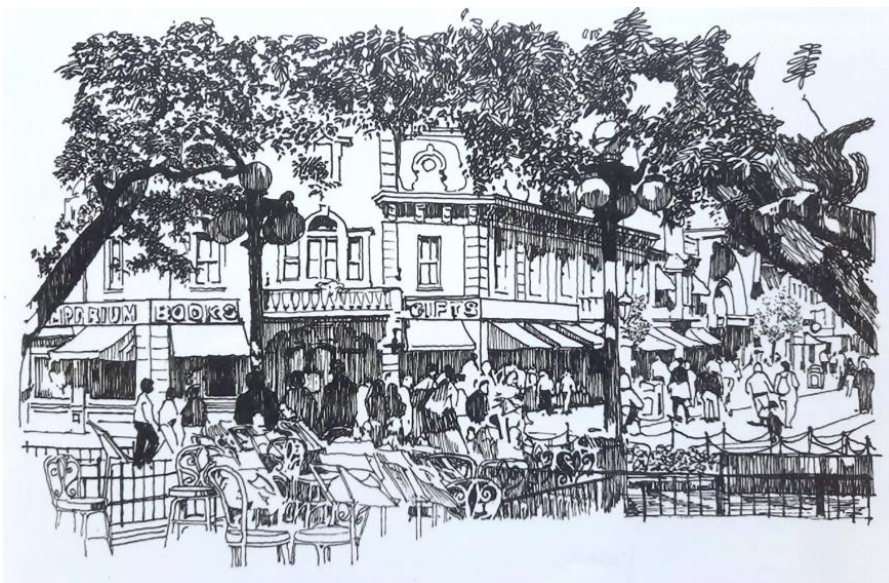


Figura 1 – Main Street (Rua Principal). Desenho de Allan Jacobs de seu livro *Great Streets* (1993).
Fonte: GEHL; SVARRE (2018)

Tudo um cenário, mas mesmo assim representa uma memória de sonho, idealizada, do que faz uma grande rua, com suas qualidades físicas cenográficas que existem nas melhores ruas; construções junto às ruas, detalhes arquitetônicos sobre as quais a luz se move constantemente, transparentes no nível do térreo, conforto para pedestres, com um toque de habitação e moradia, um início e um fim. [...] Um exemplo de como se pode criar um sentido de urbanidade com tão pouca área. A rua principal de uma cidade pequena ou grande. No fundo, um exercício de gigantismo feito para parecer populismo. (JACOBS, 1993, n.p)

De acordo com Gehl e Svarre (2018), Sitte defendia a arte de construir cidades e de ver a cidade inteira como uma obra de arte, onde edifícios e espaço público interagem. Ressaltava a importância de se criar espaços para as pessoas, em vez de se fixar em linhas retas e soluções técnicas. Defendia ainda que a vida poderia ser bem vivida no ambiente físico com as qualidades espaciais e arquitetônicas das cidades tradicionais.

Vogando pela obra seminal de Sitte (2010) para atingir o objetivo de criar espaços para pessoas, não basta a ciência de um técnico, é preciso ainda o talento de um artista. Foi assim na Antiguidade, na Idade Média e na Renascença, em toda parte onde as Belas-Artes tiveram um lugar de honra.

Como afirmava George Simmel (2001), o Homem é um ser “diferencial”: sua consciência é excitada pela diferença entre a impressão presente e a que procedeu (impressões prolongadas). A posição entre elas, a regularidade de sua alternância e de seus contrastes se entrelaçam, um único olhar faz a análise dos objetos, um caráter inesperado de impressão e percepção.

Precisamente ao criar condições psicológicas – sensíveis a cada passo que damos na rua, provocadas pelo ritmo rápido, pela correlação da vida econômica, profissional e social – a cidade adentra-se nos próprios fundamentos sensitivos da nossa vida moral, pela grande quantidade de consciência (SIMMEL, 2001) e de discernimento que exige, para vivermos e habitarmos (n)a cidade. É o abstrato e o concreto que convivem entre si. É emoção que promove a definição pela razão. Ou até mesmo como coloca Moreira (1994), viver na cidade, acontece entre o dualismo da razão e do simbolismo.

Nós moldamos as cidades, e essas nos moldam (GEHL, 2013). A ordem semântica da intrigante frase de Gehl fica a critério do leitor. Pretende-se manifestar o caráter reflexivo de *ser e sentir* a cidade. As ações, processos, projetos e o modo de gestão geram consequências para a cidade das mais diversas escalas, isto posto, como resultante, geram consequências a nós

mesmos. Em virtude disso, esteja aqui, justamente, a necessidade de refletir e voltarmos o olhar à qual cidade queremos viver e quais os modos de habitar e de se relacionar com essa cidade. Esse é o caminho que queremos trilhar com a pesquisa.

Conhecer as ferramentas para criar melhores espaços públicos, mais atraentes, seguros e vivos significa investir na vida urbana. A participação do cidadão nos processos de criação e transformação é uma questão estratégica. De acordo com Gehl e Svarre (2018) o objetivo em longo prazo dos estudos espaço público-vida pública é sempre fazer das pessoas a parte mais visível do planejamento. Todos têm o direito de vivenciar bons espaços públicos e, mais importante, o direito de contribuir para fazer espaços onde transitam diariamente.

Pode-se entrever que nesse percurso histórico pela vida na cidade abordagens interdisciplinares tiveram um papel essencial no desenvolvimento dos estudos urbanos, tanto no campo prático como acadêmico. Para a sinergia da vida e do espaço, investigar a relação do cidadão com a cidade e a sua percepção sobre o espaço, se faz necessário, para assim descobrir que linhas entrelaçam a costura desse tecido urbano.

O intuito da pesquisa é ter uma imagem das relações traçadas com a cidade, na perspectiva de colocar sempre o cidadão em primeiro plano. Como diria o sociólogo Robert Park (1967, n.p), “de acordo com nossas mais profundas aspirações”.

(...) a tentativa, mais coerente e, em termos gerais, mais bem-sucedida de refazer o mundo em que vive, e de fazê-lo de acordo com seus mais profundos desejos. Porém, se a cidade é o mundo criado pelo homem, segue-se que também é o mundo em que ele está condenado a viver. Assim, indiretamente e sem nenhuma consciência bem definida da sua tarefa, ao criar a cidade o homem recriou a si mesmo. (PARK, 1967, n.p)

Sob esse ponto de vista de Park, a questão do tipo de cidade que queremos não pode estar separada da questão de quem queremos ser, quais relações sociais buscamos, que relações com o espaço urbano e com a natureza nos satisfazem mais, que estilo de vida desejamos levar, quais são os valores estéticos. O direito à cidade é, portanto, muito mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar uma cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos (HARVEY, 2014).

Podemos reafirmar o nosso direito de ir e vir, representado pelo artigo 5º da Constituição Federal Brasileira. E ainda de acordo com Harvey (2014), reinventar a cidade depende inevitavelmente do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. O direito

de ser também representado em Constituição, o qual todos são iguais perante a lei faz com que tenhamos a “liberdade de fazer e refazer nós mesmos e a nossa cidade, é um dos nossos direitos humanos mais preciosos, ainda que um dos mais menosprezados”. Já que alguns carecem de uma consciência bem definida de sua tarefa, valendo-se das palavras de Harvey, “tornaram-se meras mônadas lançadas ao sabor das ondas de um oceano urbano.”

Ao longo da história, fomos feitos e refeitos, Simmel demonstrava críticas sobre a *persona* humana que estava surgindo no contexto moderno. Benjamim explicita esse caráter modelador da história:

No interior de grandes períodos históricos, a forma de percepção das coletividades humanas se transforma ao mesmo tempo que seu modo de existência. O modo pelo qual se organiza a percepção humana, o meio em que ela se dá, não é apenas condicionado naturalmente, mas também historicamente. (BENJAMIM, 1985, n.p)

Enveredando pelo mesmo caminho, Carlos (2007) diz que o urbano marca não só o ritmo da vida, mas o modo de vida e o pensar a vida. Se haja vista que a modernidade exaltou o urbanismo progressista deixando o bem-estar humano nos beirais das calçadas, para o progresso automobilístico tomar as ruas, o urbanismo humanista em contrapartida, contrapõe os moldes e contextos modernos e prioriza outro cenário: o entendimento das interações com o espaço.

A sociedade produz seu próprio mundo de relações, um mundo vai se desenvolvendo e criando à medida que se aprofundam as relações da sociedade em um espaço (CARLOS, 2007). À medida que conhecemos o espaço, criamos percepções, conhecemos a nós mesmos a partir da identificação de pertencimento com o espaço. Quando se propõe refletir sobre as percepções do espaço trazemos o debate para a relevância da relação do cidadão com a cidade. De acordo com Merleau-Ponty (1999), a percepção se relaciona ao espaço em que vivo e onde experimento esse espaço. Sob a perspectiva de Kant, em *Refutação do Idealismo*, mostra-se que a percepção interior é impossível sem percepção exterior, que o mundo, enquanto conexão dos fenômenos, é antecipado na consciência de minha unidade, é o meio para mim de realizar-me como consciência.

A percepção da cidade, com fundamentação crítica e filosófica, a partir de Merleau-Ponty, torna-se importante trazer a relevância para o corpo e o tempo passado-presente-futuro. Já que de acordo com o autor: sentimos, vivenciamos e experimentamos a cidade a partir da

percepção. E essa percepção está ligada às sensações, o que podemos entender pela maneira a qual somos afetados. Segundo Oliveira (2004), sensações são “[...] as percepções ligadas aos aparelhos sensoriais: tonalidades de cores, de sons, acuidades olfativas, gustativas ou táteis” (OLIVEIRA, 2004, n.p).

Ao investigar a relação, as percepções dos cidadãos com a cidade, em uma escala humana e sensível, a pesquisa deu primazia para a atividade pública, para as experiências que o espaço público promove, para a vivacidade e sociabilidade urbana. A contemporaneidade traz consigo o discernimento para perpassarmos as (trans)formações da cidade. Iniciamos nos permitindo a nos perder à deriva urbana ao começar a busca pela compreensão da relação do cidadão com o espaço público.

Direcionamos nossa lupa para o espaço público urbano, importante elemento do planejamento urbano, para verificar a situação dessa relação cidadão-espaço público. Realçando Italo Calvino, a abordagem da pesquisa busca uma “completude humana”, de uma integração com o espaço, para além das alienações e das divisões impostas ao homem contemporâneo, a serem alcançadas mediante a dialética da teoria-reflexão, prática-análise.

2. TRILHANDO CAMINHOS

Sem paixão não há conhecimento. É essa paixão que nos impulsiona a mergulhar nas ruas da cidade para descobrir as ambiências, sentir as emoções, restituir uma visão de nossa experiência errante. Essa prática nômade, inspirada pelo amor à cidade, esse reservatório grande e iluminado de experiências, esse recipiente de vida que nos oferece uma riqueza de stimuli incomparável, nos fala e nos encanta. É a cidade, que possui um forte poder

de fascinação graças às suas facetas múltiplas, que nós tentamos desvendar e tornar visíveis. “Escutar”, “sentir”, “viver” e “tocar” seus espaços, seus lugares e sua arquitetura, são essas várias ações que emanam um imaginário de visões e sensações.

A Cidade em todas as suas Formas
Fabio La Rocca

Sob a perspectiva de Silva (2018), Fabio La Rocca é o sociólogo-guia, o intérprete sensível, o *flâneur* inspirado, o passante sem pressa, aquele que olha e vê o que não enxergamos, conjuga a cidade e traduz práticas, imaginários e comunicações. De que cidade fala o autor? Da cidade como forma de expressão.

Para Rocca (2018), a experiência de uma exploração da cidade se define, portanto, como uma aventura. É descobrir e compreender, olhar e observar: uma imersão total. Acrescenta que essa imersão provém de uma abordagem sensível apta a descrever os ritmos sucessivos e as realidades modificáveis da cidade, sendo a valorização do cotidiano urbano uma das características principais da sociabilidade.

A noção de sociabilidade apresentada por Simmel (1983) pode ser interpretada a partir de dois vieses: através das formas e dos conteúdos. As formas referem-se à maneira de como as interações acontecem, e os conteúdos relacionam-se aos motivos dessas interações acontecerem (PEREIRA; GOMES, 2020). Nas palavras de Frúgoli Jr (2007) para Simmel, a sociedade existe como um dos modos pelos quais toda a experiência humana pode ser potencialmente organizada:

[...] e num sentido concreto, designa um complexo de indivíduos socializados, uma rede empírica de relações humanas operativa num dado tempo e espaço; num sentido abstrato, denota a totalidade dessas formas relacionais através das quais os indivíduos tornaram-se parte de tal rede. A sociedade seria, em suma, “a modalidade de interação entre indivíduos: o processo geral e os processos particulares de associação (*Vergesellschaftung*)”. (FRÚGOLI JR, 2007, n.p)

Nesse quadro, a sociabilidade é um conceito que permite aprofundar a compreensão do modo como se organiza a sociedade, e o modo que os cidadãos interagem entre si e se relacionam com a cidade (FRÚGOLI JR, 2007).

A busca pela compreensão da relação cidadão-cidade é feita por processos/fenômenos em constante construção e transformação que, para a pesquisa pressupõe reflexões adjacentes.

Trata-se da reflexão da vida urbana nos espaços públicos, percepções e experiências vividas na cidade, a partir da técnica e da arte de projetar com uma abordagem humanística e sensível.

A intenção nesta seção *Trilhando Caminhos* é oferecer caminhos para um referencial teórico que permita pensar sobre a relação sensível com o mundo circundante (THIBAUD, 2002). De acordo com o sociólogo francês Thibaud (2002), há abordagens para analisar o espaço público questionando a dimensão estética da experiência urbana contemporânea, que reconhece o lado afetivo e emocional.

Rolnik (2006), em *Cartografia Sentimental*, refere-se que para a captura do subjetivo, em uma veia filosófica e poética – encontra-se comprovação na neurociência – o nosso corpo cria formas de expressão para as sensações, percepções. Segundo a autora, cada um de nossos órgãos dos sentidos é portador de uma dupla capacidade, uma cortical e outra subcortical. A primeira corresponde à percepção, a qual nos permite apreender o mundo em suas formas para, em seguida, projetar sobre elas as representações de que dispomos, de modo a lhes atribuir sentido. Já a segunda, que por conta de sua repressão nos é mais desconhecida, nos permite apreender a alteridade em sua condição de campos de forças vivas que nos afetam e se fazem presentes em nossos corpos sob a forma de sensações. Com ela, o outro é presença que se integra a nossa textura sensível, tornando-se, assim, parte de nós mesmos (ROLNIK, 2006).

Rolnik (2006) nomeia esse corpo como “corpo vibrátil”. Convido o leitor a ser atravessado e a despertar seu corpo vibrátil para as deambulações, as *flâneries* em descobrir e decifrar os caminhos da investigação da relação com a cidade, os espaços públicos e lugares possíveis para *ser* e *sentir* essa cidade para pessoas e os modos de habitá-la. Iremos transitar pelos conceitos da “pele da cidade” para traçar essa relação a partir das estruturas da cidade e dos movimentos dos cidadãos. Já que de acordo com Tuan (1983), a pele registra sensações e é capaz de transmitir certas ideias espaciais e pode fazê-la sem o apoio dos outros sentidos, dependendo somente da estrutura do corpo e da capacidade de movimento.

2.1 Cidade para Pessoas

2.1.1 Escala humana



Revista Consumidor Moderno (2020)

No início do século XXI pode-se perceber os contornos dos vários e novos desafios globais das cidades que salientam a essencialidade e veracidade de uma preocupação focada na escala humana. A escala humana, a função ou a “equação” humana, é definir as necessidades humanas e pode ser identificada entre todos os homens, já que os homens foram feitos com o mesmo molde desde as épocas mais longínquas que conhecemos (LE CORBUSIER, 2010). Para o arquiteto as necessidades são típicas, quer dizer, todos os indivíduos possuem as mesmas, todos têm necessidades de completar as capacidades naturais.

Cachinho (2006) escreve que o verdadeiro espírito da cidade se encontra, acima de tudo, nos valores culturais, na diversidade de estilos de vida, nos sonhos, desejos e receios das pessoas, nas práticas e experiências culturais. Destarte, a cidade é o espaço social de trocas e de encontros e a dimensão humana faz as conexões com as ações cotidianas da vida urbana. Os cidadãos vivenciam cenários complexos em suas particularidades, os pedestres e ciclistas são os que mais reforçam a visão da sociabilidade e de uma política integrada para se desenvolver cidades vivas, seguras, sustentáveis e saudáveis.

O arquiteto brasileiro Lerner (2013) afirmava que o ritmo do encontro é a caminhada e não a lógica do carro, espaços para pedestres e ciclistas são fundamentais. Se Gehl, em 2015, explicitava sobre como a visão das cidades para pessoas com quatro objetivos-chave (vitalidade, segurança, sustentabilidade e saúde) tornava-se um desejo universal e urgente; em 2019, o urbanista Carlos Moreno, professor da universidade de Sorbonne cunhou o conceito de “cidade de 15 minutos”, uma narrativa da cidade para uma nova vida urbana. O conceito é baseado na ideia de Moreno (2021) de crono-urbanismo, um mote para a transformação da

cidade valorizando a escala de proximidade, desenvolvendo interações sociais, econômicas e culturais.

A cidade dos 15 minutos é uma cidade policêntrica, onde a densidade se torna agradável, a proximidade é vibrante e a intensidade social é real. É uma cidade onde os habitantes podem atender às suas necessidades – morando, trabalhando, fornecendo, cuidando, aprendendo e desfrutando de uma vida social de alta qualidade em apenas 15 minutos a pé ou de passeio. É orientado por três grandes ideias: crono-urbanismo, - dar um novo ritmo à cidade; cronotopia – atribuindo várias funções a um local dependendo da temporalidade; e topofilia, que significa literalmente o amor ao “lugar”¹¹ (MORENO, 2021, n.p; tradução nossa)

Pela urgência das múltiplas crises do nosso tempo, para Moreno a cidade de 15 minutos é uma mudança na organização urbana, mas também uma mudança de estilo de vida. Uma nova organização da cidade mais sustentável e viável para repensarmos como vivemos nas cidades, nos espaços públicos e como nos movemos. A proposta do urbanista integra tempo e espaço em sua estratégia de vida com qualidade. Nas palavras de Moreno, viver diferente hoje é modificar nossa relação com o tempo e com os lugares urbanos. E ainda pondera que para promover uma vida urbana feliz, é importante primeiro nos perguntarmos em que cidade queremos viver hoje e que cidade queremos para a próxima geração.

11

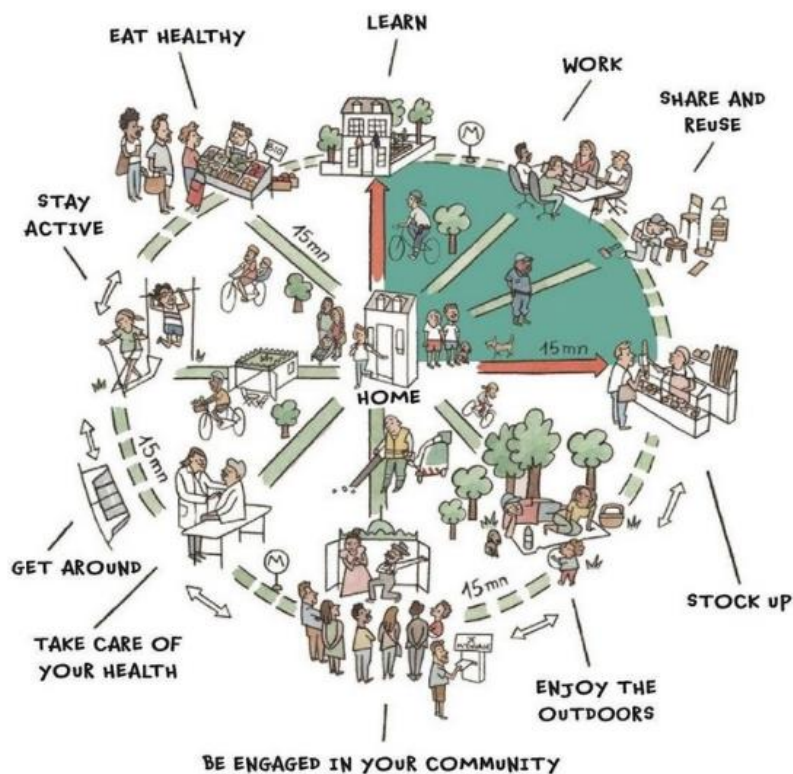


Figura 2 – Esquema 15 minutes City
 Fonte: Four Communications

Pode-se ressaltar o hodierno conceito, não sendo uma receita global pronta para aplicação, mas um desafio para decisões em conjunto entre técnicos e moradores locais para a procura do caminho adequado a cada realidade e contexto econômico, já que algumas localidades podem ser mais estruturadas do que outras, dada a particular organização estrutural.

Destaca-se o caráter inicial de desenvolvimento e implantação em cidades europeias, a partir de processos participativos englobando quatro características essenciais, de acordo com Moreno são: a ecologia, a proximidade, sociabilidade e a participação social. Salienta Moreno (2021) que algumas pessoas expressaram alegria em poder finalmente desacelerar, fazer uma caminhada e redescobrir a vizinhança, pois se experimenta uma relação pacífica com o tempo e o espaço, há mais disponibilidade e abertura para descobrir novas pessoas e novos espaços.

E como é possível oferecer aos cidadãos uma nova realidade de uma cidade com escalas humanas e, ao mesmo tempo, satisfazer as funções sociais urbanas indispensáveis?

Viver diferente significa, antes de tudo, mudar a nossa relação com o tempo, essencialmente o tempo relacionado com a mobilidade, que tem degradado muito a qualidade de vida devido ao deslocamento que é oneroso em todos os aspectos. (MORENO, 2019, n.p)

O intuito é exatamente mudar a perspectiva que rondava o século anterior, mudar a perspectiva para um enfoque nas pessoas, um planeamento da cidade para um planeamento da vida urbana. Uma nova forma de explorar a transformação da vida cotidiana, a ideia é a cidade policêntrica capaz de atender todos, cada centralidade separa por curtas distâncias. O cidadão tem a capacidade de escolher as viagens de longa distância que se quer fazer ao invés de suportá-las ou de fazer deslocamentos antes obrigatórios.

Para que os moradores possam ter uma melhor qualidade de vida e possam ser capazes de sustentar efetivamente uma vida urbana decente, são definidas seis funções sociais urbanas. As funções incluem: viver, trabalhar, comércio, cuidado com a saúde, educação e entretenimento (MORENO *et al.* 2021, tradução nossa).

Em entrevista¹² para a Revista Público, Moreno denomina as seis funções sociais urbanas como circularidade social funcional para ser implementada nos bairros com intencionalidade de diminuir os desequilíbrios econômicos e sociais, promovendo uma reforma territorial, administrativa e política. Espraçando os serviços para diversas localidades há uma emergente intensidade social e realocação da vida urbana, uma revolução urbana de proximidade, uma “proximidade feliz”, nomeada por Moreno. Uma similaridade e aproximação podem ser encontradas em Bachelard (1993), quando utiliza o termo “espaço feliz”, para determinar o valor humano dos espaços de posse, dos espaços amados e dos espaços defendidos contra forças adversas. Segundo ele, ligando-se ao conceito de topofilia, são espaços que atraem; conceito que é uma das grandes ideias que orienta a cidade de 15 minutos, como expôs Moreno: o amor ao “lugar”.

Formatado: Realce

¹² Entrevista disponível em: <https://www.publico.pt/aovivo/detalhe/cidades-15-minutos-daqui-tempo-223>

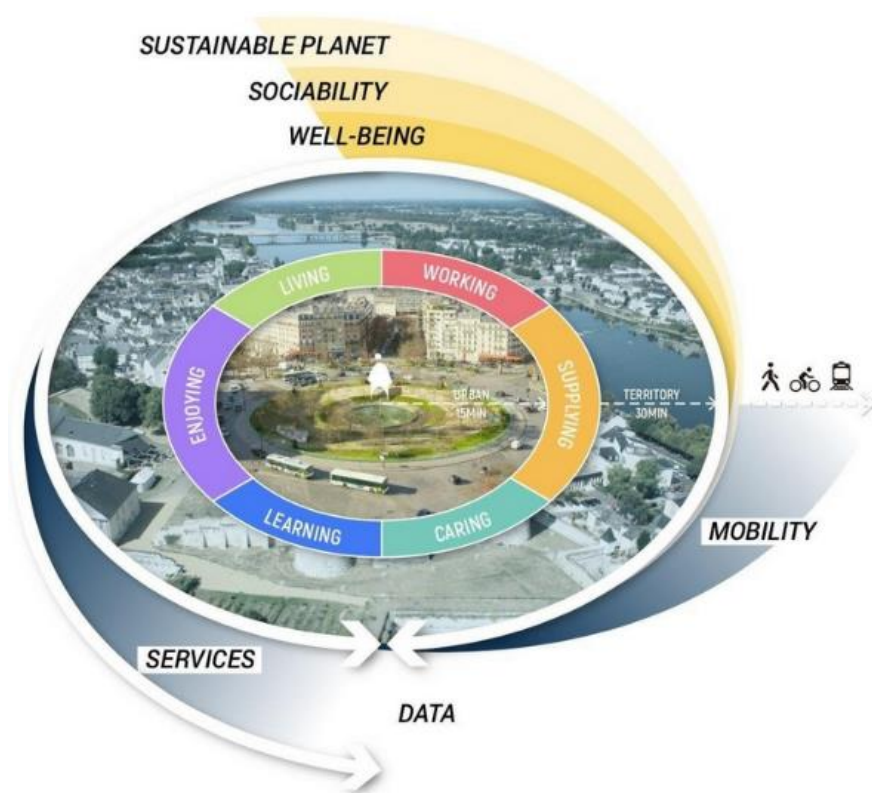


Figura 3 – The 15-minute city
 Fonte: Four Communications

Por fim, observa-se que a cidade de 15 minutos tem consonâncias com a dimensão humana da cidade, com preocupações para uma cidade sustentável, com a sociabilidade urbana e o bem-estar dos cidadãos, promovendo dimensões de proximidade com oferta de diversidade de serviços e possibilidade de deslocamento a pé e de bicicleta. O conceito comunica-se com Christopher Alexander, William Whyte, Jane Jacobs e Jan Gehl pela concentração na vida urbana. Todavia, embora o conceito tenha ganhado adoção, de acordo com Moreno *et al.* (2021) a operacionalização da cidade de 15 minutos requer estudos adicionais de forma a apurar a capacidade da abordagem.

2.2 Cidade Sensível e Sensorial

Destacar-se-á nesta seção um dos dez princípios mais relevantes – sistematizados por Ascher (2001) – do “Novo Urbanismo”, um referencial orientador para direcionar o processo de revisão do planejamento urbano para cidades contemporâneas, de acordo com as Nações Unidas. De acordo com Nunes (2012), nos últimos tempos um dos princípios, tem menor atenção por parte de quem reflete sobre a condição urbana: a dimensão multissensorial das cidades. Segundo Cowan e Stewart (2007), o interesse na dimensão sensorial do ambiente urbano não é novo; destacam que Simmel (1858-1918) considerou a cidade do início do século XX como um novo tipo de consciência urbana. As discussões de Simmel pautavam sobre o espaço social e a sociologia dos sentidos, no qual identificou a relevância da experiência sensorial como elementos básicos para a interação humana, tão significativos quanto quaisquer outras formas de sociação dentro dos complexos sociais da classe social ou do Estado (COWAN; STEWART, 2007). Ao mesmo tempo em que Weber (1864-1920) pautava-se, em suas teorias sociais, extremamente sensíveis ao lugar em que vivia. Em suas caminhadas pelas ruas acompanhava e analisava com bastante acuidade a vida urbana dos cidadãos (SENNET, 2018).

Kevin Lynch (1918-1984) para a construção de uma imaginabilidade urbana deu ênfase à importância da experiência sensorial em sua obra. Deveras que a discussão sobre a dimensão sensorial do ambiente urbano não é nova, mas sim o reconhecimento do papel que o planejamento urbano pode desempenhar no modo como esta multissensorialidade urbana se manifesta e, conseqüentemente, no modo como interfere nos usos e representações do espaço urbano (NUNES, 2012). É isso que a presente pesquisa almeja como resultado: a inserção dessa abordagem para o planejamento da cidade, mostrando dados a partir da investigação das perspectivas dos cidadãos em relação ao espaço público.

A dimensão sensorial da vida urbana, resultante das informações que permanente e inconscientemente captamos pelo conjunto dos nossos cinco sentidos, determina a interpretação particular que cada cidadão desenvolve com a cidade e condiciona o modo como dela se apropria (NUNES, 2012). Merleau-Ponty (1996) coloca a experiência sensorial ou o sentir como a “comunicação vital com o mundo que o torna presente para nós como lugar familiar de nossa vida. E a ele que o objeto percebido e o sujeito que percebe devem sua espessura. Ele é o tecido intencional que o esforço de conhecimento procurará decompor”.

Relacionando a dimensão sensorial com o sensível, destacamos Rancière (2009), o filósofo denomina que a partilha do sensível é o sistema de evidências que revela, ao mesmo tempo, a existência de um comum e dos recortes que nele definem lugares e partes respectivas. Para o autor, uma partilha do sensível fixa um comum partilhado (coletivo) e partes exclusivas (individual). Essa “repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um comum se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha” (RANCIÈRE, 2009, n.p).

Para Thibaud (2012) ao estudar o encaixe entre o sensível e o social, ao atualizar os esquemas de percepção cultural, escreve-se uma história das sensibilidades, tiram-se medidas do espaço vivido, desenha-se uma arquitetura pelas sensações, revisita-se o lugar dos sentidos no pensamento filosófico e faz até mesmo cair por terra a percepção ordinária através da performance artística. Pois a partir dessa, sempre haverá referências à experiência e se dará atenção especial aos registros sensoriais. Para o sociólogo, o corpo e os sentidos passam a ser considerados e um vasto espectro científico abre-se para o campo de investigação.

A vantagem da abordagem sensível reside no caminho que ela abre em direção a uma fenomenologia da experiência urbana, mas também no sentido que ela empresta à criação da própria cidade, permeando os trabalhos de concepção do espaço urbano contemporâneo (THIBAUD, 2012). Para a historiadora Pesavento (2007) a cidade sensível é integrada às atribuições de significado ao mundo, pressupõe a construção de um *ethos*, o que implica a atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de urbano. Sendo assim um “fenômeno que se revela pela percepção de emoções e sentimentos dados pelo viver urbano e, também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos, que esse habitar em proximidade propicia”.

A cidade sensível é capaz de se apresentar mais detida à percepção de seus cidadãos e visitantes do que o tal referente urbano na sua materialidade e em seu tecido social concreto (PESAVENTO, 2007). “A cidade sensível é responsável pela atribuição de sentidos e significados ao espaço e ao tempo que realizam na e por causa da cidade”. A historiadora assinala que essa cidade identifica, classifica e qualifica o traçado, a forma, o volume, as práticas e os atores do espaço urbano vivido e visível, permitindo que enxerguemos, vivamos e apreciemos a realidade tangível.

Para Thibaud (2012), os sentidos são o ponto de partida por excelência da expressão do cidadão, ou seja, ponto de partida para relação sensorial do cidadão com seu entorno urbano.

É como se estivéssemos testemunhando mudanças na forma como pensamos o mundo ao nosso redor, solo fértil para a pesquisa nas “realidades prático-sensíveis” da cidade. Nas próximas seções aprofundaremos essa relação com o entorno.

2.2.1 Afetividade

As percepções de vivência com a cidade despertam sentimentos e emoções, percebidos individualmente e coletivamente, difíceis de definir, mas não impossíveis. É subjetivo. Uma sensibilização dos sentidos, uma sinestesia que engloba diversas áreas do saber. Multidisciplinaridade. A partir de Heemann e Heemann (2003) pode-se entrever uma aproximação com os conceitos de Topofilia (percepção, ligação do cidadão com o espaço) e até mesmo de Biofilia (ligação afetiva com outros organismos e habitats que sentimos afinidade).

Segundo Bomfim, Delabrida e Ferreira (2018) os sentimentos, emoções e a afetividade ambiental são partes importantes no processo de explicação da vinculação das pessoas com os espaços e lugares. Para as autoras, "o aparelho sensorial é que nos permite conhecer o mundo e, a partir desse conhecimento, pensar" e sentir – através das experiências humanas. Consoantes às discussões de Tuan (1974), as quais apontavam que órgãos sensoriais permitiriam aos seres humanos ter sentimentos intensos pelo espaço (KANASHIRO, 2003). Trata-se assim da apreensão das cidades na escala do cotidiano através da sinestesia.

De acordo com Tuan (1974), um ser humano percebe o mundo simultaneamente através de todos os sentidos. Neste aspecto, a apreensão do espaço seria multissensorial, conclusão que permite fazer uma relação entre o cotidiano urbano e a percepção através dos sentidos humanos, em especial a visão, o olfato, a audição e o tato, já que a influência do paladar é praticamente nula, salvo quando associada ao olfato (KANASHIRO, 2003).

“O senso de lugar e as relações de percepção do homem com o seu meio através dos sentidos delineiam a riqueza de sensações nas cidades” (KANASHIRO, 2003, n.p). Dessa forma, as emoções podem ser de grande valia para a avaliação e transformação dos ambientes em sua dimensão ética quando se criam espaços de interesses e necessidades coletivas (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). Entretanto é desafiador investigar as emoções

e a afetividade quando tratamos da relação cidadão-espço, entendida pelas subjetividades, simbolismos, imaginários e "imaginabilidades"¹³. As autoras explicitam:

As emoções podem ser mediadoras de integração da realidade imediata e dos processos imaginativos e do pensamento [...]. Já os sentimentos são emoções mais duradouras e revelam o sentido pessoal criado por cada indivíduo [...] Na perspectiva do simbolismo do espaço, o lugar é visto como um território emocional, tornando-se, portanto, uma dimensão na construção dos significados e na extensão da subjetividade dos indivíduos. (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018, n.p)

Entende-se que o simbólico configura uma possibilidade de leitura de uma realidade não manifestada materialmente, dessa forma, o simbólico é fonte para se compreender como o cidadão dá sentido à sua experiência existencial (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018) e à sua com o espaço. Segundo Corraliza (1998 apud BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018) o simbólico está presente na afetividade com o lugar, entendido como território emocional, tornando-se, portanto, uma dimensão na construção de seus significados.

Tuan (1980) apresenta o neologismo: topofilia; consiste no elo afetivo – “laço afetivo” – entre o indivíduo e o lugar, ou seja, uma percepção do lugar, a partir de sua dimensão afetiva (já mencionado em seção anterior). De acordo com o geógrafo, a relação afetiva do indivíduo com o lugar apresenta traços de suas experiências pessoais vinculadas aos valores e à maneira como se apreende o meio. Assim, a afeição por determinada parcela do espaço seria a topofilia e o espaço denominado lugar (DIONISIO, 2011).

Para Bomfim (2010 apud BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018) quando a afetividade abrange a dimensão “lugar”, passam a ser abordadas questões que envolvem a construção social do espaço público, a convivência com o diferente, a cidadania e a sustentabilidade, dentre outras. Nesse sentido, há a presença da dimensão ética quando se reconhece os afetos dos habitantes como expressão de necessidades que muitas vezes são negligenciadas pelas gestões públicas urbanas e, dessa forma, a afetividade ambiental pode ser compreendida como conhecimento, orientação e ética na cidade.

Através de uma perspectiva ético-política, o pensar e o sentir são indissociáveis e os afetos são compreendidos aqui como a junção de todos os sentimentos e emoções que

¹³ Refere-se ao conceito de Kevin Lynch (1997), em *A Imagem da Cidade*.

antecedem a ação (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018). Para elucidar essa junção e a perspectiva da relação afetiva tem-se que:

A relação afetiva com o lugar deve ser compreendida como expressão do comportamento socioespacial humano (Elali, 2009; Pinheiro & Elali, 2011), e dialoga com outros conceitos, como apropriação do espaço (Pol, 1996), apego ao lugar (Giuliani, 2004), identidade de lugar (Proshansky, 1978) e identidade social urbana (Valera & Pol, 1994). A apropriação de espaço trata de processos de identificação e de ação-transformação (Vidal & Pol, 2005), sendo uma extensão das subjetividades dos indivíduos ao transformar espaços em lugares (Tuan, 1983). (BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018)

Tais ações inserem o aspecto afetivo no processo de ligação com os lugares dando importância às experiências emocionais. A filósofa brasileira Silva Lane, referência nos estudos de Psicologia social explicita a conexão entre o *sentir* e o *ser*:

a emoção, a linguagem e pensamento são mediações que levam a ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com essa bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. (LANE, 1995, n.p)

Destarte, Bonfim, Delabrida e Ferreira (2018) pontuam que a afetividade se encontra na base de todas as ações humanas, e por isso é vista como ética. Citam Sawaia para definir a afetividade:

[...] tonalidade, cor emocional que impregna a existência do ser humano e é vivida como: 1) sentimento: reações moderadas de prazer e desprazer que não se referem a objetos específicos; 2) emoção: fenômeno intenso, breve e centrado em objeto que interrompe o fluxo normal da conduta (SAWAIA apud BOMFIM; DELABRIDA; FERREIRA, 2018).

A sinestesia pode trazer sensações que afetam e direcionam o “envolvimento, amplidão e estreitamento” e até estranhamentos com o espaço, que compõem a experiência de sentir, ser e habitar a cidade. Essa experiência vive no passado, presente e no futuro da vivência urbana para despertar nosso sentimento topofílico: no passado em meio às memórias, no presente, cotidianamente, em meio às nossas aspirações e anseios para desfrutar de um bem-estar nos espaços da cidade e, no futuro como nossos imaginários e simbolismos.

[...] elementos que irão de encontro com o sujeito fazendo com que ele ative seu corpo vibrátil, ou seja, que funcione como potencializador não apenas da vivência, mas do no quê aquela vivência irá reverberar no meu corpo, na

minha história, na minha relação com o que ainda há. A linha gerada pelos afetos é invisível, inconstante e contínua, pois é composta a partir de movimentos que levam da territorialização à desterritorialização. (NASCIMENTO; SANTOS, 2017, n.p)

Ou seja, são as conexões, as relações traçadas entre o cidadão e o espaço, ou entre cidadãos e cidadãos que significam a identificação de um lugar, em outras palavras: movimentos de territorialização. De acordo com Rolnik (2014), esses movimentos e fluxos de afetação são gestados pela vivência própria do sujeito, que encontra seus próprios fatores de a(fe)ctivação (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

Pode-se entrever que fatores/vetores atravessam o corpo físico e o vibrátil, engatilhando assim uma possibilidade de conexão desse corpo com o espaço; o espaço em si traz fatores de a(fe)ctação que incidem no corpo, estabelecendo assim um diálogo duplo de afetar/ser afetado. Ou seja, esse corpo constitui a materialidade de sua relação com o mundo, com o espaço, com a cidade (NASCIMENTO; SANTOS, 2017).

“Ver, cheirar, ouvir, passear, deter-se, recordar, representar são atributos que devem ser estudados em cada cidade”, cita o filósofo colombiano Armando Silva, em seu livro *Imaginários urbanos* (2006). Todavia, não qualquer cidade, mas aquela que se preocupa com a sociabilidade e a vivacidade urbana, que considera aspectos sensíveis e afetivos na concepção dos espaços públicos. É aquela que questiona sobre a vivência e a experiência que esses espaços podem promover. “Eis aí a melhor forma de conseguir criar um ambiente de qualidade nos centros urbanos da contemporaneidade em toda e qualquer parte do mundo, inclusive no Brasil” (KANASHIRO, 2003, n.p).

2.2.2 Ambiência – Jean Paul Thibaud

De acordo com Thibaud (2002) a ambiência é uma questão de identificar as condições de possibilidade de uma abordagem sensível da cidade. De certa forma, a noção de ambiência emerge a partir da consonância de campos de pesquisa usualmente dissociados. A filosofia, arquitetura, urbanismo e a geografia humana revisitam a noção de lugar e corpo, Thibaud acrescenta que “não há lugar sem corpo e o corpo está imediatamente comprometido com o lugar”, o lugar habita o corpo ao mesmo tempo que se deixa habitar por esse. Desenvolve-se uma relação do espaço que está ao redor, pois o corpo é afetado.

A partir da formulação de Thibaud, pode-se entender melhor as dinâmicas de interação complementares e mútuas entre o ambiente sensível e as práticas sociais e, conseqüentemente, os planos de relações espaciais, sensoriais e sociais (DUARTE; SILVA, 2020). Para Thibaud (2012), ambiência pode ser definida como a atmosfera moral e material que circunda um lugar ou uma pessoa, a ambiência é precisamente a noção que questiona essa divisão e impulsiona sua desconstrução, sendo o objetivo retornar a uma teoria fenomenológica da percepção sensível para que se construam formas de considerar a existência das atmosferas urbanas.

Um dos desafios da ambiência é pensar de maneira nova o caráter sensível e prático da percepção. Em todos os casos, a ambiência são qualidades que articulam nossa relação com o meio ambiente e com os outros. É assim que o corpo e os sentidos reencontram o direito à cidadania, levando em conta conjuntamente a diversidade de registros sensoriais e o reconhecimento da importância da experiência corporal. No caso da ambiência, não se trata apenas de perceber uma paisagem ou de aprender visualmente um ambiente, mas de experimentar o conjunto de situações (THIBAUD, 2018), memórias e emoções.

A noção de ambiência restitui o lugar dos sentidos na experiência dos espaços vividos; ela permite caracterizar nossas formas de experimentar a vida urbana; ela auxilia também a imaginar e criar espaços urbanos e arquitetônicos. (THIBAUD, 2012)

Para Thibaud (2002), certos espaços proporcionam uma “experiência feliz, celebrando a possibilidade de viver juntos” e estar confortável. A hospitalidade desenvolve gestos que sensibilizam as interações sociais de acordo com o grau de pertencimento do espaço. Para o autor, ligado à noção de ambiência está o tema do sensível que envolve a questão da percepção, que interessa pela sensorialidade (experiência sensível). Acrescenta que a experiência vivida gera um sentimento de comunicação com o espaço, e em vez de categorizá-lo, deve-se experimentá-lo e senti-lo. Desse ponto de vista, é a relação entre as qualidades do espaço/lugar e a sensibilidade humana que deve ser questionada.

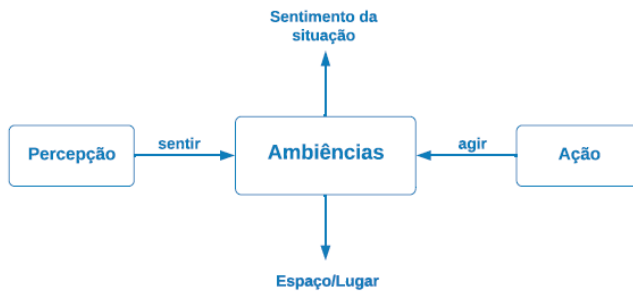


Figura 4 – Ambiência – sentir e agir
 Fonte: Adaptado de Thibaud (2002)

Como a ambiência se inscreve no contexto urbano? De que maneira ela participa efetivamente do cotidiano? A fim de responder tais questionamentos, Thibaud explica que a ambiência é um processo dinâmico que se origina de um movimento de conjunto que exprime e condiciona nossas maneiras de ser, agir e de nos comportar. Notamos, pois, que a ambiência tem consequências sobre a nossa conduta e nosso estado corporal. “Uma ambiência pode, com efeito, nos estimular ou nos relaxar, nos captar ou nos impelir, nos transportar ou nos paralisar etc.” Remetendo-nos que o sujeito e o meio formam uma unidade. Revestida de emoção e sensibilidade ela unifica, caracteriza e especifica a experiência colorindo a totalidade do entorno (THIBAUD, 2018).

“As qualidades sensíveis ganham forma a partir do momento em que se desenvolve o campo da afetividade”. Se o sensível é, sobretudo experimentado em termos afetivos, é indiscriminadamente um sentimento particular entre o sujeito e o espaço. Por outro lado, o termo emocional não surge de forma repentina; geralmente ocorre em pequenos gestos (ações + expressões), sendo que não há necessidade de realmente tomar consciência dele para que faça marca em nossas ações cotidianas. Os termos afetivos são “difusos” já que não podem ser facilmente delimitados (THIBAUD, 2002).

A Figura 8 mostra um esquemático que permite formular uma noção de ambiência e seus atravessamentos.

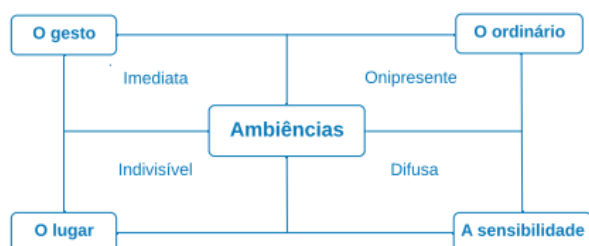


Figura 5 – Ambiência
 Fonte: Adaptado de Thibaud (2002)

Pode-se perceber a densidade do conceito que Thibaud expõe. Pelas definições do autor temos que, primeiramente, é indivisível, pois admitir que só pode ser compreendido em sua totalidade exige a categoria de intensivo, articulando-se com a de extenso. Em segundo, o seu grau de difusão se liga à extensão do conceito por pensar em o que pode ser gerado. Terceiro, a ambiência é imediata, precisa de mobilização corporal e requer a introdução do lado reflexivo da experiência. Quarto, está em toda parte, assim como afirmava Kent, idealizador do PPS, sobre a questão do afeto que está em todo lugar. “Declarar que envolve afeto requer introduzir a vertente da percepção, articulando-a com a sua vertente cognitiva” (THIBAUD, 2002, n.p; tradução nossa), desse ponto de vista, uma ambiência é individual em várias escalas, trata-se de identificá-la (THIBAUD, 2002).

No esquema da Figura 6, pode-se relacionar a ambiência ao habitar a cidade e como isso pode reverberar na vida urbana. São identificados três pontos principais da ambiência, de acordo com Thibaud (2002):

i. familiar: pelo seu caráter de somos nós quem podemos dar forma para a ambiência. O habitar aqui se relaciona ao configurar, “manter a familiaridade com o mundo supõe dar sentido ao nosso meio cotidiano. Um ambiente é familiar se eu o reconhecer e se eu me reconhecer nele por meio dele” (THIBAUD, 2002, n.p; tradução nossa).

ii. espacialidade: pela sua dimensão multissensorial. O habitar se relaciona ao modificar/moldar-se, escolher estar em um espaço significa interagir com os sentidos em uma dinâmica global. A ambiência nos diz que pode ter uma variedade de maneiras de estar lá, uma vez que embora o *ser* (estar no mundo) seja experienciado pelos sentidos, pode-se ter estilos de conduta coerentes com cada lugar, que variam de um lugar para outro.

iii. hospitalidade: pelo aspecto da expressividade e receptividade. O habitar aqui se relaciona ao articular, já que tornar um espaço hospitaleiro envolve gestos elementares que nos conectam uns aos outros. Para serem acolhedores, esses gestos devem ser dotados de qualidades que permitam certa flexibilidade e fluidez nas trocas interpessoais. A ambiência, então, ajuda a evidenciar esse poder expressivo constitutivo de estar-junto. Ou seja, pode afirmar que a ambiência estimula o afeto, o que podemos rememorar mais uma vez a similaridade com Kent, ao falar das trocas de afetos e a identificação de gestos em um local.

A Figura 6, mostra os três pontos principais da ambiência relacionados com o habitar.

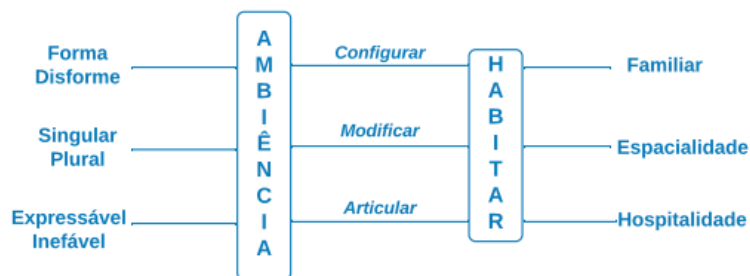


Figura 6 – Ambiência e Habitar
Fonte: Thibaud (2002)

Para complementar essa relação entre a ambiência e o habitar do espaço, são identificadas nove operações elementares que apresentam as relações de espacialidade (relações com o lugar), sensorialidade (relações entre os sentidos) e socialidade (relação e ligação com os outros) (THIBAUD, 2000).

De acordo com Duarte e Silva (2020) as operações são descritas em:

- (1) corresponde à conformidade entre o ambiente sensível e as práticas sociais de modo que os sujeitos e seu ambiente circundante se confundem. Há uma convergência entre o espaço apropriado e as atividades do público nele situado. O indivíduo “entra no clima” do ambiente;
- (2) representa o envolvimento do indivíduo à ambiência;
- (3) imersão do indivíduo no público que ocupa o espaço, confunde em extensão com ele;
- (4) conhecimento das oportunidades oferecidas pelo ambiente sensível;

- (5) envolvimento das ações do indivíduo ao espaço;
- (6) uso apropriado do espaço em conjunto com os demais ocupantes;
- (7) delimita o espaço de ação a partir da ocupação, das atividades realizadas pelo público e da reação do ambiente a estas;
- (8) teste próprio da sensorialidade para uma noção de sua territorialidade. Até onde as ações do indivíduo impactam ou podem impactar;
- (9) diz respeito ao impacto da (8) em relação com os demais ocupantes, alterando a conotação da ambiência de individual para o coletivo.

A Tabela 2 mostra as operações descritas.

Quadro 2 – Ambiência em equações

Ambiência (composição)	Ambiência Acordada (ceder)	Ambiência Modulada (se expor)	Ambiência formatada (captar)
Espacialidade (relação com o lugar)	Corporificar o lugar <i>esboço motor</i> (1)	Acomodar-se aos poucos <i>superfície de contato</i> (4)	Dar medida ao lugar <i>campo perceptivo</i> (7)
Sensorialidade (relação com os sentidos)	Tomar-se de afeição <i>tonalidade afetiva</i> (2)	Colocar o espaço à prova <i>amenidade sensível</i> (5)	Mostrar discernimento <i>inteligibilidade ênica</i> (8)
Socialidade (relação com os outros)	Fundir-se à paisagem <i>estilo de conduta</i> (3)	Fazer-se presente <i>micro acontecimento</i> (6)	Dar tonalidade às situações <i>forma de socialidade</i> (9)

Fonte: Adaptado de Thibaud (2000); Duarte e Silva (2020)

Os autores salientam que as nove operações elementares das ambiências compõem a essência das ambiências, denotando alguma ciclicidade e relações de troca, porém, de maneira alguma, sugerem um padrão de comportamento ou algo moldado, ainda mais quando se aborda valores, atitudes e reações humanas em situações sensíveis (DUARTE; SILVA, 2020).

A Figura 7 mostra uma síntese do conceito de ambiência, ilustra seu caráter mútuo e cíclico. A ambiência urbana é um conceito estrutural para a presente pesquisa e pode refletir a identificação da intervenção artística (prática social) como uma atividade de poder expressivo,

uma abordagem para criar uma ambiência ao espaço, para despertar o afeto, criar memórias, despertar os sentidos, para conectar as pessoas com o espaço e entre si, criam-se relações.

identificar as ambiências dos espaços urbanos passa necessariamente por uma experiência sensorial, por uma observação detalhada do devir urbano, por uma resposta dos ambientes às ações humanas no espaço físico, por uma avaliação de seus usuários e por uma constituição de atmosferas sob uma perspectiva psicossocial que, em maior ou menor grau, relacionam-se com o comportamento humano, usuário final dos projetos de arquitetura e urbanismo. (DUARTE; SILVA, 2020)



Figura 7 – Fundamento da Ambiência
Fonte: Thibaud (2000)

2.3 Espaço Público

O direito à cidade estipula o direito de encontro e de reunião; lugares e objetos devem responder a certas necessidades, em geral mal conhecidas, a certas funções menosprezadas, mas, por outro lado, transfuncionais: a necessidade de vida social e de um centro, a necessidade e a função lúdicas, a função simbólica do espaço. (LEFEBVRE, 2008, p. 32)

Henri Lefebvre, entre os autores marxistas, é o que mais avançou na discussão sobre o urbano. Salienta ao cidadão o direito à cidade, em sua avaliação, é o mais essencial dos direitos, pois assegura ao cidadão a possibilidade de emancipação social (RAMOS, 2015). Os espaços públicos da cidade são os locais onde ocorrem trocas de diferentes escalas antropológicas. Pode-se afirmar que espaços públicos ativos, com apropriação, com participação social são fundamentais e um fator determinante para a sociabilidade e vivacidade da cidade. Uma das essências de uma cidade que pensa nas pessoas são espaços

que as unem, espaços que atraem as pessoas a passar algum tempo (espaços de permanência) ou transitarem (espaços de passagem), haja vista a diversidade de usos dos espaços.

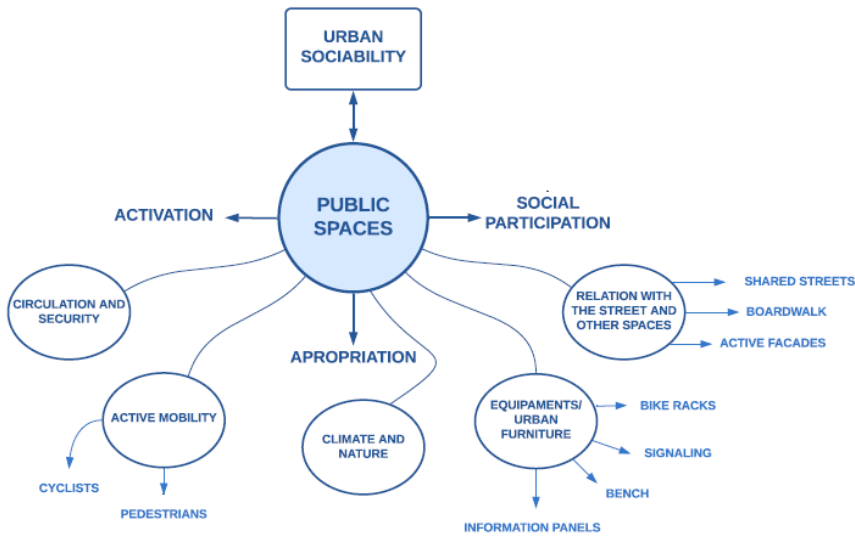


Figura 8 – Espaço Público
Fonte: Autoria Própria

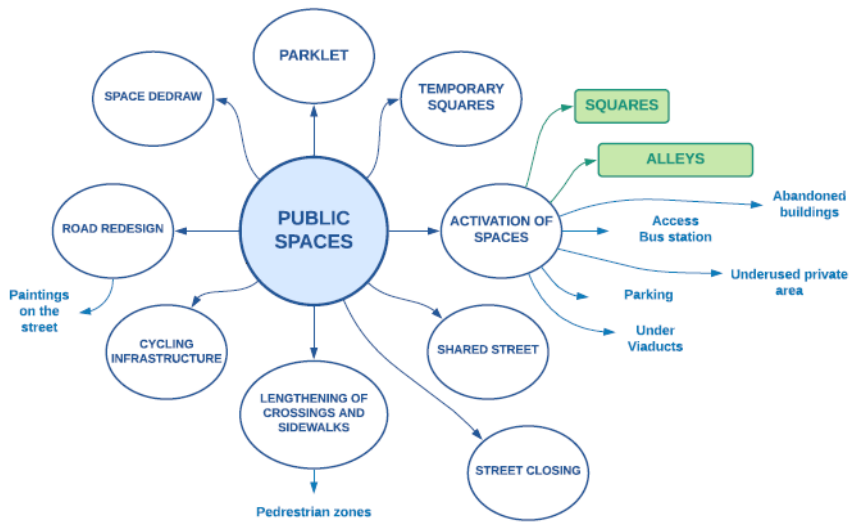


Figura 9 – Usos do Espaço Público
Fonte: Autoria Própria

Durante várias décadas, vários critérios para avaliar o que tornava um espaço público um lugar agradável para se estar e, portanto, ser usado foram reunidos, selecionados e categorizados numa ferramenta desenvolvida por Jan Gehl e parceiros, chamada “os doze critérios de qualidade”. Um estudo que começou em 1970 e ainda está em andamento. A lista de critérios de qualidade foi desenvolvida com base em conhecimentos fundamentais sobre sentidos e necessidades humanas, ademais em muitos anos de estudos sobre espaço público em várias partes do mundo (GEHL, SVARRE, 2018).

De acordo com Gehl e Svarre (2018), o conhecimento subjacente sobre necessidades e sentidos humanos, e sobre o que faz as pessoas se sentirem confortáveis e permanecerem no espaço público, tem sido adaptado, no decorrer dos anos, em um diálogo próximo à prática e o que é funcional. A ideia dos critérios pode servir como ferramenta de fácil uso, citam os autores, por exemplo, para comparar espaços públicos. Ao mesmo tempo em que a lista precisa ter uma quantidade suficiente de detalhes e dimensões para permitir avaliações sobre o quanto os espaços públicos atendem à necessidade humana. Os autores afirmam que hoje, a ferramenta é usada como ponto de partida para estudos.

A Figura 10 mostra os doze critérios considerados, estruturados de acordo com três temas: proteção, conforto e satisfação.






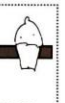






Proteção	<p>PROTEÇÃO CONTRA O TRÁFEGO E ACIDENTES – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Proteção aos pedestres Eliminar o medo do tráfego 	<p>PROTEÇÃO CONTRA O CRIME E A VIOLÊNCIA – SENSÇÃO DE SEGURANÇA</p> <ul style="list-style-type: none"> Ambiente público cheio de vida Olhos da rua Sobreposição de funções de dia e à noite Boa iluminação 	<p>PROTEÇÃO CONTRA EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS DESCONFORTÁVEIS</p> <ul style="list-style-type: none"> Vento Chuva/ neve Frio/ calor Polição Poeira, barulho, ofuscamento 	
	Conforto	<p>OPORTUNIDADES PARA CAMINHAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Espaço para caminhar Ausência de obstáculos Boas superfícies Acessibilidade para todos Fachadas interessantes 	<p>OPORTUNIDADES PARA PERMANECER EM PÉ</p> <ul style="list-style-type: none"> Efeito de transição/zonas atraentes para permanecer em pé/ ficar Apoios para pessoas em pé 	<p>OPORTUNIDADES PARA SENTAR-SE</p> <ul style="list-style-type: none"> Zonas para sentar-se Tirar proveito das vantagens: vista, sol, pessoas Bons lugares para sentar-se Bancos para descanso 
		<p>OPORTUNIDADES PARA VER</p> <ul style="list-style-type: none"> Distâncias razoáveis para observação Linhas de visão desobstruídas Vistas interessantes Iluminação (quando escuro) 	<p>OPORTUNIDADES PARA OUVIR E CONVERSAR</p> <ul style="list-style-type: none"> Baixos níveis de ruído Mobiliário urbano com disposição para paisagens/ para conversas 	<p>OPORTUNIDADES PARA BRINCAR E PRATICAR ATIVIDADE FÍSICA</p> <ul style="list-style-type: none"> Convites para criatividade, atividade física, ginástica e jogos Durante o dia e à noite No verão e no inverno 
Prazer	<p>ESCALA</p> <ul style="list-style-type: none"> Edifícios e espaços projetados de acordo com a escala humana 	<p>OPORTUNIDADES DE APROVEITAR OS ASPECTOS POSITIVOS DO CLIMA</p> <ul style="list-style-type: none"> Sol/sombra Calor/frescor Brisa 	<p>EXPERIÊNCIAS SENSORIAIS POSITIVAS</p> <ul style="list-style-type: none"> Bom projeto e detalhamento Bons materiais Otimas vistas Árvores, plantas, água 	

Figura 10 – Os 12 critérios
Fonte: GEHL, 2015

O espaço público é inerentemente multidimensional. Espaços públicos genuínos e bem-sucedidos são usados por muitas pessoas diferentes para muitos fins diferentes, em muitas horas do dia e do ano. Como os espaços públicos abrigam tantos usos e usuários – ou deixam de fazê-lo – eles também são o lugar onde converge um impressionante entrelaçamento de questões locais e globais (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2016). É o que mostra a Figura 11, o espaço público e seus diversos atravessamentos.

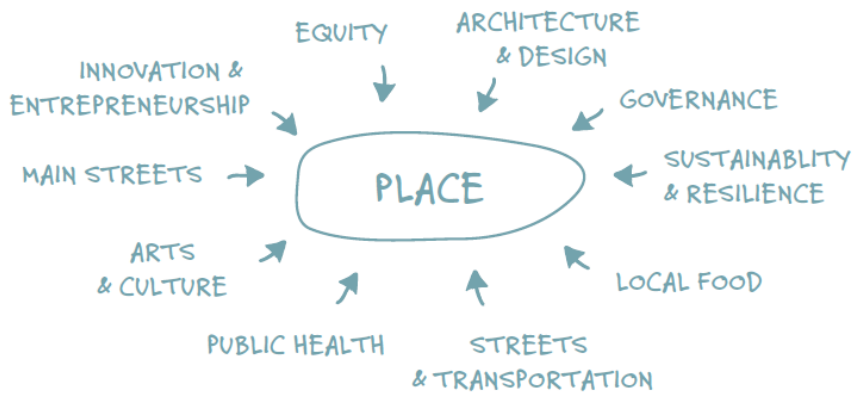


Figura 11 – Espaço Público – usos
 Fonte: PROJECT FOR PUBLIC SPACES; 2016

A organização Project for Public Spaces (PPS), traz o conceito *The Power of 10+*: um espaço bem-sucedido precisa ao menos dez possibilidades de coisas a se fazer. Por exemplo, uma praça e suas possibilidades: um café, uma área para crianças, um lugar para ler, um lugar para sentar, um lugar para o encontro, um lugar para um sorvete, etc., motivos para as pessoas estarem no espaço. E baseado na avaliação do PPS, o que faz os ótimos espaços é surpreendente simples, são quatro atributos principais, ilustrados no Manual *Placemaking* e no Guia do Espaço Público:



Figura 12 – Atributos do espaço público
 Fonte: Project for Public Spaces

1. **Acesso e ligações:** acessíveis e bem conectados a outros lugares importantes na área; as pessoas de todas as idades e condições físicas (inclusive aquelas que têm grande dificuldade para se locomover) conseguem chegar ao espaço e se locomover nele; é fácil chegar e atravessar um espaço público de sucesso; é visível à distância e de perto. As bordas de um espaço também são importantes: por exemplo, uma fileira de lojas ao longo de uma rua é mais interessante e geralmente mais segura de se passar do que uma parede em branco ou um lote vazio. Os espaços acessíveis têm uma rotatividade de estacionamento alta e, idealmente, são convenientes para se chegar com transporte público.

2. **Confortáveis e tem uma boa imagem:** o conforto inclui percepções sobre segurança, limpeza e disponibilidade de lugares para sentar – a importância de dar às pessoas a escolha de sentar-se onde querem é geralmente subestimada; uma vista agradável e atributos que o tornam convidativo.

3. **Usos e atividades:** quando há formas de usar o espaço e atividades; são os blocos básicos de construção de ótimos lugares: são os motivos pelos quais as pessoas os visitam e continuam voltando. Atributo que torna um lugar especial ou único. Quando não há nada para fazer em um lugar, ele fica vazio e sem uso – um sinal claro de que algo precisa mudar.

4. **Sociabilidade:** quando pessoas interagem, desejam se reunir e visitar; qualidade mais importante que um lugar pode alcançar – e a mais difícil de ser alcançada – mas uma vez alcançada, torna-se uma característica inconfundível. Quando as pessoas veem amigos, encontram e cumprimentam seus vizinhos e se sentem à vontade para interagir com estranhos, elas tendem a sentir um senso de lugar mais forte ou de apego à sua comunidade – e ao local que promove esse tipo de atividade social.

Como ferramenta para ajudar as pessoas avaliarem os espaços, a PPS desenvolveu o diagrama mostrado na Figura 13 e, na versão traduzida em português mostrado por Heemann e Santiago (2015). Os benefícios de ótimos lugares são inúmeros, mas o Manual do PPS enumera alguns, entre eles: promove a sensação de conforto, nutre e define o senso de comunidade, promove a saúde, melhora a acessibilidade, apoia a economia local e promove a interação social.

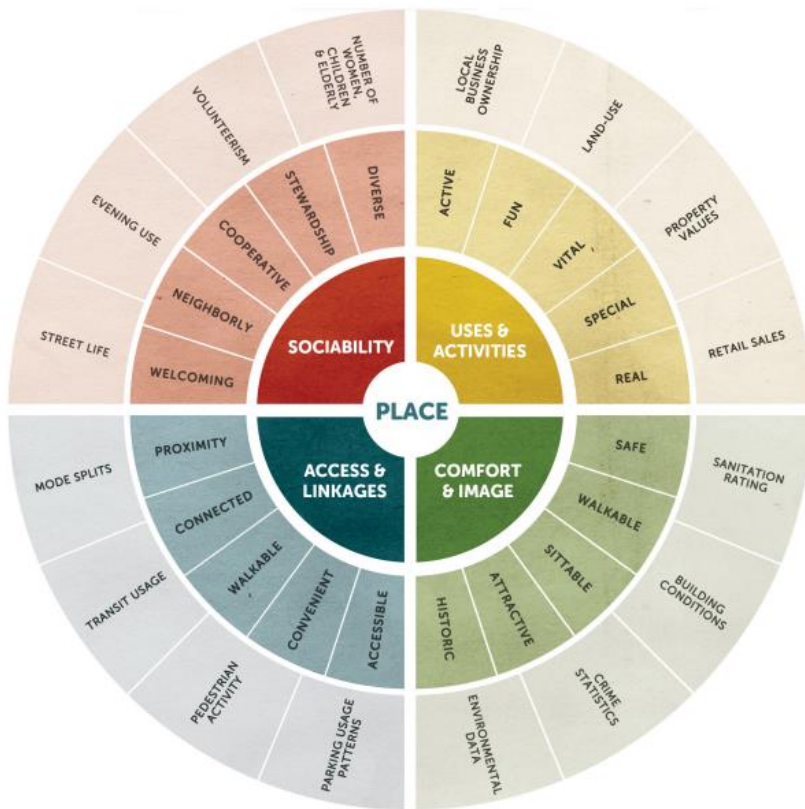


Figura 13 – Atributos chaves
 Fonte: Project for Public Spaces

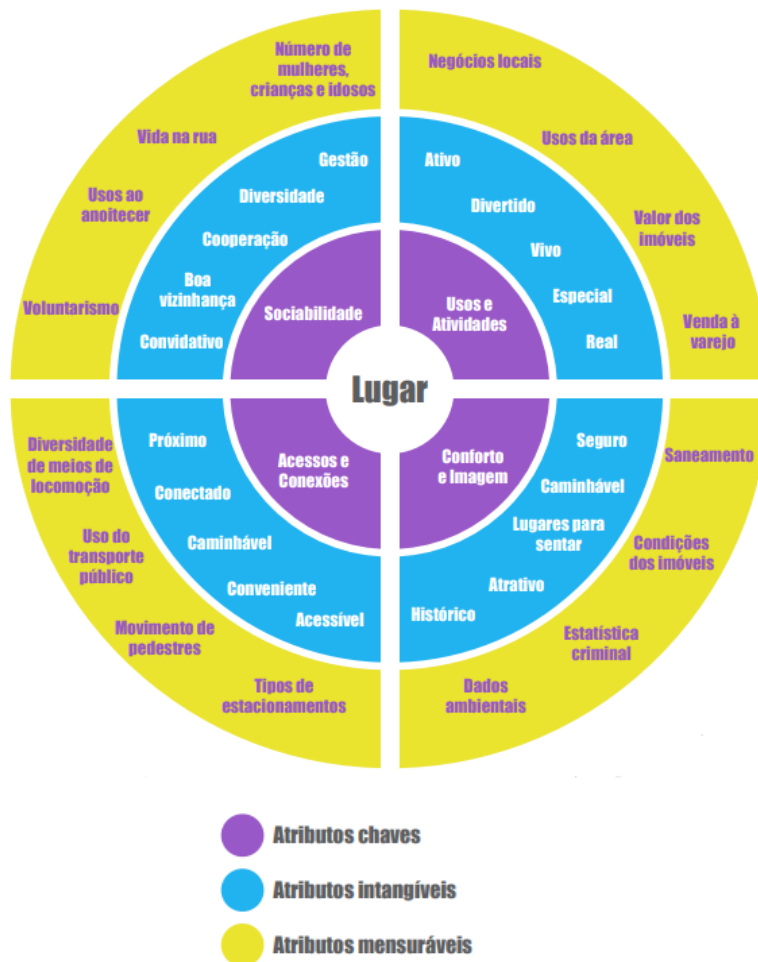


Figura 14 – Atributos chaves
 Fonte: HEEMANN; SANTIAGO, 2015

Para William Whyte, inspirador da organização PPS, não é difícil construir espaços que atraíam as pessoas, o que é notável é a frequência com que a atração vai ocorrer. Há potencial para projetar cidades melhores e criar espaços públicos vibrantes e atrativos. Para Gehl (2015), um fato interessante e instigante é que os melhores e mais funcionais espaços urbanos do mundo

demonstram um cuidadoso tratamento geral de todos os fatores de qualidade mencionados, nada deve ser deixado de lado (GEHL, 2015).

Ciente dos atributos que compõem os espaços públicos, a presente pesquisa preconiza a sociabilidade e os usos e atividades para investigar a relação afetiva do cidadão na vida urbana, sendo a intervenção artística uma possibilidade de uso e atividade para os espaços públicos.

2.3.1 Lugar

Esta seção busca elucidar o termo “lugar”, em que não iremos nos aprofundar diferenciando o espaço do lugar, já que há diversos conceitos, consensos e divergências. Mas sim, mostrar que o “lugar” possui uma ligação mais profunda com o indivíduo. É uma questão detalhista da semântica, pois quando se pensa em lugar, pensa-se em um espaço público qualificado, ou seja, é o espaço público nomeado como “lugar”. Para Carlos:

São os lugares que o homem habita dentro da cidade que dizem respeito a seu cotidiano e a seu modo de vida onde se locomove, trabalha, passeia, flana, isto é pelas formas através das quais o homem se apropria e que vão ganhando o significado dado pelo uso. (CARLOS, 2007)

Tuan (1983) compara os dois termos: espaço e lugar; aponta como termos familiares, indicando experiências comuns, sendo lugar representado por segurança e espaço por liberdade: estamos ligados ao primeiro e desejamos o outro. Para Tuan, o espaço é mais abstrato do que o lugar. O que começa como espaço comum transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor, criamos algum vínculo e adotamos significado e valor.

Uma pessoa pode conhecer um lugar tanto de modo íntimo quanto conceitual. Pode articular ideias, mas tem dificuldade de expressar o que conhece através dos sentidos do tato, paladar, olfato, audição, e até pela visão. As pessoas tendem a eliminar aquilo que não podem expressar. Se uma experiência oferece resistência a uma comunicação rápida, a resposta comum entre os práticos é considerá-la particular – se não idiossincrática – portanto sem importância. (TUAN, 1983)

Tuan (1974) destacava as ligações afetivas que o ambiente podia despertar e que transformava um espaço em lugar – sentimentos sobre o lugar e o que isso pode simbolizar individualmente ou coletivamente, o que já mencionamos anteriormente: a topofilia. A PPS

destaca que um espaço público pode ser funcional, cheio e altamente atrativo e ainda não significar nada para as pessoas que o utilizam. “Um senso de pertencimento só surge em um espaço público quando muitas pessoas atribuem significado a este espaço ao longo do tempo”. (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2018). Dionisio (2011) cita Tuan, ao mencionar que além do tempo, o lugar apresenta intencionalidade, interesses pré-determinados pelos indivíduos que estabelecem relação de afeição com ele.

O lugar não deve ser visto como uma mera categoria espacial, como um palco onde a sociedade constrói sua história. Muito pelo contrário, [...] o lugar deve ser considerado como porção do espaço em que são criados vínculos afetivos e subjetivos que servirão de materiais para o sentimento topofílico. Vale salientar também a multiescalaridade existente no binômio memória/espaço, que pode abarcar desde a visão individual de um morador sobre seu bairro até os símbolos existentes em uma nação e que são evocados pela memória. (DIONISIO, 2015)

Memória e espaço são indissociáveis: a memória produz o espaço, em contrapartida o espaço também produz a memória (SEEMAN, 2002). De acordo com a organização PPS, a atribuição de significado e de apego ao espaço é lenta, internalizada e dispersa, acumulando-se através de incontáveis pequenos momentos de afeição, surpresa e simbolismo que são mais bem captados através da observação pessoal direta. Esses momentos requerem interpretação através de sinais como expressões faciais, linguagem corporal, proximidade e tom de voz. Fred Kent, fundador da PPS, passou sua vida aprimorando esse tipo de observação, analisando as qualidades que dão origem a esses momentos significativos e, por sua vez, um senso de pertencimento ao lugar (RIO ON WATCH, 2018).

Ken afirma que o afeto é uma grande ideia, pois está em todo o lugar, “toda comunidade, toda cultura, todo ser humano tem necessidade de afeto, de se envolver com as pessoas, de se conectar com elas”. Salienta que existem infinitos exemplos de proximidade e afeto, todos gerados por bons espaços públicos. Um estudo feito pela PPS revela que a sociabilidade proporciona benefícios importantes para o bem-estar mental, enquanto o isolamento social contribui para o estresse, para depressão e, também pode prejudicar a resiliência de uma comunidade diante de desastres (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2018).

[...] o afeto depende de um profundo sentimento de conforto. As pessoas devem sentir-se fisicamente e mentalmente à vontade antes de se abrirem para mostrar sinais de amor e amizade. Espaços estéreis e hostis refletirão nos comportamentos das pessoas que usam o espaço (PUBLIC FOR PUBLIC SPACES, 2018).

Observações de Kent demonstram que, quando um espaço é confortável, agradável e/ou relaxante, “as pessoas têm orgulho de estar com alguém e orgulham-se de amar alguém e de compartilhar esse amor de uma maneira que contagie a todos”. Ou seja, as pessoas demonstram seu afeto por um espaço público em seu afeto um pelo outro.

Para a PPS entre os comportamentos afetuosos que podem ser identificados, o que pode variar de cultura para cultura, estão: demonstrações públicas de afeto; compartilhamentos e reciprocidades (sinais de intimidade e confiança); toque como cumprimentos; proximidade (à medida que mais pessoas se aglomeram em um espaço, a tolerância das pessoas à proximidade pode aumentar a ponto de os estranhos se sentarem tão próximos uns dos outros enquanto membros de uma família podem estar em um espaço menos ocupado); sorriso e contato visual.

Pode-se entrever que o espaço se faz lugar, e o lugar se faz espaço público íntimo, a avaliação é individual e particular. Um pode ser o outro, o importante a ressaltar é a relação afetiva do indivíduo com o espaço ou com o lugar, o vínculo que é criado a partir de experiências que o espaço/lugar pode promover. Sabe-se que o “afeto atrai e contribui para a riqueza da vida pública. É a matéria prima para memórias, atribuição de significado e um forte senso de pertencimento” (PROJECT FOR PUBLIC SPACES, 2018).

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido, o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da vida. O sujeito pertence ao lugar como este a ele, pois a produção do lugar liga-se indissociavelmente à produção da vida. (MORENO, 1996, n.p)

De acordo com Tuan (1983), é possível articular sutis experiências humanas nos espaços públicos, tarefa a que os artistas vêm se dedicando – frequentemente com êxito. O geógrafo cita áreas como a psicologia humanística, filosofia, antropologia e geografia humanística intrincadas no mundo das relações humanas. Acrescentamos a arte, pela qual podemos ver como esta assume uma função definidora dos modos de vida de urbana e costumes

(CONEXÃO, 2016). Nas próximas páginas, iniciaremos o capítulo 2 que abordará mais a fundo a arte como experiência nos espaços públicos da cidade contemporânea.

VII. CAPÍTULO 2 – HABITAR A CIDADE

Habitar é, em determinado espaço e tempo, traçar uma relação com o território, atribuindo-lhe qualidades que permitam que cada um se identifique. Habitar é um fato antropológico, isto é, diz respeito a toda a espécie humana, é um “traço fundamental do ser”

Heidegger, 1958

Para Segaud, em seu livro *A Antropologia do Espaço* (2016), na nossa sociedade existem tantas maneiras de habitar quanto indivíduos. É uma conjugação entre o lugar e o indivíduo singular que funda o habitar. A socióloga, interpõe o poeta Bachelard e o filósofo Heidegger; os quais acreditam que: o homem habita o mundo; o mundo é seu espaço, “esse entremeio é a medida atribuída à habitação do homem”, induzindo assim o ser humano, situado num mundo em que o espaço é um dado imediato e necessário, o que deve dar uma dimensão ao ordenamento/arranjo do espaço.

Em *Ensaio e conferências* (1979), Heidegger expõe a respeito desse dimensionamento do espaço, na qual somente com a condição de que o homem meça e ordene sua habitação que ele pode medir seu próprio *ser* porque o homem habita medindo, de um ponto a outro, o “sobre a terra” e o “sob o céu”. A seu ver, existe um vínculo entre construir, habitar e pensar (SEGAUD, 2016). Portanto, para Segaud o homem é poético nessa medição do espaço que, na terra, é seu hábitat.

Em *A poética do espaço* (1993), Bachelard afirma que vivemos uma “ritmanálise da função de habitar” que examina detalhadamente os ritmos da vida. Seria descermos dos grandes ritmos impostos pela sociedade a “ritmos mais sutis que atuam sobre as sensibilidades extremas do homem”. Aqui cabe-nos dar mais valor aos pequenos ritmos da vida ao invés de apenas deixarmos-nos levar pelos automatismos cotidianos do capitalismo selvagem.

Concatenando a dialética entre o filósofo e o poeta, traçamos um vínculo entre *ser*, *sentir* e *habitar a cidade*. Isto é, compreender como habitamos os espaços, como há pertencimentos, apropriações e identidades nos espaços da cidade. Se “habitar é um traço fundamental do ser”, do ponto de vista de Segaud, é possível dizer que o habitar é um fenômeno geral, existem tantas maneiras de habitar quanto indivíduos. Em nossas sociedades, é a conjugação entre o lugar e indivíduo singular que funda o habitar, trata-se de vínculo, afetividade e topofilia.

Apropriar-se do espaço é estabelecer uma relação entre esse espaço e o eu por meio de um conjunto de práticas. Trata-se de atribuir significação a um lugar; isso pode ser feito no nível da semântica, por meio das palavras e pelos objetos e símbolos que lhes são vinculados. É um processo, um conjunto de ações que, obviamente, variam conforme as sociedades, as épocas, os indivíduos, e que podem frequentemente ser assimiladas a rituais.

O mais importante aqui é entender que o espaço cristaliza, em certas épocas e com frequência, as relações sociais. O espaço permite qualificá-las e vice-versa. Assim, ler o espaço permite uma construção, uma interpretação da sociedade, a descrição de um verdadeiro estado social. O espaço diz algo sobre a sociedade, o grupo ou o indivíduo que o ocupa; indica um estado das relações sociais; “comunica” desde que conheçamos o código para poder ler o que ele nos diz. Trata-se, assim, de uma leitura feita pela observação que evidencia uma configuração e permite uma classificação e interpretação.

Através do caminho feito até aqui, percorremos historicamente a cidade e seus espaços públicos, propomos o perder-se na cidade trilhando caminhos entre o *ser e sentir*, propusemos estar à deriva do devir cidade com corpos vibráteis. O que nos desperta a atenção, para este segundo capítulo, de uma proposição em *habitar* a cidade pelas intervenções artísticas como “experiências” (BONDÍA, 2002; HEIDEGGER, 2003,2005; TUAN, 1983) nos espaços públicos. Exploraremos as intervenções artísticas como potencializadoras da sociabilidade e vivacidade urbana. As intervenções artísticas serão possibilidades para saída das atrofias dos espaços de encontro das cidades que dão origem a lugares banalizados. Ambientes construídos que se limitam ao emaranhado de vias presas a superficialidade da distribuição ordenada dos cidadãos, que caminham anestesiados passivos de tudo e todos os outros que os rodeiam (SIQUEIRA *et al*, 2018).

Como já dito anteriormente, Benjamim bem dizia que a sociedade estava pobre de experiências, Giorgio Agamben, filósofo italiano, retoma a dizer que há uma incapacidade contemporânea tanto de fazer quanto de transmitir experiências (JACQUES, 2012). Em consequente Gehl e Svarre (2018) de que a sociedade carecia de experiências que delineiam os espaços públicos. E o que seria essa experiência? Bondía (2002) nos diz com um jogo entre as línguas:

[...] a experiência é, em espanhol, “o que nos passa”. Em português se diria que a experiência é “o que nos acontece”; em francês a experiência seria “ce que nous arrive”; em italiano, “quello che nos succede” ou “quello che nos accade”; em inglês, “that what is happening to us”; em alemão, “was mir

passiert". A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. (BONDÍA, 2002, n.p)

Primeiro, é importante salientar a necessidade de Bondía em separar a experiência da informação, pois a informação não garante necessariamente a experiência.

O sujeito da informação sabe muitas coisas, passa seu tempo buscando informação, o que mais o preocupa é não ter bastante informação; cada vez sabe mais, cada vez está melhor informado, porém, com essa obsessão pela informação e pelo saber (mas saber não no sentido de "sabedoria", mas no sentido de "estar informado"), o que consegue é que nada lhe aconteça. (BONDÍA, 2002, n.p)

Após essa elucidação, Bondía expressa que nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara (por falta de tempo, por excesso de trabalho). "A velocidade com que nos são dados os acontecimentos que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos". Nos impede que nos tornemos sensíveis, que degustemos o momento porque o mundo nos pede imediatismos, nos pede que respondamos mensagens no mesmo instante, nos pede áudios velozes, nos pede prazos absurdos, nos pede ponto no horário, nos pede reuniões com horários marcados de início e de término, segundos cronometrados. Nos pede todo o nosso tempo, sempre se está ocupado; e não nos cabe devaneios, desvarios, o desfrute do momento, da experiência, de acontecimentos porque quando há experiência é quando lhe acontece. E quiçá quando cabe, quando acontece, pode vir acompanhado de culpa; imposta pelos moldes do sistema.

Ao sujeito do estímulo, da vivência pontual, tudo o atravessa, tudo o agita, tudo o choca, mas nada lhe acontece. Por isso, a velocidade e o que ela provoca, a falta de silêncio e de memória, são também inimigas mortais da experiência. Estamos sempre acelerados e nada nos acontece. (BONDÍA, 2002)

A experiência é rara já que a experiência é uma junção entre o que nos passa, o que nos acontece e o que nos toca. Acrescenta Bondía que a experiência nos forma e nos transforma. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece, pois deixamos de nos submeter às experiências ao lidarmos com o cotidiano da "vida corrida" do meio urbano e, porque sempre se está em atividade, não se pode parar. Homem-máquina, presente.

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar

mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço. (BONDÍA, 2002, n.p)

Ou até mesmo dar tempo ao tempo, já que se vive em tempos distópicos. Será possível fazê-lo? Qual é o limítrofe para tal feito nos dias de hoje? Quais sujeitos permitem que a experiência o encontre e aconteça? Questionamentos que permeiam a presente pesquisa. Para a última questão, Bondía responde a contra pergunta: “é incapaz de experiência aquele a quem nada lhe passa, a quem nada lhe acontece, a quem nada lhe sucede, a quem nada o toca, nada lhe chega, nada o afeta, a quem nada o ameaça, a quem nada ocorre.

A palavra experiência vem do latim *experiri*, provar - experimentar, experienciar. A experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta, que se prova. [...] A raiz indo-européia é *per*, com a qual se relaciona antes de tudo a idéia de travessia, e secundariamente a idéia de prova. Em grego há numerosos derivados dessa raiz que marcam a travessia, o percorrido, a passagem: *peirô*, atravessar; *pera*, mais além; *peraô*, passar através, *perainô*, ir até o fim; *peras*, limite. (BONDÍA, 2002, n.p)

“Somente o sujeito da experiência está, portanto, aberto à sua própria transformação.” “Gente certa é gente aberta”, aqui o trecho da música *Gente Aberta* pode entrar em cena, interpretada e lançada pelo cantor brasileiro, Erasmo Carlos, em 1971. O eu lírico da música é sensível para experimentar e provar algo, no caso, o amor.

A cidade, como palco performático, surge em conjunto com a experiência de que nos fala Bondía. Sujeitos que por meio da experiência estão na busca de uma significação, ou mais precisamente, uma ressignificação do cotidiano urbano, deslocando o pensamento de um ambiente ordinário em busca de uma redefinição de expressões e sentimentos. (SIQUEIRA *et al.*, 2018).

Para Heidegger, em *De camino el habla* (1990), fazer uma experiência significa que algo nos acontece, nos alcança; que toma conta de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando se fala em fazer experiência, isso não significa exatamente que façamos algo, fazer aqui significa: receber o que nos chega de maneira receptiva, aceitar, na medida em que nos submetemos a algo. Algo é feito, algo acontece. Fazer experiência, portanto, aos olhos de Heidegger, significa deixar-se aproximar à nossa maneira, entrar e submeter-se a ela. Então a

experiência pode alcançar o íntimo de nossa existência, pois podemos ser transformados por tais experiências, de um dia para o outro ou com o passar do tempo.

Em consonância, tem-se que:

a experiência é o sentido de saborear um dado momento vivido, mas não algo de que o sujeito pode tomar posse. Ele não tem uma experiência; ele a vivência nos acontecimentos de sua história de vida. A experiência é a ação conjunta de tudo que ele é num determinado momento [...] transformando-o. Destarte, a experiência se atualiza na medida em que se vive a possibilidade de ser. A potência do ser em um intercambiamento efervescente de trocas criativas em suas itinerâncias de vida é o que provoca a formação. (ALMEIDA, 2012, n.p)

Sob a ótica de Tuan (1983), experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Estas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização.

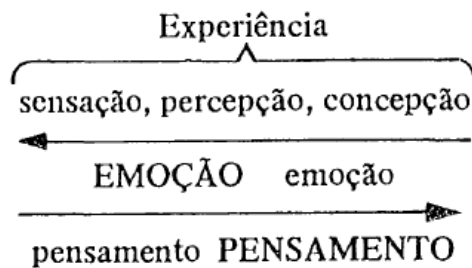


Figura 15 – Experiência por Tuan
Fonte: TUAN (1983)

A experiência é constituída de sentimento e pensamento. Para Tuan, as emoções dão colorido a toda experiência humana, incluindo os níveis mais altos do pensamento. A experiência está voltada tanto para o mundo exterior que capta quanto para o mundo interior que é afetado – o eu. Tuan rememora Paul Ricoeur e afirma que:

Segundo Paul Ricoeur, “o sentimento é (...) sem dúvida intencional: é um sentimento por “alguma coisa”. Mas é uma estranha intencionalidade: por um lado indica qualidades sentidas quanto às coisas, quanto às pessoas, quanto ao mundo, e por outro manifesta e revela a maneira pela qual o eu é afetado intimamente.” No sentimento, “uma intenção e uma feição coincidem em uma mesma experiência”. (TUAN, 1983, n.p)

Tuan relaciona a experiência à criação de um sentimento, pensamento e emoção. A experiência implica a capacidade de aprender a partir da própria vivência. Experimentar é aprender; significa atuar sobre o dado e criar a partir dele. O dado não pode ser conhecido em sua essência. O que pode ser conhecido é uma realidade que é um constructo da experiência (TUAN, 1983).

Pode-se entrever que a experiência se dá na relação do indivíduo com o espaço em que se vive. Percebe-se o fato de a experiência estar conectada à existência e estar de fato, presente, vivo tocado pelo que acontece à nossa volta. A experiência pode configurar uma personalidade, um caráter, uma sensibilidade ou, em definitivo, uma forma humana singular de estar no mundo, que é por sua vez uma ética (um modo de conduzir-se) e uma estética (um estilo). A experiência e as consequências que dela derivam são o que nos permite apropriar-nos do nosso modo de habitar a vida urbana (BONDÍA, 2002).

A Figura 16 ilustra como se situa a experiência na sociedade. Em sua síntese gráfica, localiza-se em um dos eixos os cidadãos, corpos da cidade; em outro, encontram-se os fenômenos do objeto de estudo da pesquisa. Ao considerar as experiências dos cidadãos, identificam-se os espaços no terceiro eixo e, ainda, é necessário considerar o tempo, sem o qual a representação não estaria completa. Salienta-se que a dimensão temporal está relacionada aos três eixos.

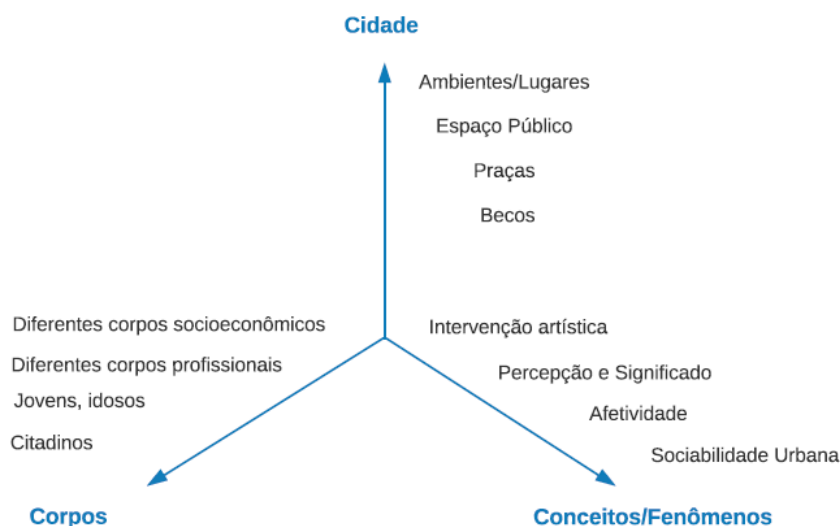


Figura 16 – Eixos experiência
 Fonte: Adaptado de PINHEIRO (2018)

Sabe-se que o espaço-tempo da cidade contemporânea é veloz, exige dinamismo ao passo apertado dos muitos afazeres e, muitas vezes, a experiência fica em segundo plano. Portanto, a reflexão sobre habitar a cidade, no contexto da experiência, sugere uma ruptura com os padrões da sociedade, com os automatismos cotidianos, com a rotina ordinária. Desenha-se uma visão libertária – filosófica por Heidegger e Bondía, humanística geográfica por Tuan, poética por Bachelard – através de *habitar* os espaços públicos com experiências. A experiência caracteriza assim, o *habitar a cidade* que se pretende ressaltar na pesquisa, investigar a relação do cidadão com o espaço público pelas experiências – pelas intervenções artísticas. Ou seja, propõe-se que as experiências sejam através de intervenções artísticas. Que experimentemos o experimental! (OITICICA, 2019)

1. Arte e Técnica

A Arte pode deixar de ser um relato sobre as sensações
para tornar-se uma organização direta de sensações superiores.
Trata-se de produzir a nós mesmos
e não coisas que nos escravizam.
Internacional Situacionista

Aristóteles está entre aqueles que defendiam a tese de serem buscadas formas de integrar a arte na vida social, identificava o potencial político da arte numa sociedade complexa como a grega. Para o filósofo, o artista oferecia à polis a possibilidade de refletir sobre o seu *éthos*, isto é, seus valores, ideias e crenças, seja no sentido crítico (de ruptura) seja no sentido emancipatório. Convencido da função social da arte, Aristóteles tomava para si a dupla tarefa de, por um lado, levar o artista a reconhecer a importância da dimensão ética do que produzia, e, por outro, buscar um novo significado para a educação dos sentidos da sociedade mediante a politização da arte (REIS, 2015).

Reis (2015) menciona o filósofo que declarava ser tão fundamental tanto no reconhecimento pela polis da importância epistemológica da arte no combate à "transcendência da doutrina platônica das ideias e toda doutrina teológica na ética" quanto era que o artista elevasse o teatro, a poesia, a música à condição de despertar as "forças próprias de cada homem, para com a sua ajuda – e somente com ela – este possa mover-se no sentido do seu aperfeiçoamento".

“Na Antiguidade, na Idade Média e na Renascença, em toda parte as Belas-Artes tiveram um lugar de honra”. Para Camillo Sitte (1843-1903) construir uma cidade não bastava à ciência de um técnico, era preciso ainda o talento de um artista, uma vez que é nas qualidades de um técnico e de um artista que examinamos os planos de uma cidade, eles que procuram os procedimentos de suas composições (CHOAY, 2010).

Aos olhos da concepção ruskiniana (1818-1900), a arte é a revelação transcendente, mas exprime também a vitalidade de uma cidade. A sociedade é uma totalidade orgânica cujos aspectos todos estão ligados entre si, de modo indissociável, ao modo que a arte pode exprimir virtudes políticas e sociais de uma cidade. Ruskin faz críticas à sociedade inorgânica, desintegrada e incoerente, analisa impiedosamente a pobreza do planejamento urbano da época, como as consequências do sistema industrial e a decadência do trabalho humano que, baseado em noções de lucro e de produção, deixou de ser a realização de uma função vital (CHOAY, 2010).

Ao longo do tempo, a cultura moderna fez uma separação entre o mundo das artes e o mundo da técnica e das máquinas, de modo que a cultura se dividiu em dois ramos estranhos entre si: por um lado, o ramo científico, quantitativo, “duro”, e por outro o ramo estético, qualificador, “brando”. Essa separação desastrosa torna-se insustentável no final do século XIX (FLUSSER, 2007). William Morris (1834-1896), em *How I become a socialist* (1894), expressa: “é da índole da arte oferecer ao trabalhador uma vida na qual a percepção da beleza, quer dizer, o gozo do prazer verdadeiro, será tão necessária quanto o pão cotidiano” (CHOAY, 2010).

Sennet (2018) alega que em 1859, o arquiteto espanhol Ildefons Cerdà lavra pela primeira vez em letras impressas as palavras “urbanismo” e “urbanista” para exigir uma compreensão própria da cidade. Em contrapartida, o urbanismo, segundo Gaston Bardet, surge em 1910 no *Bulletin de la Societé Geographique de Neufchatel*. Deriva-se do latim *urbe* – cidade – e, etimologicamente falando, é o estudo ou compreensão da cidade. Delineia-se uma das ciências que penetra tanto no íntimo de cada indivíduo como no âmago da estrutura da cidade e da sociedade. Sendo um instrumento imprescindível de análise e, principalmente, de atuação nas cidades em como se estabelecem as relações: funcionais, sensitivas e imaginativas, que nunca ocorrem isoladamente, mas sempre em combinação (GONÇALVES JUNIOR *et al.*, 1991).

O urbanismo pode ser visto, em uma de suas facetas, como uma espécie de ponte entre os dois mundos da arte e da técnica, e é possível pela conexão entre ambos. Nesta perspectiva, engendram-se discussões entre a arte e o urbanismo não apenas como um encontro de campos do saber, mas também como um processo de construção de uma sinergia, um mutualismo baseado na “cooperação entre as condições relacionais de cada área, em busca de conexões que mobilizem experiências” aos cidadãos, de modo que favoreçam a produção de sentidos, sensações, emoções e sentimentos (BRITTO; JACQUES, 2011).

Na década de 1960, o movimento Internacional Situacionista (IS) detinha o interesse em ressaltar o caráter humano e artístico no fazer constante do espaço da cidade, mostrando preocupações com as experiências nos espaços. Para viabilizar tais experiências, o movimento desenvolve estudos sobre o comportamento afetivo dos indivíduos e técnicas de apropriação do espaço. Entre as proposições do IS, o urbanismo unitário era uma crítica ao urbanismo moderno e trazia importantes ferramentas para a prática do espaço urbano (NASCIMENTO; SANTOS, 2017). A construção de situações propostas pelo movimento levou à vivência do espaço da

Formatado: Realce

Formatado: Realce

Formatado: Realce

cidade, com um urbanismo unitário que propunha a “teoria do emprego conjunto de artes e técnicas que concorrem para a construção integral de um ambiente em ligação dinâmica com experiências de comportamento” (IS apud JACQUES, 2003, n.p).

A arte, a técnica e a ciência, em perspectiva dialógica, podem contribuir para a constituição de procedimentos mentais capazes de apontar a emergência de modelos da realidade urbana, visando restituir formas de sociabilidade pautadas pela apropriação e fruição de espaços e temporalidades múltiplas (LIMENA, 2001).

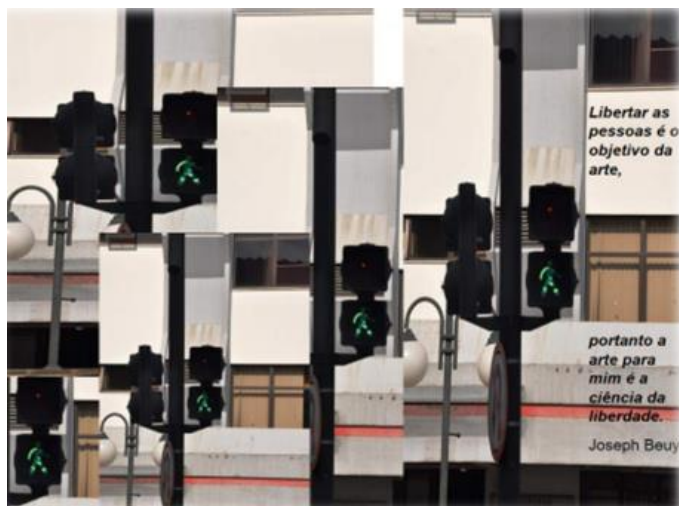
Se a cidade é um espaço simbólico no qual se exercita a imaginação, é possível que o imaginário ela própria contribua com exercitamos nossa imaginação, penso ser possível que ela própria contribua com respostas criativas para a definição de nosso *ethos*. (LIMENA, 2001, n.p)

Em síntese, as artes exercitam também o imagético, e realizam o que Jameson denomina "mapeamento cognitivo", expressando um desejo de totalidade, análise de um todo, da realidade. Constituem-se de imagens capazes de fornecer um sentido de tempo e de lugar a partir do qual pode-se construir não apenas um sentido de orientação para movimentação no espaço da cidade, mas também formas de compreensão da realidade cultural e sociopolítica que esta representa (LIMENA, 2001).

A arte, pensada em um contexto amplo e plural, corresponde às provocações do espírito humano quanto à natureza da existência e das coisas, proporcionando experiências sensoriais e estéticas que tencionam a naturalidade da vida. A urbanidade pode acomodar a preocupação com as relações sociais, questionando e transformando as modalidades de ocupação do espaço e do tempo (SIQUEIRA *et al*, 20018) fortalecendo as possibilidades de sociabilidade urbana.

Dado um panorama sobre a dialética da arte e da técnica, pretende-se analisar como a arte, ultrapassando padrões hegemônicos, pelo viés da intervenção artística. Esta pode ter uma função social na cidade e, pode ter potencial para promover maior sociabilidade e vivacidade para os espaços públicos. Ainda que seja feita de forma efêmera, individualmente ou coletivamente por artistas, alimentando uma noção da arte como geradora de experiências aos cidadãos e, uma noção de território de produção livre, de transformação, ressignificação de espaços e de pessoas. A investigação da pesquisa se dá em pensar como as intervenções artísticas reverberam na relação do cidadão com o espaço público.

2. Intervenções Urbanas Artísticas



[...] é preciso mudar o mundo. Queremos a mais libertadora mudança da sociedade e da vida em que estamos aprisionados. Sabemos que essa mudança é possível por meio de ações adequadas. (DEBORD, 2003, n.p)

Encontrando nas ações adequadas uma dimensão crítica e revolucionária, identificáveis na área da arte, da cultura e costumes, Debord argumenta contra um hegemônico sistema capitalista de controle sobre as dimensões da vida cotidiana. Pode-se dizer que o filósofo francês mirava a arte como uma ação adequada, uma possibilidade de questionamento da sociedade capitalista, como forma de combater a alienação e a passividade da sociedade. Como também envereda Jacques (2010) em:

experiência artística como possibilidade questionadora de consensos estabelecidos ou ainda como fomentadora de outras formas de dissenso, ou seja, na arte como uma forma de ação dissensual. (JACQUES, 2010, n.p)

Para Deleuze e Guattari (1991), a arte capta forças não visíveis. A força tem uma relação íntima com a sensação. Para que haja sensação é preciso que uma força se exerça sobre um

corpo entendido como um ponto de vibração ondulatória, o que podemos relacionar com o corpo vibrátil de Suely Rolnik. Em outros termos, os autores expressam que a força é condição da sensação. Ela é desencadeadora do devir sensível nas artes.

É esse espírito em que se insere a presente pesquisa – um fazer artístico que torna possível as experiências e partilha do sensível – e, o que queremos buscar com essa segunda parte do estudo, a arte como uma “ação adequada” para estimular os modos de vida urbana, de habitar a cidade, de habitar os espaços urbanos, com conseqüente, impacto na vivacidade e sociabilidade urbana. E o enfoque da arte se dá através da intervenção urbana artística. Cabe-nos assim, interrogar como se dá tal entrelaçamento das relações afetivas com espaço, considerando a intervenção artística urbana pelo foco do modo como elas afetam o cidadão, conseqüentemente, a relação cidadão-cidade-espaço público.

De acordo com Cruz (2017), a arte pode ser entendida como uma lupa que traz visibilidade ao espaço público, cria uma narrativa dos lugares, mostra suas histórias, memórias, valores e relações. Dessa forma, as intervenções artísticas são uma forma de apropriação dos espaços públicos, evidenciando identidades, significados, sentidos e valores dados pelo cidadão. Pode ser apontada como táticas¹⁴, conceito ligado ao Urbanismo Tático, termo que significa uma abordagem para ativação de um espaço, utilizando exatamente intervenções e políticas de curto prazo e baixo custo, que permitam a imediata recuperação, redesenho (FONTES *et al.*, 2020) e ressignificação do espaço público, visando futuras transformações.

Segundo Lydon e Garcia (2015), autores do livro *Tactical Urbanism: Short-term Action for Long-term Change*, o termo tático, refere-se às ações de pequena escala que servem a grandes propósitos. As propostas de modificações e micro soluções escaláveis fornecem um caminho prático para repensar o espaço urbano e promover a requalificação do espaço ao permitir que soluções pontuais, aos olhos do arquiteto brasileiro Jaime Lerner, sejam acupunturas urbanas.

De acordo com Janette Sadik-Khan, reconhecida por diversas soluções para a cidade contemporânea, o urbanismo tático demonstra o enorme poder de pensar pequeno sobre nossas cidades e mostra como, com um pouco de imaginação e os recursos disponíveis, as cidades podem desbloquear todo o potencial que o espaço público possui (sociabilidade, intercomunicação entre setores público e privado, diversidade de usos). Diante disso, as

¹⁴ A origem do termo tático está em Michel Certau, no livro *A invenção do cotidiano*.

intervenções artísticas, como forma de intervenção do urbanismo tático, podem significar respostas rápidas para as situações específicas para a cidade do século XXI.

Pode-se entrever que a intervenção artística afeta o espaço, ao mesmo tempo em que afeta o cidadão por meio da experiência, dialogando com a sociabilidade e vivacidade urbana. Aos olhos de Fontes (2012), pode-se dizer que as intervenções deixam marcas permanentes na cidade, funcionam como motores de relações de proximidade e intimidade, tanto com o espaço, quanto a relação entre os indivíduos (“amabilidade urbana”), atuando reativamente contra o desfavorável estado de alienação. Fontes (2011) rememora Lefebvre (2004) ao denominar que as intervenções artísticas são os instantes de ruptura e iluminação que revelam as possibilidades transformadoras do cotidiano.

Se para Walter Benjamin habitar significa deixar rastros, a intervenção artística deixa rastros pelo corpo-cidade. Saliento que a intenção não é identificar ou especificar qual o tipo de intervenção, pois há um leque de possibilidades que a arte urbana pode oferecer, englobando diversas perspectivas artísticas. Ressalta-se a capacidade que a cidade tem de articular o sentido do espaço público da experiência e do acontecimento (em Larrosa, Tuan, Heidegger, Bachelard) no cotidiano da vida urbana, em consequência da experiência transformar o espaço público e permitir-nos ser transformado por ela. As intervenções trocam as lentes para regular o nosso olhar a cidade, incentiva as formas de participação na vida pública, estimula a vivacidade urbana, sensibiliza os indivíduos e cria possibilidades de sociabilidade, já que esses corpos compõem uma cidade-corpo.

Sob essa ótica, as intervenções artísticas desenham situações passíveis de regular a visão frente ao espaço público e ao nosso cotidiano. Para Oliveira *et al.* (2015) criam-se “situações passíveis de modificar nosso olhar e nossas atitudes com relação ao ambiente coletivo. É uma arte capaz de se constituir como laço comunitário; capaz de criar, por sua prática, o tecido de novas formas de vida” (OLIVEIRA *et al.*, 2015, n.p). Revela-se uma linha tênue entre o ordinário e o extraordinário na alteridade e efemeridade da vida urbana. Promove-se uma desaceleração poética do tempo (GUATTARI, 1992), pausa do cotidiano (UMBRECHT, 2006), momento de desfrute. Tal desaceleração permite a constituição, tanto material quanto simbólica, de certo tipo de espaço-tempo, de uma suspensão em relação às formas da experiência sensível (OLIVEIRA *et al.*, 2015).

Ao permitirem ser afetadas sensivelmente por essas intervenções, aquelas pessoas – também partes da cidade – se inserem na ação, tornando-se, além de suas consumidoras, também suas produtoras. É aí que a ação se completa:

no olhar, na afetação e no engajamento do outro. (OLIVEIRA *et al.*, 2015, n.p)

Retomando nossas discussões no capítulo 1, a pele que envolve a cidade e todas as entrelinhas dos conceitos tecidos, a intervenção urbana artística visa atingir patamares de proximidade e possibilidades para habitar o espaço, através de abordagens que potencializam o entrelace do planejamento urbano com a arte estimulando *ambiências* urbanas (Thibaud); ou ainda criando uma *ritmanálise* (Bachelard), conforme a manifestação de novos ritmos e trajetórias urbanas que afetam a percepção e a relação com a cidade.

Independente do caráter efêmero, pontual ou temporário as intervenções urbanas têm o potencial de criar a atmosfera da dimensão sensorial na apropriação do espaço.

A permanente preocupação em atingir padrões ascendentes de qualidade de vida na vivência urbana tem levado, em alguns contextos, os responsáveis pelo planejamento e gestão urbanística a trabalhar não apenas a dimensão visível, mas também a dimensão sonora, tátil e olfativa das cidades [...], procurando, em última instância, oferecer nos lugares públicos e nos espaços exteriores uma qualidade equivalente à dos lugares privados e espaços interiores. (NUNES, 2012, n.p)

Nunes (2012) atenta sobre a importância da multissensorialidade na vivência urbana e sobre a carência das cidades para equacionar e integrar a abordagem nos planos e projetos urbanos que conduzem a transformação das cidades contemporâneas. Os caminhos trilhados do presente estudo até aqui buscaram clarificar uma dimensão urbana a partir da pele da cidade para aprofundar as discussões em torno da relação cidadão-cidade para uma reorientação do planejamento urbano com uma abordagem humanística e sensível. Em síntese Thibaud(2012), ilustra o percurso.

Ao estudar o encaixe entre o sensível e o social, atualizar os esquemas de percepção cultural, escrever uma história das sensibilidades, tirar as medidas do espaço vivido, desenhar uma arquitetura pelas sensações, visitar o lugar dos sentidos no pensamento filosófico ou fazer cair por terra a percepção comum através da performance artística, sempre haverá referências à experiência e se dará atenção especial aos registros sensoriais. (THIBAUD, 2012, n.p)

Pode-se dizer que por meio da intervenção artística, o espaço público passa a ser o lugar de reflexão sobre a maneira que somos, sentimos e habitamos – vivenciamos – a cidade. Se a característica inata do indivíduo é se relacionar, pois ao mesmo tempo em que Fred Kent, afirma

que todo ser humano tem necessidade de afeto, Freud (1856-1939) ressaltava que o homem é carente por natureza, precisa de convívio social para ressaltar tanto o imaginário, o simbólico quanto o real. Deleuze e Guattari (1992) evidenciam que os artistas são mostradores de afetos, inventores de afetos, criadores de afetos em relação às percepções e visões que nos dão. Para os autores, os artistas nos dão a possibilidade de nos transformarmos com eles.

afectos criadores podem encadear ou derivar, em compostos de sensações que se transformam, vibram, se enlaçam ou se fendem: são estes seres de sensação que dão conta da relação do artista com o público [...] O artista acrescenta sempre novas variedades ao mundo. Os seres da sensação são variedades, como os seres de conceitos são variações [...] (DELEUZE; GUATTARI, 1992, n.p)

Abarcando o conceito filosófico do espaço, a intervenção artística implica na emergência de qualidades sensíveis (sensibiliza), engloba tanto a funcionalidade como forma de urbanismo tático quanto a expressividade em forma de experiências. Deleuze e Guattari (1992) denominam como fenomenologia da arte, que determina não somente uma experiência em geral, mas atravessa o aqui e o agora, o próprio vivido e encarnado constituindo sensações vivas. Em análise mais detida dos autores, o ser da sensação, o aspecto da percepção e do afeto aparece como uma unidade daquele que sente e do sentido de entrelaçamento íntimo ligado à experiência.

Diante do enrijecimento que a rotina do cotidiano traz, o envolvimento dos corpo-cidade pode ser atravessado pelas dinâmicas, automatismos e insensibilidades da cidade contemporânea, perpassando a pele da cidade de maneira superficial ou até mesmo de maneira intocável. A partir de então, colocamo-nos diante dos questionamentos de como o cidadão traça a sua relação com as intervenções artísticas, debruçando a atenção sobre os espaços públicos como é identificado esse potencial da relação afetiva? Como é perpassado o envolvimento com a pele da cidade pelo ponto de vista dos corpos da cidade?

3. Cidade Polifônica

Na *Introdução* delineou-se, a partir de Massimo Canevacci, o que seria a cidade polifônica. Uma cidade que se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico, no qual as vozes se cruzam, se encontram e se fundem, obtendo

harmonias mais elevadas ou dissonâncias, através de suas respectivas linhas melódicas (CANEVACCI, 1997).

A cidade é composta por vozes múltiplas, mas essas vozes não dizem respeito somente à fala, mas também são vindas das atividades diárias, tráfego, dos aparelhos sonoros, da tecnologia que nos atravessa a todo momento. Bem como Thibaud (2017, n.p) já disse: “nós estamos imersos em um mundo de som no qual nós temos parte e no qual todos contribuem em sua produção através de suas ações e atividades cotidianas”. É sobre como agimos sobre as cidades e como nós nos percebemos e como percebemos a cidade (THIBAUD; ROÇA, 2017).

“A cidade se apresenta polifônica desde a primeira experiência que temos dela”. Por meio da multiplicação de enfoques – olhares e vozes – relacionados com o tema da pesquisa, até aqui nos avizinhamos à representação do objeto da pesquisa, que é a própria cidade. Uma cidade narrada pela teoria, técnicas interpretativas, óticas diferentes, mas convergindo todas para a de um paradigma inquieto: a abstração epistemológica do perder-se na cidade – convite feito no início ao leitor – desenraizado com misturas imprevisíveis entre níveis racionais, perceptivos e emocionais, antes de poder construir uma identidade para a cidade (CANEVACCI, 1997). Espera-se que tenha sido elucidado que:

Não é, portanto, apenas de maneira metafórica que é possível comparar [...] uma cidade a uma sinfonia ou a um poema; são objetos da mesma natureza. Mais preciosa ainda, talvez, a cidade se situa na confluência do natural e do artificial [...]. Ela é ao mesmo tempo objeto de natureza e sujeito de cultura; indivíduo e grupo; vivida e sonhada; a coisa humana por excelência. (LÉVI-STRAUSS, 1957, n.p)

Sob a concepção de Olivier Mongin (2009) a cidade entendida como experiência urbana é polifônica, dialogando com Canevacci.

Ela é primeiramente uma experiência física, a marcha do corpo dentro de um espaço onde prevalece a relação circular entre um centro e uma periferia. A experiência urbana é, depois, um espaço público onde corpos se expõem e onde se pode inventar uma vida política pelo viés da deliberação, das liberdades e da reivindicação igualitária. Mas a cidade é também um objeto que se observa, a maquete que o arquiteto, o engenheiro e o urbanista têm diante dos olhos, uma construção, até mesmo um maquinário, submetida de imediato aos fluxos da técnica e ao desejo de controle [...] (MONGIN, 2009, n.p)

Valendo-se dessa experiência urbana, que é “multidimensional, ela desenvolve um processo poético, um espaço cênico e um espaço político, portanto relações originais entre

privado e público” (MONGIN, 2009, n.p), para assim, compreender a polifonia da comunicação urbana da cidade. De acordo com Mongin (2009), “a cidade é uma mistura de mental e de construído, de imaginário e físico. Ela remete ao mesmo tempo à matéria, ao construído, e as relações entre os indivíduos que, coincidindo mais ou menos bem, fazem dela, [...] um sujeito coletivo” (MONGIN, 2009, n.p).

É por isso que, pautando-se no pensamento de Mongin, a cidade torna possível uma experiência urbana que se desenvolve segundo vários registros e níveis de sentido, sendo a experiência que associa a comunicação das pessoas. Por esse motivo, “a comunicação urbana é do tipo dialógico e não unidirecional” (CANEVACCI, 1997, n.p). Ademais, “a experiência urbana se inscreve em um lugar que torna possíveis práticas, movimentos, ações, pensamentos, danças, cantos, sonhos” (MONGIN, 2009, n.p).

Uma cidade se constitui também pelo conjunto de recordações que dela emergem assim que nosso relacionamento com ela é restabelecido. O que faz com que a cidade se anime com nossas recordações. E que ela seja também agida por nós, que não somos unicamente espectadores urbanos, mas sim também atores que continuamente dialogamos com os seus muros, com as calçadas de mosaicos ondulados, com uma seringueira que sobreviveu com majestade monumental no meio de uma rua, com uma perspectiva especial, um ângulo oblíquo [...] (CANEVACCI, 1997, n.p)

Assim, da mesma forma que existe uma instauração de um corpo que prevalece dentro de um espaço, podendo inventar e reinventar ações para uma mesma cidade; existem aqueles que intervêm sobre ela de forma física, não só pela lógica estrutural dos técnicos engenheiros, arquitetos, urbanistas, mas também pela lógica dos artistas, o que produz abstração dos sentidos. À vista disso, convergindo as ideias de Canevacci e Mongin, a lógica espacial é alterada também através do viés artístico, na medida em que os artistas se tornam interventores no próprio espaço, não apenas ocupando, mas reinventando e reconfigurando uma lógica que desperta a vivacidade do espaço urbano (SILVA, 2014).

A pele da cidade incorporada na pesquisa é invisível, reflete os modos de *ser*, *sentir* e *habitar* a cidade, em todas as suas polifonias e suas idiosincrasias e, ao mesmo tempo, reflete a interação entre a vida na cidade e espaço público da cidade – modos da vida urbana do cidadão. Sob a ótica da pesquisa, a cidade é formada por experiências; experiências diversas, mas o enfoque são as experiências que podem ser promovidas pela intervenção artística. De forma prática iremos apreender por entrevistas como é a relação do cidadão com o espaço público e investigar as experiências, à luz das intervenções artísticas.

A cidade-corpo – território de existência – diz o significado dos territórios da vida, é o lugar da construção de subjetividades; a mobilidade veloz é, contraditoriamente, na modernidade, produtora de imobilismos. É a velocidade que, ao desequilibrar, o espaço próprio da cidade, obstrui o corpo em sua condição de *ser* e em sua capacidade de *experimentar*, como mencionado, anteriormente, no início do capítulo. O caminhar pela rua – que faz com que o corpo do sujeito se deixe atravessar pelo corpo da cidade; e se transforme nela – já se torna transgressão, diante do movimento prevalente que nos retira do chão. É este corpo do sujeito que concede existência à cidade; e, com o seu vagar, passo a passo, desafia a velocidade que rouba espaços e lugares (HISSA; NOGUEIRA, 2013).

Os corpos são os sujeitos urbanos, personagens urbanos, cidadãos que encarnam a cidade e ocupam espaços públicos. De acordo com Britto e Jacques (2009), a cidade é percebida pelo corpo como conjunto de condições interativas e o corpo expressa a síntese dessa interação descrevendo, em sua corporalidade, o que passa a se chamar de “corpografia urbana”. Uma ideia baseada na hipótese de que a experiência urbana fica inscrita, em diversas escalas de temporalidade, no próprio corpo daquele que a experimenta, e dessa forma também o define, mesmo que involuntariamente.

A “corpografia” se traduz num modo diferenciado de *sentir* a cidade por meio de intervenções artísticas que provocam, rechaçam, questionam a contemporaneidade e proporcionam experiências, refletindo nos usos sociais do espaço público (NASCIMENTO, 2016). “Corpografias urbanas”, ou seja, a ideia de se explorar o campo de possibilidades das relações entre corpo e cidade pensando-as como um processo de formulação de um ambiente e o ambiente como conjunto de condições para a continuidade desse processo (BRITTO; JACQUES, 2009).

A corpografia urbana seria um tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, a memória urbana inscrita no corpo, o registro de sua experiência da cidade, uma espécie de grafia urbana, da própria cidade vivida, que configura o corpo de quem a experimenta [...]. Uma cartografia corporal, ou seja, uma corpografia. (BRITTO; JACQUES, 2011, n.p)

Em *A Sociologia do Corpo* (2007), David Le Breton - dedicado à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários – sugere também uma relação corpo-cidade. Assinala que as ações que tecem a trama da vida cotidiana, envolvem a mediação da corporeidade, tanto pela atividade perceptiva que o homem desenvolve a cada instante e que lhe permite ver, ouvir, saborear,

sentir, tocar e, assim, colocar significações precisas no mundo que o cerca. Para Breton, a existência em vida urbana é corporal, sendo que “o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída” (BRETON, 2007, n.p).

pela corporeidade, o homem faz do mundo a extensão de sua experiência; transforma-o em tramas familiares e coerentes, disponíveis à ação e permeáveis à compreensão. Emissor ou receptor, o corpo produz sentidos continuamente e assim insere o homem, de forma ativa, no interior de dado espaço social e cultural. (BRETON, 2007, n.p)

Nascimento (2016) constrói diálogo com Breton ao dizer que a corpografia reintegra o corpo ao espaço da cidade, produzindo um conhecimento encarnado que se engaja na aproximação entre diversas versões sobre a vida nas cidades. Mas atenta, que para fazer sentido, a cidade precisa ser ocupada, ter sociabilidade e práticas que refletem valores individuais, coletivos e, ainda ser vivida pelos cidadãos.

A cidade é onde se cria espaço, onde o corpo vive; onde a experiência acontece e a vida urbana cocria-se. Reconhecemo-nos à medida que conhecemos a cidade. Identificação, pertencimento e apropriação. Pode se dizer a partir dos autores que o andar pela cidade, contato direto entre corpo e espaço urbano e a vivência da “alteridade nas cidades” se constroem, ao mesmo tempo em que movimentos – intervenções artísticas – irrompem e quebram a lógica hegemônica; surgem na contramão da esterilização da experiência urbana (SANTOS; NASCIMENTO, 2017).

Os corpos são vários. Há o corpo da cidade, os corpos na cidade e a relação – ela mesma, um corpo – cidade-corpo. O corpo da cidade é movente. Ele não é feito apenas do sítio onde a cidade é erguida, mas da vida dos que fazem o mundo que experimentamos na cidade. Na cidade, misturamo-nos sempre – mesmo quando não há desejo de mistura –, desenhando, com nossa heterogeneidade, uma configuração plural e cambiante. Híbrida e contraditória. Antagonismos diversos se inscrevem no corpo da cidade. (NOGUEIRA; RISSA, 2013, n.p)

Transformamo-nos à medida que habitamos o espaço e os lugares a partir das experiências que nos acontecem. Criamo-nos e moldamo-nos, bem como as cidades (GEHL, 2013) em corpos conscientes. Há corpos – muitos deles – que transitam pela cidade que são ordinários, comuns; porém são também praticantes da cidade (CERTEAU, 2008), circulam entre as fissuras do visível, do planejado, do disciplinado, da mecanicidade, da imobilidade. Ao sofrerem efeitos totalitários da produção do espaço, submetidos às contradições do capitalismo, escrevem o contexto urbano (HISSA; NOGUEIRA, 2013).

Se a tônica física da velocidade – como o deslocamento através de automóveis – tornou o espaço urbano um mero lugar de passagem, desconectando-o do corpo, se esse “mundo contemporâneo, o corpo se tornou passivo, perdeu sensibilidade e submeteu-se à dominação capitalista e aos meios de comunicação de massa” (HISSA; NOGUEIRA, 2013, n.p), o intuito da pesquisa é captar a relação inversa, ressaltar e despertar corpos rebeldes em “heterotopia”.

O conceito de heterotopia defendido por Lefebvre (radicalmente diferente do de Foucault) delinea espaços sociais limítrofes de possibilidades onde “algo diferente” é não apenas possível, mas fundamental para a definição de trajetórias revolucionárias. Esse “algo diferente” não decorre necessariamente de um projeto consciente, mas simplesmente daquilo que as pessoas fazem, sentem, percebem e terminam por articular à medida que procuram significados para sua vida cotidiana. Essas práticas criam espaços heterotópicos por toda a parte. Não precisamos esperar a grande revolução para esses espaços venham se concretizar. (HARVEY, 2014, n.p)

Formatado: Realce

Somente se entende que o que se constrói e mantém a sociabilidade urbana, a vivacidade da vida urbana tem exigência fundamental sobre o que se produz. E uma das exigências é o direito inalienável de criar e manter uma cidade com mais conformidade (HARVEY, 2014) e harmonia com seus verdadeiros anseios, desejos, aspirações e necessidades dos cidadãos. Assim, o resultado que se espera com a pesquisa é que chegaremos em uma abordagem mais humanística e sensível para a cidade, a partir da escuta dos entrevistados e observação dos espaços, delineando espaços públicos melhores com experiências para os cidadãos.

Ademais, a triangulação entre *sentir*, *ser* e *habitar* a cidade oferece caminhos e possibilidades para pensarmos sobre a relação entre o cidadão e a cidade do ponto de vista afetivo, à luz das intervenções artísticas como experiência na cidade. E, então, aprendermos, transformarmos e ressignificarmos, continuamente, a nossa relação com a cidade através de espaços públicos que impulsionam a sociabilidade e a vivacidade urbana. A triangulação feita, também aponta direções entre campos disciplinares com provocações e reflexões para a vida urbana, onde colocamos lentes prismáticas para identificar e ressaltar perspectivas para a cidade. Rememorando José Saramago, em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), que a sociedade do século XXI não seja detentora de uma cegueira branca que aplaca os cidadãos, que ela olhe o que está por vir, mas também o que está a sua volta, no presente.

VIII. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O ato de caminhar traz consigo as características próprias do movimento alargado, em expansão, detalhista, detido, em velocidade calma de ir a tal destino a pé, do poder da escolha por onde ir, da avenida, da rua, da calçada, do atalho, do caminho traçado pelos pés teimosos em não escolher o caminho projetado, mas o caminho que lhe é fluido, mais agradável e favorável. Andar traz liberdade, reflexão, paciência para chegar onde se quer ou até mesmo, simplesmente, o ato de andar a caminhar em serendipidade. Com a pesquisa tive a oportunidade de experienciar deveras o conceito de *serendipity*. Um caminhar no tempo e no espaço, estar a flunar. Experienciar, principalmente, na pesquisa de campo, nas observações e derivas pelas ruas, na presença ou não dos entrevistados.

Na cidade de Aveiro, onde foi o sítio principal da pesquisa de campo e investigação pude registrar e ver exposto esse conceito. As imagens ilustram o conceito de *serendipity*.



Figura 17 – Placa *Serendipity*
Fonte: Acervo Pessoal



As imagens dizem respeito a um balanço que se localiza em uma das ruas do centro da cidade de Aveiro, ao lado da Praça do Peixe (zona movimentada da cidade). O balanço foi mesmo colocado pela loja que detém do nome *Serendipity Concept* e tem como slogan: “uma loja que vai encontrar algo precioso que não estava à espera. Com artigos irreverentes e oriundos de vários países”. O ponto é marcado como um dos diversos lugares de arte urbana e intervenções artísticas espalhadas pela cidade, este marcado pelo balanço e graffiti, um lugar de registro fotográfico para os transeuntes que caminham a descobrir o centro de Aveiro. Um lugar de encontro com o acaso, com a surpresa, com a descoberta, com lembretes a relembrar a apreciação, o registro, o cuidado, o afeto:

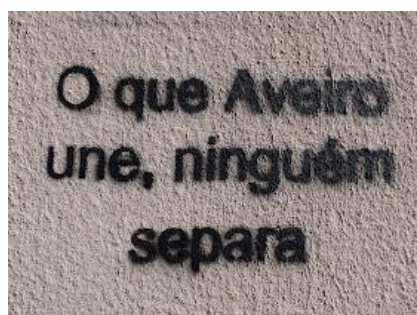
“Não tire nada além de fotos”

“Não deixe nada além de pegadas”

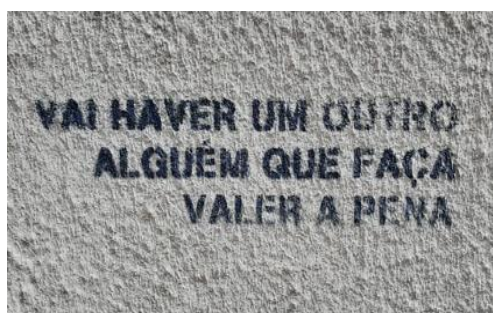
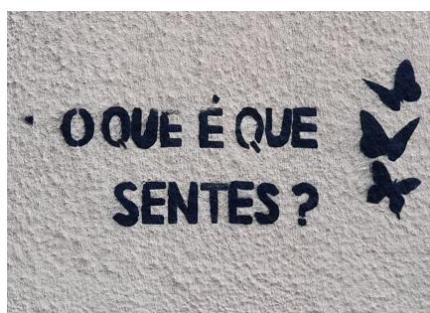
“Não leve nada além de saudade”

Com a oportunidade de fazer a pesquisa de campo na Universidade de Aveiro, estar em Portugal foi presenciar e vivenciar uma amplitude da perspectiva de espaço público e como ela afeta o cidadão. Como uma relação pode ser construída, seja ela envolvendo afetividade, proximidade, memória, registro visual, interação, integração, inclusão, recordação, distância, segurança, conforto (cito aqui relações harmônicas). Recuperando Gehl (2015), uma relação que compõe as três camadas que compõem um espaço público de qualidade: proteção, conforto e prazer. E dou ênfase para alguns critérios que foram identificados e essenciais para feitura de uma relação com o espaço ao longo da pesquisa: o caminhar, o sentar, o permanecer em pé, ouvir e conversar, a escala humana, os aspectos positivos do clima e as experiências multissensoriais promovidas pelo espaço.

Destaco assim, o uso do método de caminhar, *walking ethnography*, caminhando descobri a cidade que se comunica contigo, uma cidade marcada pelas grafias dos seus muros e em especial, a cidade de Aveiro que detém da frase/lema estampada por suas ruas e em artigos de venda: “O que Aveiro une, ninguém separa”.



E até mesmo outros escritos/grafias que marcam a identidade da cidade de Aveiro, seja presente nas ruas da cidade e até mesmo na própria Universidade de Aveiro. *Corpografias* que comunicam e ressoam sentidos à medida que nos deparamos com elas.



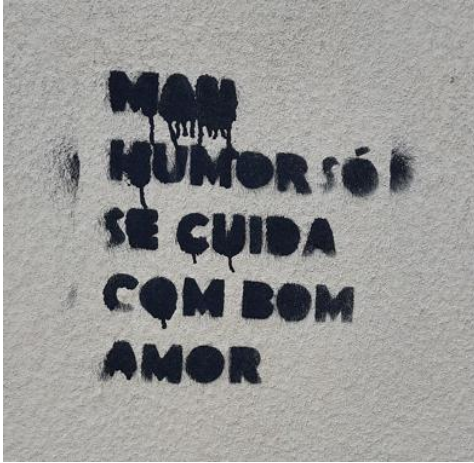
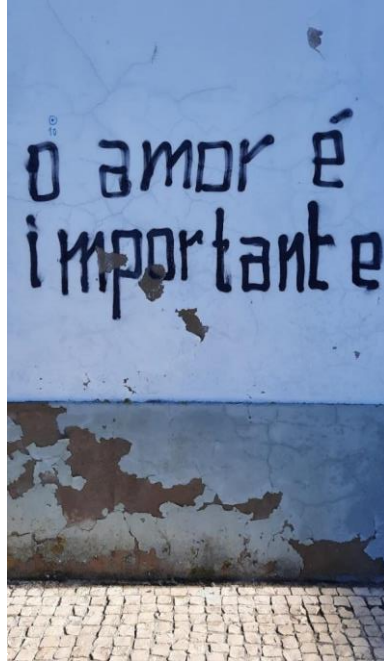


Figura 24 – Mau humor só se cuida com bom amor
Fonte: Acervo Pessoal





Como Carlos Fortuna (2019) elucida o conceito de *serendipity* e o ato de caminhar em “uma oportunidade singular para estabelecer contato com o outro e captar a “sabedoria” dos membros dos transeuntes que percorrem a cidade, sejam ou não praticantes efetivos da *flânerie*” (FORTUNA, 2019, p. 8). O caminhar, o encontro com *corpografias*, o perder-se na cidade simbolizou a surpresa e a descoberta de uma nova forma de pesquisa qualitativa. Foi, primeiramente, uma experiência para a própria pesquisadora no sentido do seu percurso acadêmico e de metodologias em ciências sociais e interdisciplinaridades. O perder-se aos caminhos novos percorridos, seja ele com ou sem entrevistados. Senti-me estrangeira, desenraizada para captar, apreender, antes de encontrar, identificar e interpretar a relação afetiva com a cidade. Elaborou-se, de fato, uma metodologia de comunicação urbana (CANEVACCI, 1997).

O ritmo do andar – seja ele calmo e devagar ou agitado e apressado – ditou as vozes e melodias dos cidadãos, ditou o compasso dos corpos-cidades, ditou os caminhos realizados com os entrevistados. Guiou as grafias dos cadernos de campo, das anotações dos blocos de nota, os rodapés das personalidades a qual tive a oportunidade de conversar e conhecer por esse percurso de pesquisa. Iniciado no Brasil, no sul de Minas Gerais, na cidade de Itajubá e finalizado em Portugal, na costa oeste portuguesa, na cidade de Aveiro.

Formatado: Realce

Entre as caminhadas etnográficas pelas ruas, entre as observações da pesquisa de campo e o estágio de investigação pude identificar antigas placas de trânsito, nunca vistas antes no Brasil, para exatamente sinalizar aos pedestres como na Figura 28, escada em frente ou como na Figura 27 sinalizar pedestres a passar, como dito em Portugal, sinalizar as “passadeiras para os peões”.



Figura 29 – Passadeiras
Fonte: Jornal PÚBLICO

Pela pictografia, pela semelhança na caracterização, principalmente devido ao chapéu, foi decorrente à assimilação com o personagem, caminhante e observador, de um *flâneur* e até mesmo com o poeta português Fernando Pessoa. Evocando assim, uma questão cultural por meio de significados e simbologias. É possível identificar a assimilação do *flâneur* com o poeta nas figuras.



Figura 32 - *Flâneur* por Toulouse-Lautrec
Fonte: Alamy Photos



Figura 33 – Fernando Pessoa
Fonte: *Google Imagens*

Perguntas que nos colocamos a responder: seriam caminhos por onde o poeta-*flâneur* caminhou? Ao investigar descobri que não, há poucas menções sobre as antigas placas, datadas a partir de 1956. A crônica *O peão e o poeta* de Calcanhoto (2014), escrita em um dos jornais que é referência em Portugal, o *Público*, faz alusão ao desaparecimento das placas e a raridade em encontrá-las, devido à mudança nas sinalizações. “Agora vi que ele ainda flana pela cidade, mas mudou os roteiros, caminha menos e convive com os outros sujeitos sem graça nenhuma a sinalizar que adiante há listras brancas no chão para que os pedestres, com ou sem graça, atravessem a rua.” (CALCANHOTO, 2014, p. 35). A Figura 34 e 35 ilustram os sujeitos sem graça que se refere Calcanhoto.



A Figura 35 configura uma placa de 1994, já a Figura 34 configura uma placa de 1998 mais atual e moderna. Ambas localizadas na cidade de Aveiro, em Portugal. A Figura 36 mostra a trajetória das sinalizações ao longo do tempo, ilustrando tanto o homem de chapéu quanto o que é desprovido dele.

Peões com e sem chapéu

1954		1956		1968	
1994		1998		2006	

Da esquerda para a direita: sinal de travessia para peões no Código da Estrada de 1954, tal como publicado em Diário da República (DR); protocolo relativo à sinalização rodoviária, das Nações Unidas, assinado em 1949 e publicado em DR em 1956; portaria de 1968 publicada em DR; decretos regulamentares de 1994 e 1998, publicados em DR; sinal aprovado em 2006 pelo município espanhol de Fuenlabrada

Fonte: PÚBLICO PÚBLICO

Figura 36 – Sinalizações
Fonte: Jornal PÚBLICO

Em matéria encontrada, também no jornal *Público*, Sanches (2014), aborda a questão de gênero nas sinalizações: “Os sinais de trânsito estão mais neutros em termos de gênero. Os peões ilustrados com chapéu, por exemplo, são hoje raros. Mas este é um sector que resiste à mudança.” (SANCHES, 2014, p. 34). Já Pedro Miguel, assessor da presidência da Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária (ANSR), cita que talvez por conta da neutralidade nas questões de gênero seja mais difícil “encontrar nas ruas portuguesas o sinal do homem de chapéu a atravessar uma zebra” (CALCANHOTO, 2014, p. 35). E não só em ruas portuguesas, mas em outras cidades também da Europa, como na Suíça, há iniciativas para ressaltar a importância da igualdade de gênero.

Para tanto arquitetou-se uma correlação teórica por meio do hábito de flunar pelos universos espaciais, culturais e artísticos promovidos pela pesquisa de campo e pelos entrevistados. Por um olhar do personagem *flâneur*, em digressão – com aspecto e conceito contemporâneo – caracterizou e traduziu as ruas em encontros-metamorfozes-descobertas-surpresas, no sentido de transparecer a sociabilidade e vivacidade dos espaços públicos percorridos ao longo da pesquisa. Percorridos pelo caminhar, pelas rodas de bicicletas, pelas memórias, pela contação de histórias, por registros e pelo imagético. Percorridos por olhos e ouvidos. Pelas polifonias, pelas narrativas urbanas que se desencadearam, ressaltando um corpo-cidade que se despertou em “corpo vibrátil”. Uma absorção da atmosfera urbana, das suas ambiências.

O entrevistado E10 retrata essa correlação quando pergunto sobre o que representa o espaço público:

Espaço Público são as artérias e as veias da cidade, é onde a vida da cidade funciona, os edifícios e as construções. Os edifícios são os órgãos e o modo como nos deslocamos na cidade, naquilo que é a nossa possibilidade de percorrer uma cidade e viver em uma cidade em liberdade, é no espaço público. Espaço público é de todos, ou seja, não temos que ter qualquer outra credencial para podermos dar uma volta no espaço público. Espaço público é a nossa cidade, é o espaço que consideramos que temos o direito de usufruir e o espaço público tem características, ou seja, nós no espaço público conseguimos perceber onde estamos e quem somos. (E10, Português)

Ressaltou-se a vida urbana a partir do desfrute do espaço, esse foi o modo do andar, o *walking ethnography*, um encontro para sentir e estar na cidade a partir dos olhos e vozes dos entrevistados. Um símbolo para recontar a cidade como espaço de estar, sentir, habitar e

vivenciar. “O espaço público é uma necessidade” (E1, Brasileiro). Como as entrevistadas E3, E9 e E10 retratam quando pergunto, também, sobre o que representa o espaço público: “extensão da minha casa”, “uma sala de estar”, “espaço acolhedor”.

Espaço público é o espaço da comunidade, da expressão da liberdade, da democracia, do convívio, de encontro, (...), espaço de vivência de comunidade, de ação, de usufruto (...) O que gosto no espaço público?! Gosto da vivência, da sensação de onde acontecem coisas, onde há liberdade para acontecerem coisas e pode-se viver essas coisas. Procurar encontrar outras pessoas, encontrar atividades e estar. (...) eu acho que a ideia do Espaço Público como um Espaço de Estar, não só um sítio onde tu vais e passa, um sítio que tem as características que te façam ficar, estar e usufruir. (E3, Portuguesa)

Entre as mais diversas polifonias, o caminhar e o escutar na pesquisa mostrou-me tanto o que é público, visível, dizível tal como o que está nas particularidades, raízes e profundezas de cada Ser, de cada voz. Como evidencia as entrevistadas:

(...) falar do lugar também te permite falar de ti, da tua vida. (...) o lugar, o espaço é vida... tu contas a tua vida a partir de uma viagem que tenhas no sítio onde mora, no sítio onde viveste coisas. (E10, Portuguesa)

(...) espaço público influencia na personalidade, como eu vejo o mundo, como vejo as possibilidades, eu acho que influencia muito. (E7, Brasileira)

(...) a importância mesmo do espaço, acho que aí, aí é uma coisa que, molda uma pessoa né? Faz parte da vida, da trajetória de alguém, eu acho que isso que eu poderia dizer assim, sabe tipo, te molda enquanto pessoa, te dá acesso a abrir a cabeça para tanta coisa para se tornar. (E8, Brasileira)

Paradigma desafiador convergir vozes a partir da abstração epistemológica do corpocidade, das corpografias urbanas, das emoções e dos sentimentos em perder-se no urbano, da coleção de registros em áudios gravados, para assim, formar um coro harmônico. Desafiador no sentido de analisar a composição do coro, a partir da “*escuta social*” (BONDÍA, 2002; LA ROCCA, 2018; LEÃO, 2005) como motivo¹⁵ e espelho da vida urbana em espaços públicos.

¹⁵ Em música, *The New Oxford Companion to Music* define motivo como: "uma unidade musical melódica ou rítmica que reaparece no decorrer da composição, seja na sua forma original ou em diferentes transposições, e talvez com intervalos alterados." Um motivo pode ser harmônico, uma altura melódica e/ou uma duração rítmica. Disponível em: BITONDI, Matheus Gentile. A estruturação melódica em quatro peças contemporâneas. 99 f. Dissertação (Mestrado em música). Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP. 2006

Na pesquisa a cidade polifônica criou corpo, identificando e fundamentando a relação afetiva com o espaço público, Canevacci clarifica:

A cidade se caracteriza pela sobreposição de melodias e harmonias, ruídos e sons, regras e improvisões cuja soma total, simultânea ou fragmentária, comunica o sentido da obra. Estou convencido que por meio da multiplicação de enfoques – os “olhares” ou “vozes” – relacionados com o mesmo tema, seja possível se avizinhar mais à representação do objeto da pesquisa, que é, neste caso, a própria cidade. (CANEVACCI, 1997, p. 18)

A contar da polifonia das vozes dos entrevistados, podem ser identificados temas recorrentes, a partir dos três tópicos do roteiro de entrevista.

- ❖ **Tópico I – conexão com o espaço público**
- ❖ **Tópico II – afetividade**
- ❖ **Tópico III – intervenção artística**

O Quadro 3 explicita as correlações de cada tópico, a partir das entrevistas, com palavras chaves delineadas dos/pelos entrevistados.

Quadro 3 – Quadro com temas e correlações

Tópicos	Correlações (palavras-chaves)
Espaço Público	<p>Aspectos positivos: lugar de encontro, extensão da casa, sala de estar, necessidade, conexão, arquitetura, atração de pessoas, espaço de vivência, espaço da comunidade, espaço de usufruto, espaço de lazer, acessibilidade, segurança, possuir diversidade etária, espaço multifuncional, agradabilidade, espaço comum, espaço de todos, espaço de respeito, pertencimento, sentir à vontade, boa visibilidade, limpeza, cuidado, liberdade, interação entre as pessoas, áreas verdes, lugar de interesse consensual, lugar de publicizar, uso coletivo, ocupar para promover o uso comum, compartilhamento, lugar de partilha, lugar de exploração, lugar de lazer, lugar de trabalho, lugar de convívio, lugar de luta, lugar de paz, acolhimento, espaço político, cedência, equilíbrio visual, sonoro e térmico.</p> <p>Aspectos negativos: depredação, descuido, atrelado com publicidade, violência.</p>

Afetividade	Memórias, nome e significado, apreço pelo lugar, compartilhamento, partilha de sentimento, conforto, recordação, espaço de aproximação , simpatia e empatia, curiosidades antropológicas, saudade, pertencimento , respeito, co-envolvência , “colinho de mãe” , paisagem bonita, beleza, natureza, paz, energia boa, bem-estar, liberdade, alegria, estar em casa , nostalgia, amizade, família, vizinhança, colaboração, sentimento de autoestima, valorização, espaço de representação e conexão , educação nas escolas.
Intervenção Artística	Aspectos positivos: passaporte de entrada nos lugares, artista de rua, espontaneidade, identificação, provocação, reflexão, ligação com a natureza, espontaneidade, retrato da sociedade, prazer do momento, estética, interação entre as pessoas, troca, preserva o espaço, relações humanas, economia local, função social. Aspectos negativos: memórias ruins, imposição, gentrificação.

Para cada entrevista foi feito um convite e um pedido para que o entrevistado escolhesse o ponto de encontro para comerçarmos a caminhar pelo percurso que gostaria de percorrer pela cidade. Entre alguns pontos de encontros escolhidos, todos na cidade de Aveiro, estão: Parque da Cidade, Parque Infante Dom Pedro (Parque da Macaca), Pastelaria e Café Universidade, Praça Marquês de Pombal, Fórum, Câmara, Ponte dos Arcos, Café da Rua Liberdade, Anfiteatro do Parque do Bairro Santiago, Gretua Universidade de Aveiro, Praça perto da estação.

Foi percorrido, principalmente, o Parque da Cidade em suas três partes ou como diz uma entrevistada em suas subdivisões:

Ali é o Jardim de Santiago que eles chamam, aqui é o Parque dos Amores, ali realmente é o Parque Infante Dom Pedro depois, é Baixa de Santo António e depois é o Alboi, então tem várias subdivisões. (E2, Brasileira)

E também ruas do centro, zona turística, canais, passadiços, trechos onde se localizava a antiga muralha de Aveiro, ruas da Universidade de Aveiro. Os traçados em caneta vermelha do mapa da Figura 37 mostram onde ocorreram os percursos realizados pelos entrevistados.



Figura 37 – Mapa dos percursos feitos com entrevistados
Fonte: Acervo Pessoal

As Figuras 38 e 39 são do livro *Evolução Urbana de Aveiro*, o qual o entrevistado E6 citou durante entrevista. Ilustram a antiga muralha de Aveiro, destruída no século XIX, a qual dividia a cidade em zonas. De acordo com o entrevistado E6 “a muralha separava a zona alta da zona baixa. A Zona Alta chamavam Zona dos Tabuleiros, e a Zona Baixa chamavam de Zona dos Cagareús”. (E6, Português). E ainda conta o porquê dos nomes:

A Zona dos Tabuleiros tem a ver com uma feira que se fazia, que era a feira das cebolas, mas curiosamente era do lado de lá. A Zona dos Cagareús, também quando eu li, tem a ver com o modo que utilizavam os moliceiros, zona mais ligada às marinhas, ao canal, e que eles faziam cocô na parte de trás do moliceiro e, portanto, chamavam Cagareús por causa disso. E, portanto, aqui em Aveiro sempre se diz, ou é ceboleiro, zona nobre, zona alta. Ou é Cagareús vive-se para zona baixa, zona beira-mar, zona do povo, que estava fora da muralha não era nobre. Dentro da muralha havia os conventos. (E6, Português)

A Figura 38 identifica as zonas da cidade pela perspectiva da muralha, correlacionando com a fala do entrevistado a Zona A é Zona dos Tabuleiros e a Zona B é Zona dos Cagareús.

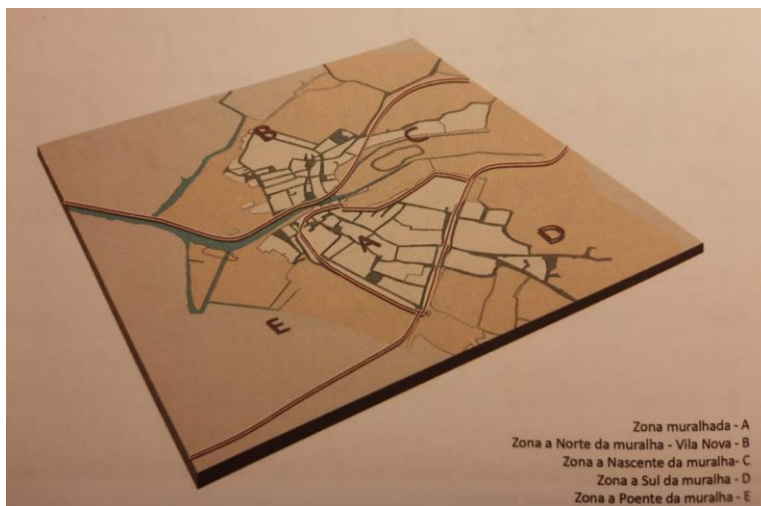


Figura 38 - Identificação das Zonas da cidade de Aveiro
Fonte: Acervo Pessoal

A Zona A é a zona central da cidade a qual localiza-se a muralha. A Figura 35 ilustra as portas da mesma, várias identificadas em caminhadas pelo centro com os entrevistados.

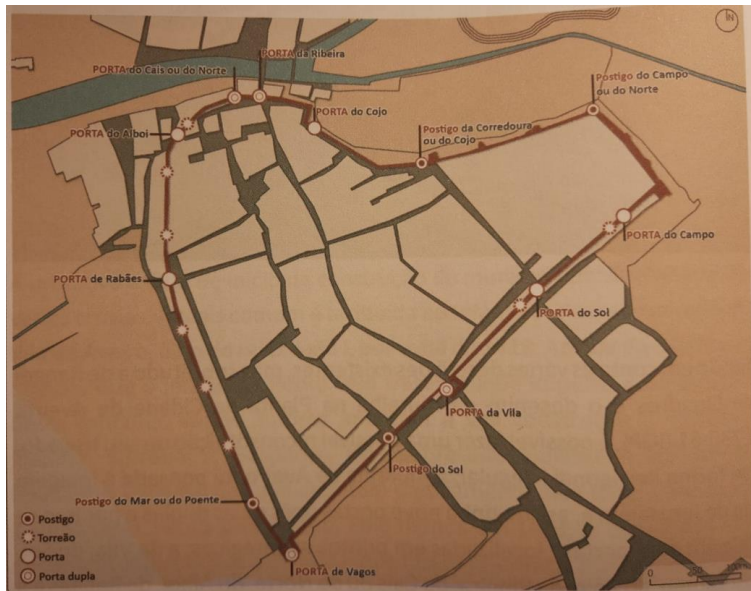


Figura 39 – Identificação das Portas da Muralha
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 40 – Porta da Ribeira, agora atual Rua de Coimbra
Fonte: Site¹⁶ Educação e Território

Alguns entrevistados fizeram o percurso do começo ao fim, outros decidiram sentar em um determinado ponto da entrevista, outros escolheram um café, uma esplanada para pararmos e continuar a conversar. Além do mais, algumas entrevistas foram realizadas pela plataforma *Google Meet*, seguindo o mesmo roteiro de entrevista que os entrevistados que encontrei presencialmente. Em média, as entrevistas duraram de 45 minutos até mais ou menos uma hora e meia.

Apesar da utilização de dois instrumentos diferentes não houve muita discrepância na coleta dos dados pelo roteiro de entrevista, ambos foram efetivos. Entretanto, o estar presencialmente no espaço físico pode-se perceber a riqueza dos detalhes e da descrição dos entornos. O hiato, a pausa no cotidiano para uma caminhada etnográfica, um passeio, uma oportunidade de sentar-se e sair da normalidade dos dias. E, claramente, o fato da caminhada pelos percursos escolhidos, e do encontro da fala e do olhar mirante e observador para o espaço público escolhido.

¹⁶ Disponível em: <<https://educacaoeterritorio.org.br/experiencias/vivo-bairro/>> Acesso: 15 jun. 2022

Muitos entrevistados agradeceram o convite para a entrevista e gostaram da experiência, pois alguns relataram nunca ter olhado para os espaços públicos da maneira que foi feita, e se quer pensado no seu espaço público favorito, anteriormente. Outros perceberam, de fato, a conexão e a relação que possuíam com determinado local apenas após a entrevista, relatando nunca terem refletido intrinsecamente como isso os afetavam. Com eles emergiram as polifonias, inspirações, reflexões, um modo de olhar para o espaço de uma maneira mais detida e um passeio pelos aspectos qualitativos dos espaços.

Em todas as entrevistas escolhi interromper o mínimo possível a fala do entrevistado, e priorizar a observação e, claro, a escuta. Ao passo que aconteciam as entrevistas pude identificar similaridades/consonâncias, divergências/dissonâncias, repetições, *ritmo*. Presenciava a polifonia das falas no contexto da cidade, do urbano, do espaço público. Uma sinfonia ia sendo criada, a relação afetiva tornava-se presença, corpo, emoção, sentimento. A *pele da cidade* envolvia esse corpo.

Em vários momentos com diferentes entrevistados quando se fazia uma pergunta, a mesma se ligava a próxima, e já era respondida. Falava-se do espaço público, de lugares somados às histórias. Pôde-se comprovar a sequência lógica do roteiro de entrevista e a sua fluidez. Dessa maneira, à medida que o entrevistado respondia determinada pergunta em certos momentos não era necessário fazer a próxima. Percebeu-se assim, o tom de conversa da entrevista, até mesmo para adentrarmos na afetividade, em sentimentos e emoções para permitir que os entrevistados se encontrassem confortáveis para compartilhá-los e até mesmo acessá-los: “se tiver que os convocar vou buscar ao passado e à minha memória” (E10, Portuguesa).

Em outros momentos, alguns entrevistados não eram tão abertos para partilhar, outros sentiam dificuldades para expressar quando se perguntava, especificamente, das emoções e dos sentimentos. Talvez por tangenciar algumas particularidades, intimidades, já que “falar do lugar é falar de si” (E10, Portuguesa), havia alguma barreira. Uma entrevistada antepõe: “O que você quer dizer com sentimentos? Eu não sou muito boa nisso. Sentimento você quer dizer alegria, tristeza, é isso?!” (E3, Portuguesa). Em contrapartida, outras se emocionam como as entrevistadas E5 e E8:

Ai eu vou chorar. É uma praça que eu frequentei desde criança que têm muitas memórias de infância nessa praça. (E5, Brasileira).

Deixa eu ver, de sentimentos assim com espaço, uma coisa mais subjetiva... Nossa, eu acho que da... da até vontade de chorar, eu acho que assim aquela

primeira que quando você chega, você tem uma noção (...) você toma essa ideia de uma coisa... de como se fosse uma coisa muito expansiva, muito culturalmente expansiva, né? (E8, Brasileira)

O fato de a natureza estar presente nos espaços escolhidos pelos entrevistados – lugares conectados com a natureza – foi recorrente, principalmente, quando se perguntava de sensações, sentimentos, emoções e afetividade. A sinestesia fez-se presente.

É... sentimentos que me vem... algumas palavras: paz, inspiração, carícia na alma, renovação de energia, insights, eu fico mais criativa, eu consigo organizar melhor, toda a minha vida e às vezes... eu acho que é a natureza... essa conexão com a natureza que é uma felicidade aqui você não sabe de onde vem. Às vezes, é uma sensação de dentro para fora. (E7, Brasileira)

Para mim nesses lugares como está mais longe do mundo, está mais perto de ti. Nos miradouros eu tenho um bocado dessa sensação que estou fora. E como estou fora, está menos barulho, então estou mais na minha pessoa, penso mais sobre a vida, tenho mais pensamento em formato poema. (E10, Portuguesa)

Surge-me sempre poemas bonitos... A Beira-mar, as florestas e os pinhais. Quando era pequenininha, ia aos pinhais com meus pais e os pinhais era um sítio tão lindo, a natureza... quando era na primavera ou mesmo no outono, em qualquer época do ano, tantos cheiros, odores, havia tantas árvores... meu pai ensinava-me a conhecer as árvores, cantar, voar pelas cores que elas tinham, e colhia florzinhas para trazer para minha mãe... e o aroma dentro de um pinhal era uma coisa maravilhosa. (E9, Portuguesa)

Entre as cidades citadas em entrevista temos as portuguesas Aveiro, Esgueira, Lisboa, Sintra, Porto; as brasileiras São Paulo, Rio de Janeiro, Ilhabela; e a espanhola Barcelona. Entre os países mencionados temos Brasil, Portugal, Espanha, Itália, China, Japão.

As imagens ilustram alguns dos lugares favoritos escolhidos pelos entrevistados e que os afetavam de alguma forma.



Figura 41 - Estação Central do Brasil e arredor - Rio de Janeiro|BR
Fonte: Fotógrafo Marcelo Mania

Central do Brasil é uma estação lá no Rio de Janeiro na Avenida Presidente Vargas. Mas o que eu chamo de Central do Brasil não é só a estação, é o entorno todo ali porque ali é uma convergência de muita gente que vem do Subúrbio, que vem de trem porque é um terminal de trem, né? Então ali é muito interessante. Eu gosto muito de lá. (...) lá dentro da estação tem 5 ramais de trem que vão para o subúrbio e para a baixada fluminense, e ali também é legal é uma estação antiga. Se eu não me engano não é a primeira estrada de ferro do Brasil, mas é a principal porque se chama estrada de ferro Dom Pedro II. (...) Então, a Central representa muito isso para mim essa chegada, respeitar e ser respeitado. (E1, Brasileiro)



Figura 42 – Jardim do Rossio + Canal Principal do Centro – Aveiro|PT
Fonte: Movimento Juntos pelo Rossio – Associação Cívica

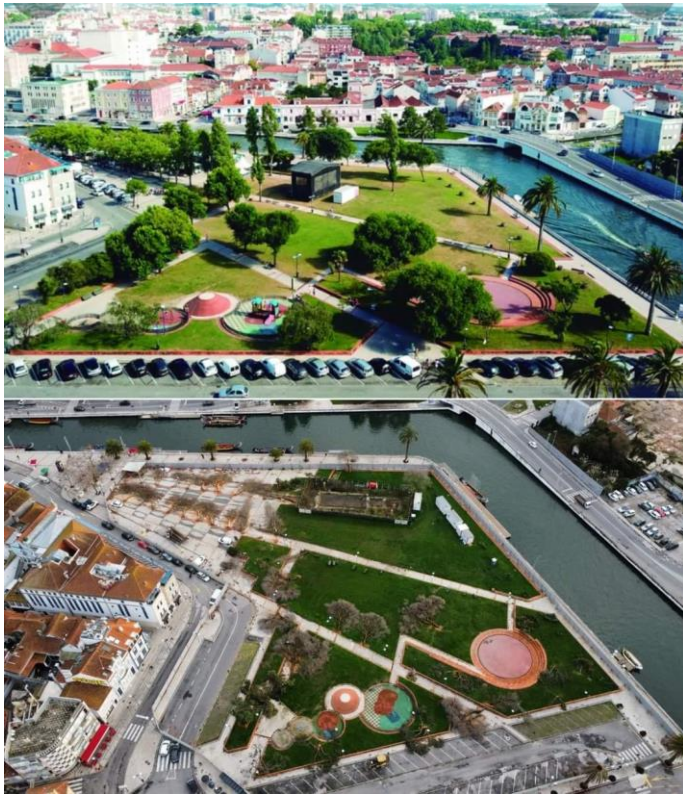


Figura 43 – Foto composta do antes e período em obras o Rossio – Aveiro|PT
Fonte: Movimento Juntos pelo Rossio – Associação Cívica

O espaço Público que eu tenho uma memória afetiva é o Jardim do Rossio, aqui neste momento isso está a ser alvo de uma transformação desastrosa (cortaram as árvores) eu vivia muito perto, mesmo em frente a esse parque que no fundo era um misto entre uma praça e um jardim, tinham vários componentes ali. E na altura eu e meus amigos da minha idade passávamos a tarde a brincar, a jogar futebol, andar de patins, o que fosse. Era um sítio onde era o nosso jardim de brincar, prolongamento da nossa casa no sentido que era espaço livre que tínhamos para andar a brincar quando éramos mais novos. E depois, já mais adulta sempre foi um sítio que frequentei, era um sítio de encontros. (E3, Portuguesa)



Figura 44 – Aterro do Flamengo no Rio de Janeiro|BR
Fonte: Rodrigo Soldon

O Aterro sempre me trouxe muita alegria, muita paz assim, não sei o porquê eu acho que realmente pela paisagem que é muito bonita, junta tanta a parte do Pão de Açúcar com a água com a parte dos relvados e das artes dos jardins e das ciclovias, de ver as pessoas usando para fazer exercício, para fazer sua yoga, sua meditação fazer, ou seja, é tipo um conjunto é um combo sabe? O que me causa bem-estar. (E3, Brasileira)



Figura 45 – Parque Ibirapuera – São Paulo|BR
Fonte: Embrafoto

Eu acho que o Ibirapuera alcança muita coisa, que eu acho interessante que é o seguinte, primeiro você tem uma área recreativa de ficar em espaço verde espaço, espaço que você pode ficar com árvores, você pode ficar na grama, você pode fazer piquenique, andar de bicicleta andar de patins, caminhar, encontrar pessoas, encontrar pessoas, acho que aí já tem toda uma dimensão interessante do espaço, fora isso você ainda tem toda uma estrutura ligada ao Ibirapuera, você tem estrutura onde tem o planetário, você tem estrutura onde tem o próprio lugar onde tem a bienal em espaços de arte, né?! Também ali, ele não tem só uma contraprestação, ele volta para a sociedade fazendo também exposições, fazendo eventos, fazendo um monte de coisa muito grande que alcança São Paulo sempre. Mas ele também tem atividades pontuais ali, que alguém está dando uma aula de tango de repente ali fora, alguém que tá sabe?! Acho que é um espaço muito rico nesse sentido ele possibilita muita coisa, muita troca. É por isso que eu acho que ele é, são as coisas que me chamam atenção nele assim. (E8, Brasileira)



Figura 46 – Miradouro Santa Eufemia – Sintra|PT
Fonte: Visit Sintra

(...) em Sintra tem o Miradouro de Santa Eufémia que tu chegas lá e sei lá... não tem limite tais a ver?! Para aquilo que podes sentir, pensar, sonhar... são lugares em que mais do tem que encontrar com pessoas encontras-te contigo. Contigo e com o mundo, que apesar de ser muito visível, não é?! Por causa da vista da paisagem tem um potencial de inspirar e, portanto, é muito invisível ao mesmo tempo, não é?! E dependendo do seu estado de humor, estado de espírito, dependendo da pessoa que também pode levar para.... Tem sempre significados diferentes. (E10, Portuguesa)



Figura 47 - Passadiços em Aveiro|PT
Fonte: Maria João Gala/GI

(...) eu quando estou feliz venho andar para cá, quando eu estou triste venho andar para cá, quando eu quero descansar venho andar para cá, quando eu quero me cansar venho andar para cá. (E5, Brasileira)



Figura 48 – Coreto do Parque Infante Dom Pedro em Aveiro|PT
Fonte: Autoria Própria



Figura 49 – Parque Infante Dom Pedro em Aveiro|PT
Fonte: Autoria Própria

Com o jardim, o Parque da Cidade eu tenho uma relação um pouco mais afetiva. Nesse momento, o Parque Infante Dom Pedro tem gente que chama Parque da Macaca. Eu estava ali à espera do autocarro ou passeava ou estava com meus colegas, com amigos. Portanto, nos íamos muitas vezes, eu não gosto do nome Parque da Macaca, mas acho carinhoso. Antes era uma zona pantanosa, era um parque fechado, murado, você entrava e saía, agora mudou e a relação com a cidade é mais franca. Era um parque, às vezes, considerado inseguro, agora menos porque tem vida, antes não tinha a vida que tem agora. E chamava-se Parque da Macaca porque havia ali uma jaula que tinha uma

macaca (...) minha filha chama Parque da Macaca. Era uma zona verde no centro da cidade, nos podíamos brincar na relva, onde nos vínhamos aos domingos para Aveiro e vínhamos passear. O autocarro para Ílhavo era aqui que eu pegava nessa zona. Nós tínhamos para cá passear (...) e o parque era um dos pontos onde nos passávamos. Lembro de estar deitado ali naquela relva, por exemplo, privilégio de conhecer a pobre macaca que cá vivia em péssimas condições. (E5, Português)

O lugar promove experiências, sensações, emoções, afetividades, lembranças, memórias, pertencimentos, identidades, ambiências – **vivências** – que ressaltaram (TUAN, 1983; CANEVACCI, 1997; PRECIOSO, 2002; BRITTO; JACQUES, 2010; THIBAUD, 2012) nas narrativas dos entrevistados. É o que promove as ligações e relações com os lugares. Histórias em espaços públicos marcadas por diversos capítulos desde infância, adolescência, escola de filhos, encontro com pais, trabalho, brincadeiras, piquenique, futebol, eventos promovidos, exposições, feiras, festivais, intervenções artísticas até espaços para passagem, descanso, meditação, reflexão, contemplação, yoga, ou seja, espaços de feitura diversas. Registros que marcam as falas de vários entrevistados, inclusive o entrevistado E6 especifica: “para ser o meu lugar eu teria de ter uma história de vida associada aquela envolvente, uma relação afetiva e também com a envolvente social, não só a envolvente dos espaços” (E6, Português).

A questão da significação, da nomeação, do sentimento de pertença e da afetividade dos lugares foi uma questão abordada, substancialmente, nos pormenores da vida urbana.

Não consegue atribuir nenhum nome, nenhuma designação, e se tu não consegues é algo que é amorfo, é algo que não tem espírito de local. É algo que é um resto, remanescente, resquício. Portanto, é qualquer coisa a qual tu não consegues dar nome. E se tu não consegues dar nome, tu não gostas daquilo porque nem se quer sabe o que aquilo é. (E6, Português)

A gente sentia a praça muito nossa, é um espaço que a gente sente que é verdadeiramente nosso, que a gente chega lá e fala é nosso e pronto. (E5, Brasileira)

Durante a entrevista, vejo a entrevistada E5 com olhos lagrimejados de lembrar, em clima saudoso e alegre, da riqueza de sensações que a praça trazia. E quando pergunto o que chamava a sua atenção descreve o porquê da “Praça da Mangueira” ser importante. Ela descreve toda a personificação que a mangueira adquiriu além de sua essência de ser árvore e dar mangas. Conta que “(...) ela passa muitos e muitos anos sem dar manga porque é uma mangueira muito antiga. E de repente vem um ano que ela resolve que vai dar manga e ela fica carregada de

manga e aquele cheiro de manga e as mangas caem para todos os lados”. (E5, Brasileira) A mangueira é cenário para teatro, é palco, é lugar, é atração para crianças, é aprendizado de educação, é cuidado e afeto. Enquanto o entrevistado E6 acentua a sua pertença “Aveiro é a minha cidade, é o meu lugar” (E6, Português) e sua memória ligada ao pai devido ao caminho que percorre até chegar à cidade de Aveiro quando vem de uma cidade vizinha, Ílhavo. Por conseguinte, a entrevistada E2 expressa a sua conexão com o Rio de Janeiro e nos impõe um questionamento: “Nós estamos nos lugares ou os lugares estão em nós?” (E2, Brasileira).

E isso é curioso porque em certa altura as memórias se entrecruzam. Eu não consigo vir de bicicleta para cá, sem ter uma ideia na minha memória que meu pai também fazia esse percurso, por razões diferentes e com uma idade diferente, mas ele também fazia esse percurso. (E6, Português)

(...) eu não tinha percebido também o quanto aquele lugar, o quanto estou conectada a aquele lugar e eu acho que independentemente do tempo que passar, do que acontecer, mesmo que aquele lugar agora esteja completamente modificado, seja completamente alterado, abandonado como está o Rio de Janeiro, sempre dentro das minhas memórias ele sempre vai existir entendeu? Então, acho que isso que importa mesmo, era isso uma das questões que me fazia: a verdade é nós estamos nos lugares ou os lugares estão em nós? (...) Qual é o mais forte ali, eu às vezes acho que os lugares estão em nós porque essas conexões que nós temos de memórias e tudo mais, são tão fortes, são laços muito fortes, não vão desfazer por nada entendeu?! (E2, Brasileira)

Sob essa ótica, sentimentos relacionados com a topofilia e a biofilia ficaram expressos nas falas dos entrevistados, o que vai ao encontro dos autores Tuan (1974, 1980), Kanashiro (2003), Heemann e Heemann (2003), Dionisio (2011). A entrevistada E9 corrobora ao entoar categoricamente sobre afetividade e, ainda, expõe a questão da temporalidade em que nos encontramos “as pessoas andam muito a correr” e como reverbera no modo como traçamos nossas relações sociais, vivemos e habitamos a cidade.

É um conforto, uma inspiração maravilhosa, são recordações que me ficaram para toda a vida e só acabam quando acabar... muito afeto. Sou muito afetiva e lamento muito que a nossa sociedade não esteja a cultivar os afetos, cultivam-se muito pouco os afetos hoje em dia, as pessoas andam muito a correr, as pessoas não se detêm nos pequenos pormenores. E acho que a vida fica vazia sem essas coisas todas, sem apreciarmos a natureza, sem andarmos devagar, sem tomar noção do que se passa a nossa volta. Toda a gente quer estar em todo o lado ao mesmo tempo e isso torna as pessoas inquietas, estressadas, agressivas até. (E9, Portuguesa)

Com tal característica recupero Bachelard (1993, n. p) quando afirma que vivemos uma “ritmanálise da função de habitar”, examinando detalhadamente os ritmos da vida. Tal-qualmente o entrevistado E4 comenta sobre a nossa vida ser tão rápida e por conta disso tão sem momentos de deleite. Por conseguinte, o entrevistado E1 destaca a questão do tempo – “muita gente anda olhando para nada, distraída e na sua vida automática” – do olhar a partir do afeto e dos ritmos do dia a dia, cita ainda a música “Senhor Cidadão” do cantor brasileiro Tom Zé.

Então o olhar é potente, o olhar centrado, o olhar de flecha é muito potente. Ele revela muita coisa. E o afeto, o espaço público, o cruzamento, tem muito a ver com isso... quem que anda olhando para a frente, muita gente anda olhando para nada, distraída e na sua vida automática. Ou na sua fortaleza fechada para novas sensações... eu acho que muito do conservadorismo vem daí: o medo do novo! E as novas sensações, se a gente se permitisse essa abertura, assim incondicional a gente estaria muito mais evoluído. No coletivo, no individual, acho que é uma evolução de... eu lembro da música do Tom Zé que é: “ô senhor cidadão eu quero saber com quantos quilos de medo se faz uma tradição... ô senhor cidadão eu e você temos até muita coisa em comum...” Essa música é o resumo da nossa conversa. (E1, Brasileiro)

Concatenam-se a afetividade, a dimensão e a experiência sensorial pelas polifonias que condicionam o modo de vida urbano e da apropriação do espaço público, tanto nas individualidades e particularidades dos entrevistados quanto na coletividade e pluralidade do corpo-cidade (MERLEAU-PONTY, 1996; NUNES, 2012; RANCIÈRE, 2009). São entrelaços que compõem a vida urbana, entrelaços que compõem sinestésias, entrelaços que compõem as oportunidades nos caminhos que percorremos, a causalidade dos encontros-despedidas das narrativas urbanas. Dessa forma, o “tempo provou-se um privilégio para aqueles que podem desfrutar de espaços públicos e os que detêm de intervenções ou práticas artísticas nas suas localidades” (E11, Português).

Nesse privilégio, chamado tempo, tive a oportunidade de encontrar para uma entrevista-conversa sobre arte e espaço público a poetisa portuguesa Aida Veigas. E durante as falas sobre afetividade, memórias, espaço urbano, Aida recitou poemas, um deles foi *Entrelaços*.

Entrelaços

Entre laços de pintura, literatura e poesia
De ilustração, de desenho, de cor e fotografia
De palavras, de ideias, e por vezes de ironia
Do ler, do dizer, do canto, da música, da melodia.

As artes entrelaçadas criam laivos de magia.
Entre os laços dos afectos, do amor, da simpatia
Da amizade, da ternura, da ajuda e da alegria
Na tessitura do tempo, do medo e da nostalgia

De perdas, ganhos, invejas, arco-íris incolor
De encontros, desencontros e momentos de folia
Esperanças, desventuras, pingos de dor e fobia
Na simbiose de abraços, risos, lágrimas e dor
Surge a vida entrelaçada coroada de esplendor
E entre a arte e a vida brota um romance de amor

A relação arte-vida, a relação arte-espaço público demonstrou ser “uma conexão e uma necessidade” (E1, Brasileiro), evidenciando o que os lugares promovem a partir das intervenções artísticas. Especificando os entrelaços e a relação afetiva com o espaço público urbano, ou seja, uma “grande mais valia ao espaço público e à cidade. A intervenção artística agrega valor, agrega significado” (E5, Português). As entrevistadas E8 e E2 tangenciam a questão de sociabilidade urbana e vivacidade urbana.

(...) crucial, central, é isso que ela faz. Tipo assim, ela ajuda mesmo no processo de sociabilização. É muito, é muito incrível, a sociedade se fortalece, o espaço se fortalece, as pessoas se fortalecem enquanto conjunto, enquanto grupo. Um tem um reconhecimento do outro, o outro se reconhece, eu acho que essa é a importância maior assim. (E8, Brasileira)

(...) a intervenção artística além de transformar aquele espaço que vai ser visitado, vai ser frequentado por pessoas que têm interesses em comum porque se eles estão ali tem interesse em comum. Independente de qual interesse seja. Mas é, então isso vai tornar aquele espaço mais vivo e ao mesmo tempo vai aproximar as pessoas (...). (E2, Brasileira)

Os entrevistados E3 e E4 também tangenciam a vivacidade da cidade, em Aveiro, especificamente, citando projetos e ações. A entrevistada E3 cita um projeto¹⁷ para revitalizar a zona central da cidade ligada a uma zona com ruas de comércio tradicional que estava um pouco esquecida, de acordo com ela. “Se começar a ver, há bairros que foram completamente transformados por correntes artísticas, se começar a ver as intervenções artísticas de vários tipos pode funcionar como uma forma de revitalizar aquele local” (E3, portuguesa). Posto isso, descreve o projeto:

O projeto foi feito com a comunidade, com os lojistas, com os habitantes. O objetivo era trazer vida para ali e as primeiras coisas e propostas que se falou foi trazer atividades artísticas, desde concertos, pinturas, dança tudo para ajudar a retomar essa vida. A arte é um dos grandes motores. (E3, Portuguesa)

Um dos idealizadores do projeto, professor Dr. José Carlos Mota da Universidade de Aveiro, relata para o site¹⁸ *Educação e Território* que a intenção é dar vida à região do bairro histórico/centro, trazendo novas possibilidades e funções ao local e permitindo que a própria comunidade definisse os seus rumos. A Figura 50 ilustra o mapeamento que foi realizado na região. O projeto mapeou lojas, espaços e edifícios públicos do bairro histórico de Aveiro.

¹⁷ O nome do projeto é Vivó Bairro. Segue informações na descrição da página do *Facebook*: “O conceito de Bairro Histórico de Aveiro é um desafio da Associação A CORDA para mobilizar a comunidade que habita, trabalha, usa e acarinha a zona histórica da cidade para contribuir para a sua revitalização funcional. A noção de bairro é aqui usada com dois sentidos: Bairro enquanto unidade de vizinhança, espaço de encontro e proximidade entre os membros da comunidade (a noção de bairro implica que a residência seja a função dominante); Bairro enquanto sinal de bairrismo, de apego ao bairro, aos valores identitários aveirenses (que não são imutáveis, que também se constroem). Queremos celebrar Aveiro e abrir um espaço privilegiado para se mostrar o que se pode inventar na cidade e da cidade para o mundo, promovendo novas experiências, divulgando o que de melhor se faz na região, projectando o bairro como laboratório de ideias onde a comunidade possa participar e intervir.” Disponível em: <<https://www.facebook.com/vivobairro/>> Acesso em: 23 mar. 2022.

¹⁸ Disponível em: <<https://educacaoterritorio.org.br/experiencias/vivo-bairro/>> Acesso em: 15 jun. 2022.



Figura 50 – Mapeamento Vivó Bairro
Fonte: Site Educação e Território¹⁹

¹⁹ Disponível em: <<https://educacaoeterritorio.org.br/experiencias/vivo-bairro/>> Acesso: 10 jun. 2022

VENHA CELEBRAR O BAIRRO HISTÓRICO!

Vivó Bairro é um projecto colaborativo construído por residentes, comerciantes e instituições de Aveiro, com o objectivo de promover o bairro histórico como um laboratório de ideias através da valorização do comércio local, o potencial científico, tecnológico e artístico da cidade.

COME AND CELEBRATE THE HISTORICAL NEIGHBOURHOOD!

Vivó Bairro is a collaborative project built by residents, shop owners and institutions from Aveiro, whose objective is to promote the historic neighbourhood as an laboratory of ideas and to regenerate the area bringing wealth of resources here from local businesses, scientists to the technological and artistic potential of the town.

PROGRAMAÇÃO* EVENT PROGRAM*

RUA DE JOSE RABUMBA DIA 4 E 5 Pinura ao vivo de barco DIA 4 E 5	RUA DE JOSE RABUMBA DIA 4 E 5 Live painting of maliceiro boat DIA 4 E 5	PRACA REPUBLICA DIA 4 E 5 Atividades científicas para crianças DIA 4 E 5	PRACA REPUBLICA DIA 4 E 5 Apreciação do livro infantil "Ratinho e Malicastro" DIA 4 E 5	JARDIM MUSEU DIA 4 E 5 Histórias para pesquisas ao sol - atelier imaginação narrativa DIA 4 E 5	JARDIM MUSEU DIA 4 E 5 Stories for kids in the sun + narrative imagination workshop DIA 4 E 5	RUA DIREITA DIA 4 E 5 Ata de expressão dramática p/ famílias DIA 4 E 5	RUA DIREITA DIA 4 E 5 Dramatic expression class for families DIA 4 E 5	PRACA MARQUES DE POMBAL DIA 4 E 5 Jogo tradicionais amigos DIA 4 E 5	PRACA MARQUES DE POMBAL DIA 4 E 5 Traditional playground games DIA 4 E 5
---	---	--	---	---	---	--	--	--	--

4 E 5 DE JUNHO / JUNE 4 AND 5

AVÉIRO '16

SIGA-NOS! / FOLLOW US!
facebook.com/vivobairro
vivobairro.wik.com/aveiro

ZONAS DE ACTIVIDADES / ACTIVITIES ZONE

- #1 - Rua de José Rabumba
- #2 - Praça da República + Plataforma Fernando Távora
- #3 - Rua Direita
- #4 - Jardim do Museu
- #5 - Praça Marques de Pombal

PELO BAIRRO...

- / Bairro à letra: intervenção de Arte Pública nas calças de electricidade (promovido por Aveiro Sketches)
- / Arte Pública: Os bancos do bairro (promovido por Egidos e Anaites)
- / Instalação de inspiração marítima (trabalho comunitário)
- / As famílias do bairro: Fotografia comunitária
- / "Caço Bairro" paddy paper
- / "Caço Bairro" paddy paper
- / Instalação Praça Marques de Pombal
- / Visita histórica sobre a história e património - Aveiro Free Walking tour em espaço público
- / "Laura costura as árvores": Intervenção em espaço público

BY THE NEIGHBOURHOOD...

- / Bairro à letra: Public Art intervention (by Aveiro Sketches)
- / Public Art intervention: Illustrated benches (promoted by Egidos e Anaites)
- / Installation on benches (promoted by Egidos e Anaites)
- / The neighbourhood families: Photographic commentary
- / "Caço Bairro" paddy paper
- / "Caço Bairro" paddy paper
- / Installation on Marques de Pombal square
- / "Laura costura as árvores": Space Intervention

oficinas/ workshops
concertos/ live music
desafios/ challenges
actividades/ activities
exposições/ exhibitions
performances

#A - Rua 31 de Janeiro
#B - R. Gualavo Ferreira Pinto Basilio
#C - R. de Luis Cipriano
#D - Rua Dr. Nascimento Leilão
#E - Parque Municipal de Aveiro

Organização de:

Figura 51 – Programa das ações pelo bairro
Fonte: Vivó Bairro³⁰

Equitativamente, o entrevistado E4 também cita o projeto *Vivó Bairro* e comenta sobre outras iniciativas, uma chamada *VivaCidade Aveiro*. “Então tem a ver com isso, viver a cidade do ponto de vista artístico, do ponto de vista humano” (E4, Português). Discorre como é ter arte presente nos espaços para tal vivacidade urbana e, ainda, comenta da outra iniciativa chamada *Dia dos Vizinhos* quando “as pessoas se juntam e há pessoas a cantar, a dançar, outros a pintar.”

Gosto de andar nas ruas de Aveiro e saber que tenho uma cena para olhar e aquilo me fez parar, me fez observar, me fez estar um bocadinho no meu tempo. É o que costumo dizer que é me editar. Às vezes, com a arte é um bocadinho disso, é simplesmente estar. Estar por estar, estou a ver por ver. E a nossa vida já é tão rápida e tão sem esses momentos que a arte é uma das coisas que nos dá isso, a música é o que me dá ainda mais isso. Todas as artes nos permitem esse fugir, essa abstração do mundo real que é já tão entediante, às vezes ou quase sempre que podia ser essa arte que nos traria essa vivacidade. (E4, Português)



Figura 52 – Intervenção do VivaCidade no Largo de São Sebastião
Fonte: *Facebook VivaCidade Aveiro*²¹

²⁰ Site Vivó Bairro. Disponível em: <<https://vivobairro.wixsite.com/aveiro/programa>>

²¹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/vivacidade.aveiro/>> Acesso: 11 jun. 22.



Figura 53 – Detalhes da Intervenção no Largo de São Sebastião
Fonte: Facebook VivaCidade Aveiro

A rua mostra-se, nitidamente, como elemento morfológico do espaço público e palco para a vivacidade urbana e para a intervenção artística. O entrevistado E4 comenta que nos faltam mais iniciativas, ações para promovê-las: “é isso que falta porque a arte faz com que as pessoas venham para a rua para estar no meio dela” (E4, Português). Cita ainda outra iniciativa o *CriaTech*²².

Eu dou um exemplo, no *CriaTech*, dava-me vontade de estar no meio da rua, embora tivesse um frio (...) porque a rua está cheia de arte, eu quero me enfiar no meio das projeções de luz porque quero ver as luzes todas, quero estar no meio porque isso me desafia, isso me provoca. (E4, Português)

²² Festival de Luzes, a cidade fica toda iluminada de noite. Texto da edição da 5.ª edição do *Criatech*: “Em 2021 desenvolver-se-á numa semana em que volta a intervir em espaços públicos e patrimoniais, com uma narrativa histórica e de memória coletiva forte, que serão transformados pela presença dos objetos artísticos que lá serão colocados forma efémera. Numa época em que se troca o sentido da vida por sensações que geram vazio, o *Criatech* pretende ser um momento de expiração e retorno à experiência física, ainda que com uma forte presença digital e das media arts, numa chamada a inverter a tendência do isolamento e virtualização.” Disponível em: <<https://www.criatech.pt/>> Acesso: 25 jun. 2022

A entrevistada E8 inclusive correlaciona o lugar da arte em estar na rua. Relata o processo de fazer arte em qualquer espaço, seja ele público ou não, mas principalmente o público, que para ela é onde a arte deveria sempre estar.

a arte tem que estar desfilando na rua. Ela tem que estar sambando na rua, por isso que eu me importo muito com grafite (...) e essa dimensão eu acho que para mim tudo que envolve rua e arte, é o lugar onde a arte tem que tá, é onde a intervenção artística acontece, aonde é o lugar dela, na verdade é onde deve estar, importa muito, importa muito. (E8, Brasileira)

Tal como o entrevistado E1 menciona um grupo de teatro do Rio de Janeiro, *Tá na Rua*²³, com direção de Amir Haddad e 42 anos de história. Os ensaios e apresentações são sempre feitos na rua e carregam a ideia de improviso e simplicidade, em que a participação do público é parte da cena.

Como foi impactante aquilo para mim, eles fazem umas apresentações com 30 atores correndo, com figurinos... e eu tenho isso na memória até hoje. Também tem pessoas tocando flauta, violino, cantando, pregando.... É o impacto! Tudo é visual, sensorial, faz parte, é som, visão, contato. (E1, Brasileiro)



Figura 54 – Apresentação na Cinelândia | Rio de Janeiro
Fonte: Enciclopédia Latino Americana²⁴

²³ Grupo Tá na Rua. Página do facebook disponível em: <<https://www.facebook.com/grupo.tanarua>> Acesso em 26 jun. 2022.

²⁴ Disponível em: <<http://latinoamericana.wiki.br/verbetes/t/ta-na-rua>> Acesso em 26 jun. 2022.

Elucidando Magnani (2005), transito pelas diferentes versões de rua a partir das narrativas dos entrevistados, pelas deambulações e pelas oportunidades que presenciei na pesquisa de campo no Laboratório de Planeamento Urbano e Políticas Públicas (L3P) da Universidade de Aveiro, durante a pesquisa de campo.

Dessa forma, faço alusão às iniciativas que presenciei na cidade de Aveiro com seus festivais efêmeros afetando a vida urbana da cidade com experiências diversas envolvendo música, dança, exposições, instalações, teatro de rua, circo contemporâneo, oficinas e performances e na cidade de Águeda e Covilhã com seus roteiros permanentes de arte urbana que podem ser percorridos a partir de caminhadas pelas ruas da cidade.



Figura 55 – Cartaz Prisma
Fonte: Facebook Prisma | Art Light Tech





Figura 57 – Divulgação Descobrir e Experimentar Aveiro
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 58 – Divulgação Festival dos Canais
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 59 – Salas de estar na Praça da República
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 60 – Folders de iniciativas de práticas artísticas interativas
 Fonte: Acervo Pessoal



Figura 61 – Mapa Arte Urbana Águeda
 Fonte: Acervo Pessoal



Figura 62 – Mapa da cidade de Águeda com as identificações das intervenções artísticas
 Fonte: Acervo Pessoal

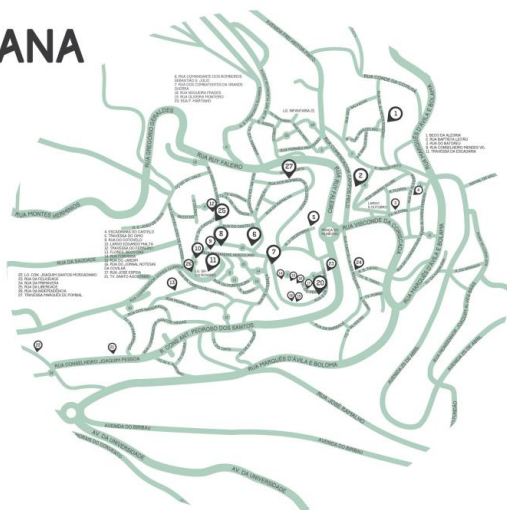


Figura 63 – Entre construções | Águeda-PT
Fonte: Acervo Pessoal



Figura 64 – Zona de paragem
Fonte: Acervo Pessoal

ITINERÁRIOS ARTE URBANA NA COVILHÃ



- 1. WOOL OFF FEET | HANO BELEM
- 2. EXTRA WOOL | PINTING
- 3. WOOL | BTOY (PASTE UP)
- 4. WOOL | BTOY (PASTE UP)
- 5. WOOL ON RESIDENCE | ADD FUEL
- 6. EXTRA WOOL | DASHING
- 7. WOOL ON RESIDENCE | BORDAL O
- 8. WOOL | BTOY (PASTE UP)
- 9. WOOL ON RESIDENCE | MR. DWIG
- 10. WOOL | BTOY (PASTE UP)
- 11. WOOL OFF FEET | ADRES
- 12. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 13. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 14. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 15. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 16. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 17. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 18. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 19. WOOL ON RESIDENCE | I IS NOT AN ARTIST
- 20. WOOL ON RESIDENCE | TAMARA ALVES
- 21. WOOL OFF FEET | FRESH | VIGARATE
- 22. WOOL OFF FEET | ADD FUEL | T
- 23. WOOL ON RESIDENCE | FRESH | SALGADO (ENED)
- 24. WOOL ON RESIDENCE | THRO
- 25. WOOL ON RESIDENCE | THE PISTEIRO
- 26. WOOL ON RESIDENCE | DON HA
- 27. WOOL ON RESIDENCE | BOSSLETTI



Figura 65 – Wool | Covilhã Arte Urbana
Fonte: Acervo Pessoal

Faço alusão à iniciativa *Kit A Nossa Rua*, uma iniciativa que consiste na disponibilização aos cidadãos de um *kit* constituído por equipamento de som, materiais de desenho, jogos infantis e uma bicicleta elétrica com atrelado. O projeto está no âmbito do Orçamento Participativo de Aveiro e o objetivo é ocupar o espaço público urbano, experimentar novos usos para as ruas da cidade promovendo o convívio social.



Figura 66 – Kit A nossa Rua | Aveiro-PT
Fonte: Terra Nova



Figura 67 – Bicicleta elétrica com atrelado
Fonte: Arquivo L3P

Outra iniciativa é *A rua é sua*, um programa da cidade de Lisboa, com início em 2019, para intervir em cerca de 100 ruas da cidade. De acordo com a Câmara Municipal de Lisboa²⁵

²⁵ Site da Câmara Municipal de Lisboa. Disponível em: <<https://www.lisboa.pt/a-rua-e-sua>> Acesso: 30 jun. 2022.

uma das pretensões do programa é a promoção de intervenções efêmeras de arte urbana ou permanentes em espaços públicos para que as pessoas possam viver a rua sem carros.



Figura 68 – A rua é nossa | Aveiro-PT
Fonte: Acervo Pessoal

Independente do caráter permanente ou efêmero a intervenção artística vai *afectar* ou afetar de alguma forma a sua envolvente, o concreto – materializado nos espaços públicos – e o abstrato – corporificado nos cidadãos. Não obstante, o quesito da continuidade das iniciativas – sejam elas intervenções artísticas, projetos e ações – é precípuo e mencionado pelos entrevistados. “A ideia de usufruir de espaço público ou de cultura, ou da arte não é uma coisa de se fazer num evento anual, para qualidade de vida deveria ser uma coisa cotidiana” (E3, Portuguesa). Os entrevistados expõem:

Uma intervenção pode ser física no sentido de ficar permanente ou até outro tipo de intervenções, num determinado espaço podem mudar completamente a vivência daquele espaço, melhorar a vivência desse espaço. (...) são coisas que estão ali temporariamente, mas a vivência que tem ali daquele sítio é completamente diferente. Os sítios são transformados por determinada peça, atuação ou performance e eu acho que isso tem muito impacto. Não é uma coisa que dura no tempo, quando começa a fazer com muita frequência tu comesas a ir muitas vezes e a viver aquele espaço de muitas maneiras. (E3, Portuguesa)

Eu acho que muita coisa acontece nesses encontros casuais, eu conheci amigos que eu tenho até hoje. As coisas para mim aconteceram muito a partir da rua assim, muito! (E1, Brasileiro)

(...) então a arte aumenta essa relação de cuidado porque a pessoa pensa eu vou usar aquele espaço, eu não vou só passar dentro daquele espaço, então acho que essa relação de cuidado aumenta porque a pessoa começa a ver aquele lugar de maneira diferente. Não é um lugar de passagem apenas, é um lugar que eu vivo, um lugar de vivências, é um lugar que eu me relaciono, encontro pessoas lá. (E7, Brasileira)

Uma das principais congruências com as iniciativas são questões que envolvem a experimentação, a participação cidadã e identificação para uma construção conjunta e diálogo com e na comunidade, como ressaltam as entrevistadas:

o potencial será melhor se promover algum tipo de envolvimento, interação com as pessoas, com a comunidade que vai usufruir daquele espaço. A ideia de fazer intervenção artística com o local e com objetivo de melhoria daquele espaço para aquelas pessoas seria mais interessante pensar na forma de fazer. (E3, Portuguesa)

A arte urbana tem de ser pensada. Mas ela tem que ser, ela tem que retratar pelo menos um pouco da sociedade que ali tá ali em volta sabe? Eu acho que é muito importante isso porque não quer dizer o tipo de arte ou a linguagem da arte, mas eu acho que a parte da identificação mesmo, entendeu? (E2, Brasileira)

(...) a arte tem muito potencial de transformar os espaços e principalmente pode valorizá-los. Se a arte for refletir as questões identitárias ou por exemplo no caso de pássaros de Ilhabela, comunidade pescatória. Se estiver relacionado com as questões da comunidade eu acho que pode reforçar um sentimento de pertencimento de identidade de autoestima, de valorização. Mas sobretudo assim com relação a autoestima dos lugares. (E5, Brasileira)

A partir do L3P, pude participar e presenciar o conceito de ações experimentais, principalmente, nas metodologias de participação cidadã na revisão dos Planos Diretores Municipais e Plano de Urbanização das cidades portuguesas, entre elas: Maia, Vila Nova de Gaia, Valongo, Arouca, Évora. Como bem expõe o entrevistado E1, atentando e ressaltando, que “não descruzemos o olhar para uma sociedade mais inclusiva, mais justa, mais acessível, mais desenvolvida, mais sensível, com mais experiências para as pessoas, com maior qualidade de vida urbana” (E1, Brasileiro).

A Figura 69 ilustra a exposição *Comunidade em Histórias - Memória dos lugares e pessoas de Gaia*, um exemplo da arte como ferramenta política para “ouvir as pessoas, conhecer a história dos locais pela voz dos que os habitam, resgatar e preservar memórias individuais e

coletivas para, a partir daí, pensar e planear a cidade, aproximando-a dos ideais daqueles que a habitam” (GAIA, 2022).

Mapas de Memórias Coletivas que interpretam as histórias e memórias das pessoas que habitam os lugares, a partir de narrativas partilhadas em grupo. Permitem-nos conectar melhor cada um dos lugares dos territórios com as comunidades e as pessoas que o habitam. Contamos o passado para entender o presente e construir o nosso futuro coletivo. (GAIA, 2022)

COMUNIDADE EM HISTÓRIAS

Memória
dos lugares
e pessoas
de Gaia

DE 10_MAIO A 5_JUNHO | CENTRO CÍVICO
(junto à Câmara Municipal)

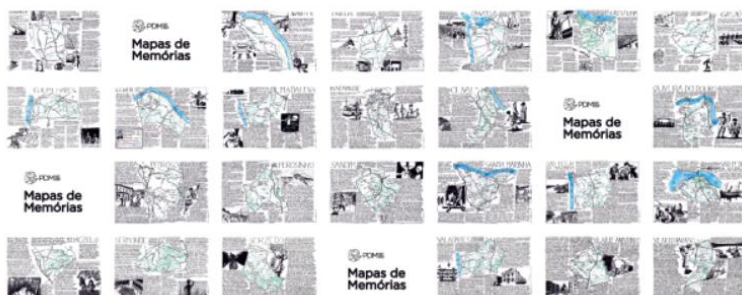


Figura 69 – Exposição Comunidade em Histórias
Fonte: Gaia (2022)

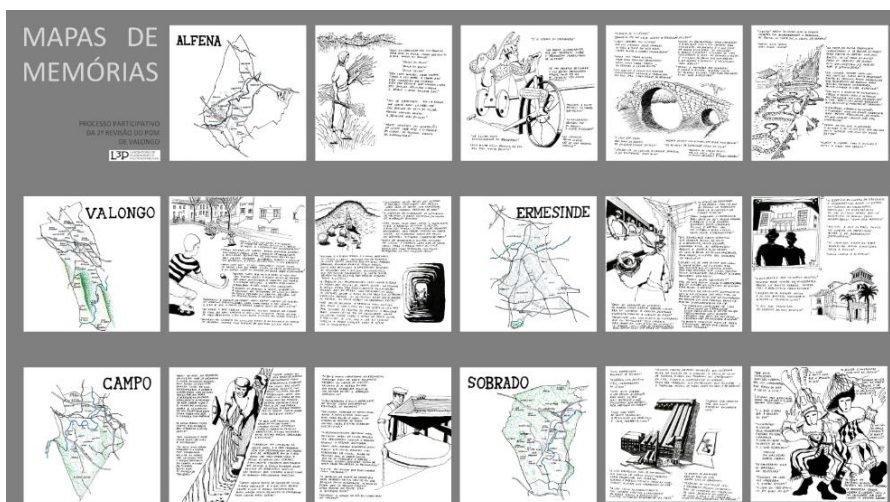


Figura 70 – Conjunto dos Mapas produzidos por Gil Moreira para exposição
 Fonte: Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas (L3P)

De acordo com o Laboratório de Planeamento e Políticas Públicas as ações experimentais contribuem para que as ideias coletivas e as dinâmicas cidadãs ganhem corpo, se concretizem e fortaleçam os laços da comunidade.

Experimental significa conceber, ensaiar e testar colaborativamente as ideias da comunidade, em micro-escala, com baixo custo, mas com impacto imediato, permitindo conhecer os recursos e avaliar a possibilidade futura de investimento em projetos definitivos da mesma natureza, com maior assertividade e eventualmente a replicar noutros lugares. (L3P, 2022, online)

Paralelamente retomo a *experiência sensível*, a partir de Oliveira *et al.* (2015), quando é no olhar, na afetação e no engajamento do outro e de outrem que a ação se completa.

A intervenção artística embeleza o espaço público de todos os pontos de vista, pensando ponto de vista da estética mesmo, em beleza do ponto de vista visual, do ponto de vista sonoro. E a outra questão é a experimental, chamar as pessoas para se relacionar com o espaço público de uma maneira diferente do comum. (E7, Brasileira)

Tal-qualmente a *experiência* heideggeriana de que algo vem ao encontro, chega até nós e nos transforma e a *experiência* bondiana com a possibilidade de que algo nos aconteça e nos

toque. Como já citado tal experiência pode propiciar um atravessamento, uma desaceleração, uma pausa no cotidiano, um momento de desfrute. É o que exterioriza os entrevistados:

Um lugar nunca é o mesmo para aquele que vivencia a experiência ali, diferentes formas, ele nunca vai ficar naquela mesmice de antes. A intervenção artística nunca vai deixar aquele espaço ileso. (E2, Brasileira)

(...) Mas em relação ao que eu busco, a gente sempre quer ser surpreendido, a gente quer sempre ser encantado, encantamento. Intervenção é algo inesperado, se eu vou em um show não é inesperado. Intervenção é algo que acontece em lugares inusitados, num show com hora e local marcado não é intervenção, é um show. Então, coisas que mexam comigo, ou esteticamente, ou poeticamente. Às vezes, uma frase fica na cabeça, só uma frase. Não preciso guardar um texto, esteticamente uma imagem fica na cabeça. No caso da intervenção é a surpresa, é a quebra do cotidiano, quebra da normalidade. (E1, Brasileiro)

Uma coisa que eu procuro sempre é a ideia de liberdade, ou seja, a arte também te faz, a liberdade não é tua vida, tu não é o artista, mas quase que pode ser e ter, sentir uma outra forma de viver o mundo. E essa coisa de te levar, de pensar em coisas que nunca pensaste, ver de outra forma, surpreender-te, questionar-te. E assim, e acho que qualquer forma de arte, pode ser um grafite, um concerto de violino, peça de dança, ou um livro. (E3, Portuguesa)

(...) lembro um dia que eu estava correndo e dei de cara, com o Pisco de papo amarelo do Bordalo II na beira do rio e quando eu vi aquilo, eu fiquei tão feliz, mas tão feliz, uma intervenção artística que eu não vi acontecer porque eles devem ter feito no final de semana. Então quando eu vi já estava pronto e estava lá e eu fiquei tão feliz com aquela obra ali, e aquilo me encheu o coração de alegria. (...) Porque o Pisco do papo amarelo eu ficava de olho para ver se eu via ele de verdade no rio, porque eu ouvia ele. (E5, Brasileira)



Figura 71 – Pisco Amarelo de Bordalo II
Fonte: AgitAgueda



Figura 72 – Detalhe Pisco amarelo
Fonte: AgitAgueda

Pode-se entrever uma escala de afecções, afetos e afetados, ou seja, uma complexidade de como um afeto é construído porque a afetividade está intrínseca e extrínseca envolvendo passado, presente e futuro. Demonstrando, assim, a nossa potência de agir e nossa potência de se conectar com o espaço a partir da intervenção artística e como ela pode realmente variar a nossa potência de ser e existir (ESPINOSA, 1983; LANE, 1995). O entrevistado E5 e as entrevistadas E2 e E3 discorrem sobre:

Acho que é riquíssimo a arte no espaço público (...). Depende. Cada história é uma história. Agora o que é importante nisso é a história da cidade, história das pessoas, da vida das pessoas, e da arte. Nunca deixou de ser né?! A história da humanidade, começamos a inventar cidades e começamos a inventar manifestações artísticas, seja na arquitetura, seja no que for para as cidades serem mais cidades, serem sítios onde as pessoas se sentem bem e querem estar. E a arte tem um papel insubstituível (...). Há coisas que são mais intrínsecas, há coisas que são mais superficiais, há coisas que são de uma hora e depois desaparecem (...). E, portanto, tudo isso é intervenção artística no espaço público. Ou seja, acho que nem é dissociável, não podemos separar o espaço público da intervenção artística. (E5, Português)

Uma reflexão, uma reflexão sobre suas próprias realidades e isso pode ser uma realidade tanto no contexto que a intervenção artística vive da cidade, do contexto econômico, social etc. Como também uma reflexão sobre si próprio porque quando você vê uma arte aquilo ali te gera reflexão e aquela reflexão, claro que nem todos estão nessa pegada, né? Mas aquela reflexão, ela vai te dizer assim: mas por quê que eu senti aquilo, por quê que aquilo, sei lá aquele mosaico ali, por quê que aquilo me provocou, esse tipo de sentimento, esse tipo de emoção (...)? (E2, Brasileira)

Todas as intervenções, seja qualquer tipo de arte ou de intervenção, o que eu procuro é o entretenimento... ok, tudo bem! Evoluir como ser pensante, emotivo, uma coisa que te faz questionar, que te faz repensar nas suas certezas absolutas, no fundo que alimenta a "metamorfose ambulante" que Raul Seixas fala e que somos todos nós. (E3, Portuguesa)

Ademais a partir da polifonia das vozes, dos espaços e do corpo-cidade tive a oportunidade de mastrar um coro harmônico. Narrativas pela cidade de Aveiro e pelas telas do computador em rastros, vestígios, memórias, cheiros de livros, cafés, museus e bibliotecas. Assim posso dizer da afetividade que residiu mais no passado, do que do presente em movimento e de um futuro de idealizações e esperança por uma vida urbana melhor para todos.

O passado caracterizou-se com as memórias, lembranças, saudosismos, nostalgias de tempos que não voltam mais, espaços que já não existem ou que foram completamente remodelados. Ressignificados, mais uma ressignificação que gera desconforto, tristeza do que já não existe na matéria, apenas no mental. Cito as reformas das praças, o coreto que não existe mais, as árvores derrubadas, o grafite ou a arte de rua apagada, os campinhos de futebol que viraram concreto para dar lugar aos carros, a pista de skate depredada, o banco da praça do primeiro beijo que já não existe, o Café (daquele encontro com tal pessoa) que fechou, a rua que não se pode mais brincar, o beco que é mal iluminado, a passagem cheia de relva. Apagamentos de história. Um passado apenas de lembranças e o que há de memória registrada. Rastros e vestígios urbanos.

Para se planejar uma cidade, precisa-se planejar localidades. Para se planejar localidades precisamos ouvir as pessoas que habitam essas localidades. Assim, conheceremos o que de fato, precisa ser planejado, transformado, ressignificado e por fim, executado. A sociabilidade e a vivacidade urbana são promovidas tanto pelas pessoas que ali residem, mas também pelas políticas públicas e autarquia ali presentes.

Finalizo essa seção com o excerto de uma brasileira:

Promover um certo orgulho de pertencer a lugar, uma valorização das questões identidade. Eu acho que a arte também pode promover outras coisas, a arte pode promover emoções, pode potencializar a sensação de conforto, de segurança ou de angústia ou de espanto, a arte provoca muitas coisas. A arte pode o que ela quiser nos espaços, há sensação de reflexão. A arte tem um poder e potencial de transformar os lugares muito forte. (E5, Brasileira)

Na arte e pela janela de um português que tem os braços no seu parapeito a espera de outrem: “há de tudo”.



Figura 73 – Graffiti na parede no centro de Aveiro
Fonte: Acervo Pessoal

IX. CONSIDERAÇÕES FINAIS



Antes mesmo de adentrarmos as considerações finais, ensejo dizer como um estudo sobre a vida na cidade em sua historicidade, seja a sua modernidade ou a sua contemporaneidade, tem seus intrincamentos. A vida urbana muitas vezes é calculada, dominada e orquestrada por um sistema capitalista, em que o tempo é a moeda vigente. Articular uma polifonia dessa cidade é desafiador e ao mesmo tempo impulsionador, algo que me alimentou enquanto investigadora nessa trajetória.

Esta pesquisa pretendeu abordar um olhar mais detido, sensível e humanístico para quais eram as perspectivas para o desenvolvimento do planejamento da vida urbana para uma cidade feita por pessoas e para pessoas, investigando a relação afetiva do cidadão com os espaços públicos, à luz das intervenções artísticas. O *perder-se na cidade* foi ponto de partida e convite para o leitor.



Figura 74 – Vitrine na cidade de Aveiro |PT
Fonte: Acervo Pessoal

A escrita permeou, majoritariamente, a terceira pessoa e em outros momentos a primeira pessoa o que expressa os diálogos epistemológicos com autores(as) e a aproximação do leitor com o texto, com as reflexões e provocações durante o desenvolvimento da pesquisa, já que evidenciou o mergulho e o encontro da pesquisa/pesquisadora com as diversas facetas da cidade. A linha que teceu a escrita do texto foi o anacoluto dos capítulos, sendo que eles e os tópicos vêm e vão, desdobram-se e deslocam-se. E o caminho das discussões foi realizado em formato mosaico – uma costura de uma colcha de retalhos. Espero que o desfrute de flunar

pela cidade e embriagar-se com a pesquisa tenham atravessado e afetado o leitor com o olhar prometido para com o estudo.

A temporalidade vivida por conta do sistema vigente é a inquietação motora da pesquisa versando, assim, o olhar – mais detido, de observação e análise da pesquisa – para as lentes primorosas do *flâneur*, do citadino para com a cidade e como as intervenções urbanas artísticas integram esse contexto. Essas lentes postas mostraram a sensibilidade e o afeto amiúde ao longo da pesquisa. Olhar a cidade em suas miudezas perante tal grandiosidade, dinamicidade e tempo em rapidez. O afeto mostra-se detalhista, são os pormenores traçados em relações afetivas por ruas, becos, vielas, praças, parques e até os arredores da casa, dos largos de teatro, entre as estantes da biblioteca. Mostrou-se meticuloso e sensível entregando envelopes com narrativas bordadas com emoção, sentimento, digressões e derivas no tempo e no espaço.

O espaço público como *lugar de experiências* e acontecimentos mostrou-se como palco para evidenciar as maneiras de como um afeto ou afecto pode nascer, ser cultivado e viver em histórias e memória. A *experiência* realmente vive nos instantes dos *afectos*, no passado, no presente, e no futuro da vivência urbana para despertar um corpo vibrátil, um sentimento topofílico e biofílico. O afeto pode partir do respeito, da coenvolvência, da alegria, da saudade, do acolhimento, da conexão, da identificação, do reconhecimento, do espírito de vizinhança, da família, da emoção, do sentimento, da sensação, da contemplação, da poesia. O afeto está em quem somos, como sentimos e habitamos os espaços em seus simbolismos, imagéticos, hábitos, comportamentos, práticas, significados, percepções e necessidades.

Aproximei-me dos entrevistados por acreditarem em um futuro mais próspero para a vida urbana e pela valorização dela em espaços, cheio de delongas que provem o convite para a comunidade estar e habitar. E ainda, a promoção da apreciação, da aproximação, do espírito de comunidade, do cuidado, do lazer e de trocas sociais. Ou seja, do direito à cidade, do direito social ao lazer e ao direito cultural garantidos em Constituições para sermos quem quisermos ser, sentirmos conectados e identificados com lugar que habitarmos, vivenciar espaços saudáveis para uma vida urbana.

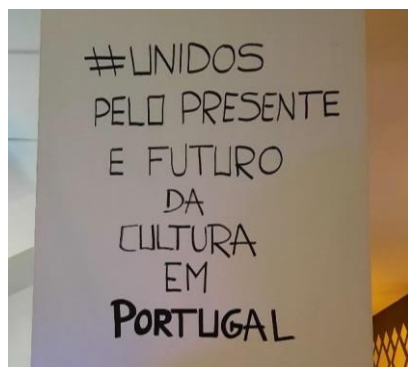


Figura 75 – Grafia em parede em Aveiro | Portugal
Fonte: Acervo Pessoal

Para a feitura do percurso epistemológico e metodológico foram feitos diálogos com diversos autores, dentre eles Yi-Fu Tuan, Canevacci, Thibaud, Lydon, Fontes, Lerner, Sennet, Rocca, Heidegger, Deleuze e Guattari, e com outros aportes fundamentais na concretização da pesquisa. Pela formulação da abstração epistemológica da *pele da cidade* e do corpo-cidade – onde sentimos os espaços e temos sensações para *experimental* a nossa envolvente – com seus conceitos pode-se estruturar a base da pesquisa, fundamentar, identificar e aprofundar, conceitualmente, a relação dos cidadãos com os espaços. Identificar as *corpografias urbanas* pela linguagem mais poética, pela composição das fotografias, pelos recortes pictográficos, pelas simbologias, pelas peças de comunicação, pelos livros, pelos projetos e ações vivenciadas.

A partir da escuta das vozes solistas dos entrevistados, das *flâneries* para as observações em solo, das derivas e da caneta-caderneta de campo nas mãos, a pesquisa foi composta. A cidade em sua polifonia de vozes, a cidade polifônica em narrativas urbanas esmiuçando a relação afetiva com o espaço público pelas intervenções artísticas entre percepções luso-brasileiras. Arquitetou-se um “estilo harmônico” da cidade, um coro harmônico a partir da multissensorialidade e sinestésias urbanas.

O objeto geral da pesquisa foi cumprido no sentido de responder certos questionamentos propostos: Quem somos na cidade? Como é a cidade em que se vive? Quais são as possibilidades para a cidade que queremos viver? Como as intervenções artísticas favorecem a relação afetiva do cidadão com os espaços públicos da cidade promovendo maior vivacidade e sociabilidade urbana? Foram apreendidas as percepções luso-brasileiras sobre o espaço público,

as quais nos permitiu colocar em discussão a relação com os espaços. A relação afetiva dos cidadãos foi identificada, tais como sentimentos que vieram à tona, emoções expressas, memórias revisitadas, identidades expressas, compreendendo assim, as pertinências das intervenções artísticas para a vivacidade e sociabilidade urbana.

Ponto a mudança do trajeto da metodologia de análise, as entrevistas que impactaram diretamente nos resultados aqui apresentados e também a abertura de janelas e portas com a pesquisa de campo na Universidade de Aveiro, em Portugal. A escolha pelo método do *walking ethnography* mostrou-se crucial para o desenvolvimento da investigação, no sentido de ser uma metodologia atual e que está sendo utilizada nos últimos anos. Com esse método, pude percorrer a cidade, aproximar-me dos entrevistados e captar o sensível das relações afetivas. Já a pesquisa de campo determinou a contribuição e a direção das percepções luso-brasileira.

Não obstante, pude também identificar a complexidade da composição de uma comunicação urbana como coro harmônico na identificação da relação afetiva. Sendo a cidade polifônica, em ponto de vista deleuziano, o mundo seria uma sinfonia e os cidadãos melodias tentando compor e promover algo. A complexidade estava em dar voz também às questões de políticas públicas que surgiram. As vozes transportam, também, consigo preocupações sociais, críticas à governança, descuido, depredação e, sobretudo, a necessidade de encontrar um fio condutor entre participação cidadã, política pública e arte. Nota-se que a arte se mostrou uma ferramenta de elevado potencial e de comunhão de interesses diversos, indicador de necessidades, pacificadora, elevadora da auto-estima e valorização dos espaços, promotora de bem-estar, instrumento aferidor para a comunidade na sua sociabilidade e vivacidade. Criadora de afetos na vida urbana, no território da cidade.

Uma das grandes descobertas da pesquisa foi o conhecimento das ações experimentais nos espaços públicos promovendo o envolvimento dos cidadãos, as práticas artísticas e a metodologia de participação cidadã em Portugal e o seu paralelismo com a deficiência dos moldes no Brasil (recorte aqui feito no Sul de Minas Gerais). Em Portugal há muito mais iniciativas de participação coesas e de impacto do que no Brasil, mas em ambos os países a questão da continuidade pôde ser levantada. O engajamento na participação cidadã também é maior em Portugal.

Para se conhecer uma cidade, para se construir um espaço é preciso conhecer as pessoas. Para se planejar uma cidade, precisa-se planejar localidades. Para se planejar localidades precisamos ouvir as pessoas que habitam essas localidades. Assim, conheceremos o que de fato

precisa ser planejado, transformado, ressignificado e por fim, executado. As necessidades das pessoas são tanto semelhantes quanto diferentes, há de se analisar as particularidades de cada local. Observar a cidade é observar a vida urbana e é, também, nos observar. Pude perceber em sessões e reuniões dos processos de participação cidadã feito para revisões de Planos Diretores Municipais e Planos de Urbanização. Pode-se entrever que a sociabilidade e a vivacidade urbana são promovidas tanto pelas pessoas que ali residem no lugar, mas também pelas políticas públicas e autarquia ali presentes.

A pesquisa mostra-se aberta pela possibilidade de ainda mais investigação na temática abordada e pela inspiração de outras pesquisas acadêmicas que se aproximem e impactem a sociedade. Ponto que há mais para se investigar nas discussões fenomenológicas e reflexões filosóficas levantadas com a pesquisa, entre o ser, sentir e habitar a cidade. Há muitas respostas-perguntas essencialistas e existencialistas. A cidade sendo um laboratório de experiências e acontecimentos, a relação afetiva dos cidadãos com os espaços públicos emergiu de discussões teóricas e de práticas vivenciadas no terreno, desvelando a pele da cidade na tríade ser-sentir-habitar a cidade, e afinam as polifonias do corpo-cidade, permitindo a sedimentação e decantação da afetividade.

Ressaltar a conscientização e a importância sobre o espaço público revela-se ainda necessário em várias localidades já que tem muito a ver com a nossa realidade, com os olhos que avistamos e miramos o mundo, quem somos e onde vivemos. O espaço público pode simbolizar a vida de uma comunidade e a qualidade de vida de determinado local, principalmente em cidades pequenas brasileiras-portuguesas e em vilas e aldeias portuguesas, onde em muitos locais não há sequer espaços de qualidade para as pessoas ao menos se encontrarem.

Somos marcados pelas nossas impressões, impregnados pelo nosso dia a dia, levados pelo ritmo do lugar que estamos. Dessa forma, há necessidades sociais para serem cumpridas e feitas, dependendo da realidade de qualquer um. Dar usos e função social aos espaços públicos mostrou-se essencial para a vida urbana, visto que pude perceber o caráter de expansão que os espaços públicos podem trazer para as pessoas, até mesmo o poder impulsionador de personalidade, de sonhos e de perspectivas de vida. “A situação da paisagem urbana tem tudo a ver com a paisagem social, se o social não está bem resolvido a paisagem urbana vai ficar sempre em segundo plano” (E1, Brasileiro).

Sobressaíram trabalhos como uma devolutiva para a sociedade como *Manual de Boas Práticas nos espaços públicos* – ainda em desenvolvimento – e encontros de dinamização comunitária de um bairro em Aveiro para a promoção de intervenções artísticas. Ressaltaram sugestões para trabalhos futuros no sentido de averiguar a virtualidade das experiências mediadas pelas telas, pelo *online*. Já pelo viés artístico como as peças de teatro, shows musicais foram transformados para apresentações *online* e como isso afeta as pessoas na relação com espaços virtuais. Outro viés foi a virtualidade presente na vida das novas gerações que vivem em um mundo de jogos de uma realidade/mundo virtual, o qual marcam encontros em espaços virtuais – relacionando a mudanças asseguradas pela pandemia. E mais uma sugestão: a relação das pessoas com os espaços públicos individuais que não promovem a sociabilidade por simplesmente não querer estar em contato direto com o outro, apenas em presença.

Por fim, considera-se que o estudo assim promoveu a integração de áreas do conhecimento interdisciplinares transpassando os questionamentos levantados a partir de um caráter etnográfico-antropológico o que não descarta a possibilidade de mais pesquisas sobre o tema serem desenvolvidas sob outros olhares e perspectivas. Alcançar outras respostas, com mais contributos, um novelo de lã a desenrolar.

Fim de um ciclo. Embriagados a sua escolha?

Uma frase vem! Era aludida entre a nossa equipa de coordenadores no Festival Integrado de Cultura e Arte (FICA) na região do sul de Minas Gerais:

Eu abro, eu fecho, eu termino tudo que eu começo!

Acredito que a união e a confiança estiveram presentes nesta pesquisa desde o início. Finalizo, em clima afetivo e afetuoso, com uma música do cantor e compositor mineiro, Dércio Marques.

Eu vou bater palma
Vou brincar de roda
Pra espantar o medo do meu coração
Vou virar menino
Sem hora marcada

Soltar papagaio
Vou rodar peão
Vou brincar na areia
Lá no meu terreiro
Quem chegar primeiro vai ter seu lugar
Vou cantar ciranda
Vou sujar a cara
Vou crescer depressa
Vou me agigantar
Vou pegar o mundo e virar do avesso
Vou juntar os homens num só mutirão
Vou chamar a vida pra brincar de roda
Vou ser seu amigo
Vou te dar a mão

Ciranda
Décio Marques (1996)



Figura 76 – Arte em azulejo – Lisboa | PT
Fonte: Acervo Pessoal

X. REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Verônica Domingues. **A Experiência em Experiência**: saberes docentes e a formação de professores. Salvador: Paco Editorial, 2012. 192 p.
- ANDRADE, Carlos Dummond de. Boitempo II. Rio de Janeiro: Record, 1986.
- _____, Carlos Dummond de. Alguma Poesia. Rio de Janeiro: Record, 2008.
- ANDRADE, Luciana Teixeira de. Representações Ambivalentes da Cidade Moderna: A Belo Horizonte dos Modernistas. 195f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas: Sociologia) - Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 242 p. (Coleção Tópicos).
- BAUDELAIRE, Charles. “O Pintor da Vida Moderna”. In: _____. A modernidade de Baudelaire. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas I*: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985. (Obras Escolhidas).
- _____, Walter. “O Flâneur”. In: BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas III*. Tradução de João Carlos Martins Barbosa e Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 33-65.
- BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz; DELABRIDA, Zenith Nara Costa; FERREIRA, Karla Patrícia Martins. Emoções e Afetividade Ambiental. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A. *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 1-269.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista brasileira de educação**, n. 19, 2002.
- BRETON, David Le. *A Sociologia do corpo*. 2ª edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2007.
- BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Cenografias e corpografias urbanas: um diálogo sobre as relações entre corpo e cidade. In: *Cadernos PPGAUFBA*, Salvador, v. 7, p. 79-86, 2011.
- _____; CORPOCIDADE: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal**: Revista de Psicologia, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 337-350, 2009.
- CACHINHO, H. Consumactor: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna. **Finisterra**, [S. l.], v. 41, n. 81, 2006. DOI: 10.18055/Finis1461. Disponível em: <https://revistas.rcaap.pt/finisterra/article/view/1461>. Acesso em: 29 ago. 2021.
- CABRAL, Luciana Francisca. A rua no imaginário social. Scripta Nova. **Revista electrónica de geografía y ciencias sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de agosto de 2005, vol. IX, núm. 194 (60). Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-194-60.htm>>
- CANEVACCI, Massimo. **Cidade Polifônica**: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. São Paulo: Studio Nobel, 1997.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. *O lugar no/do mundo*. São Paulo: FFLCH, 2007, 85p.

- CHOAY, Françoise. O urbanismo: utopias e realidades, uma antologia. Tradução: Dafne Nascimento Rodrigo. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- CULTURAL, Conexão. **Conectar pessoas com seus lugares**. 2016. Disponível em: <http://conexaocultural.org/>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- COWAN, Alexander e STEWARD, Jill. *The City and The Senses: Urban Culture Since 1500*. Hampshire: Ashgate, 2007.
- CRUZ NETO, Otávio. O trabalho de campo como descoberta e criação. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa Social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2002. p. 1-80.
- CRUZ, Pâmella Mochiute. Práticas do Dissenso: intervenções artísticas no espaço público. 2017. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2017.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. Espinosa, filosofia prática. Ed. Escuta, São Paulo, 2002.
- DIONISIO, Pamela Marcia Ferreira. A construção do sentimento topofílico: o enfoque sobre o sub-bairro de amovila (vista-alegre) _ município do rio de janeiro. In: ENCUESTRO DE GEÓGRAFOS DE AMÉRICA LATINA (EGAL 2011), 13., 2011, Costa Rica. **Trabalho completo para o XIII Encuentro de Geógrafos de América Latina (EGAL 2011) - Costa Rica**. Rio de Janeiro: Ufrj, 2011. p. 1-16.
- ESPINOSA, B. Ética. Tradução J. de Carvalho. 3a ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. Coleção Os Pensadores.
- EVANS, James; JONES, Phil. The walking interview: methodology, mobility and place. **Applied Geography**, [S.L.], v. 31, n. 2, p. 849-858, abr. 2011. Elsevier BV. <http://dx.doi.org/10.1016/j.apgeog.2010.09.005>.
- FLÜSSER, Vilém. O Mundo Codificado. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- FRÚGOLI JR, Heitor. Sociabilidade Urbana. Rio de Janeiro: Zahar, 2007. 72 p. (Coleção Passo a Passo).
- FONTES, Adriana Sansão. **INTERVENÇÕES TEMPORÁRIAS MARCAS PERMANENTES**: a amabilidade nos espaços coletivos de nossas cidades. 2011. 282 f. Tese (Doutorado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, Prourb-Fau/ Ufrj, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.
- _____. Intervenções temporárias e marcas permanentes na cidade contemporânea. **Arquitetura Revista**, [S.L.], v. 8, n. 1, p. 31-48, 27 jun. 2012. UNISINOS - Universidade do Vale do Rio Dos Sinos. <http://dx.doi.org/10.4013/arq.2012.81.05>.
- FONTES, Adriana Sansão et al. **Urbanismo Tático**: um guia para as cidades brasileiras. Rio de Janeiro: Rio Books, 2020. 180 p.
- FONTES SANSÃO, Adriana. Amabilidade urbana: marcas das intervenções temporárias na cidade contemporânea. URBS. **Revista de Estudios Urbanos y Ciencias Sociales**, 1(2), 69-93. URBS, 2012. Disponível em: <http://nevada.ual.es:81/urbs/index.php/urbs/article/view/fontes>. Acesso em 20 de junho de 2021.

- FORTUNA, Carlos. **Serendipidade Caminhante: O elogio do andar**. FORTUNA, Carlos; ANSELMO, Carolina; CARVALHO, Cláudia Pato de; PROVIDÊNCIA, Paulo (org.). CRETA. **Ces Contexto**, Coimbra, n. 24, p. 1-82, jul. 2019.
- GEHL, Jan. Cidades para pessoas. 1. ed. São Paulo: Perspectiva, 2013. 262 p.
- GEHL, Jan; SVARRE, Birgitte. Vida nas cidades: como estudar. São Paulo: Perspectiva, 2018.
- GOITIA, Fernando Chueca. Breve história do Urbanismo. Lisboa, Editorial Presença, 1992.
- GONÇALVES JUNIOR, Antônio José et al. O que é urbanismo. São Paulo: Brasiliense, 1991. 70 p. (Coleção 246 Primeiros Passos).
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica: cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1996.
- GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. Pequenas crises: experiência estética nos mundos cotidianos. In: GUIMARÃES, C.; LEAL, B. S.; MENDONÇA, C. C. (Org.). Comunicação e experiência estética. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- HAROUËL, Jean-Louis. **História do urbanismo**. Campinas: Papirus. 1991
- HARVEY, David. **Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana**. São Paulo: Martins Editora Livraria Ltda, 2014.
- HEIDEGGER, Martin. A caminho da linguagem. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- _____. Ser e Tempo. Tradução: Márcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 325 p.
- HEEMANN, Ademar; HEEMANN, Nara. Natureza e percepção de valores. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, v. 7, p. 109-112, jan. 2003. Editora UFPR.
- HISSA, Cássio E. Viana; NOGUEIRA, Maria Luísa Magalhães. CIDADE-CORPO. **Revista UFMG**, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, 2013.
- IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de. O WALKING ETHNOGRAPHY 1 PARA A COMPREENSÃO DAS INTERAÇÕES CORPORAIS E MULTISSENSÓRIAS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. , n. 3, p. 99-116, jul. 2017.
- IARED, Valéria Ghislotti; OLIVEIRA, Haydée Torres de. Walking ethnography e entrevistas na análise de experiências estéticas no Cerrado. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 44, p. 1-18, 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/s1678-4634201706161972>.
- JACQUES, Paola Berenstein (org.). Apologia da deriva: escritos situacionistas sobre a cidade/Internacional Situacionista. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003. 160 p.
- _____. Zonas de Tensão: em busca de micro-resistências urbanas. In: BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein (Orgs). Corpocidade: Debates, ações e articulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

- _____. **Elogio aos Errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.
- _____. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, **Vitruvius**, fev. 2008. Disponível em: <<https://vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acesso em: 10 jul. 2021.
- KANASHIRO, Milena. A cidade e os sentidos: sentir a cidade. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 7, p. 155-160, 2003. Editora UFPR.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. Apresentação. In: HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 15. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005. 325 p.
- LEFEBVRE, Henri. Espaço e Política. Tradução: Margarida Maria de Andrade e Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. 190 p.
- LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C.; TEIXEIRA, J. J. V. O discurso do sujeito coletivo: uma nova abordagem metodológica em pesquisa qualitativa. Caxias do Sul: EDUCS, 2000.
- LERNER, Jaime. *Acupuntura Urbana*. 3ª edição Editora Record, Rio de Janeiro, 2005.
- LIMENA, Maria Margarida Cavalcanti. CIDADES COMPLEXAS NO SÉCULO XXI: ciência, técnica e arte. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 37-44, 2001.
- LORIMER, Hayden. Cultural geography: non-representational conditions and concerns. **Progress In Human Geography**, [S.L.], v. 32, n. 4, p. 551-559, 8 fev. 2008. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0309132507086882>.
- LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- LYDON, Mike, Bartman, D., Woudstra, R., & Khawarзад, A. (2011). *Tactical Urbanism Vol. 1*. Disponível em: < https://issuu.com/streetplanscollaborative/docs/tactical_urbanism_vol.1 > Acesso 12 jan 2021.
- LYDON, Mike, & GARCIA, Antony. *Tactical Urbanism vol. 1: Short-term Action for Long-term Change*. Washington: Island Press, 2015.
- MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.11-29, jun. 2002.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Tempo soc.**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 173-205, Nov. 2005. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702005000200008&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 11 jul. 2021.
- MAFESSOLI, Michel. Pensar com os olhos. In: LAROCCA, Fabio. **A cidade em todas as suas formas**. Porto Alegre: Sulina, 2018. 279 p.
- MEIRELES, Leandro. “Cidade de 15 minutos” pode revolucionar planejamento urbano das metrópoles. 2020. **Revista Consumidor Moderno**. Disponível em: <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/01/30/cidade-15-minutos-revolucionar/>. Acesso em: 26 jul. 2021.
- MENDES, Paulo Castro et al. Como a globalização influencia a alteração dos espaços urbanos. In: VIERA, Antônio; COSTA, Francisco; REMOALDO, Paula. *Cidades, criatividade (s) e sustentabilidade (s)*. Actas das VIII Jornadas de Geografia e Planeamento. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho, 2012. p. 1-322.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto R. de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MINAYO, M. C. S. (2008). A utilização do método qualitativo para a avaliação de programas de saúde. Prefácio. In R. O. Campos, J. P. Furtado & E. Passos, R. Benevides. (Orgs.). Pesquisa avaliativa em saúde mental: desenho participativo e efeitos da narratividade. (15-19). São Paulo: Aderaldo & Rothschild.

MONGIN, Olivier. A condição urbana: a cidade na era da globalização. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

MORENO, Carlos. **The 15-minute city**. 2021. Disponível em: <https://fourcommunications.com/the-15-minute-city/>. Acesso em: 25 jun. 2021.

_____. **The 15 minutes-city: for a new chrono-urbanism!**. for a new chrono-urbanism!. 2019. Disponível em: <http://www.moreno-web.net/the-15-minutes-city-for-a-new-chrono-urbanism-pr-carlos-moreno/>. Acesso em: 15 jun. 2021

MORENO, Carlos et al. Introducing the “15-Minute City”: sustainability, resilience and place identity in future post-pandemic cities. *Smart Cities*, [s. l], v. 4, p. 93-111, jan. 2021.

NASCIMENTO, Elaine Cristina Maia; SANTOS, Rodrigo Gonçalves dos. Urbgrafias ou cartografias da produção de um devir cidade. **Pós: Revista Programa Pós-Graduação Arquitetura e Urbanismo**, São Paulo, v. 24, n. 43, p. 126-143, 2017. FAUUSP.

NUNES, Flavio. Cidade Sensorial: a dimensão sensitiva no urbanismo contemporâneo. In: VIERA, António et al. Cidades, criatividade (s) e sustentabilidade (s): **Actas das VIII Jornadas de Geografia e Planeamento**. Guimarães, Portugal: Universidade do Minho, 2012. p. 1-322.

OITICICA, Hélio. **Experimentar o experimental**. Lisboa: Oca, 2019. 98 p.

OLIVEIRA, Tânia Modesto Veludo de. Amostragem não Probabilística: Adequação de Situações para uso e Limitações de amostras por Conveniência, Julgamento e Quotas. **Administração On Line: Prática - Pesquisa -- Ensino**, São Paulo, v. 2, n. 3, jul. 2001. Disponível em: https://gvpesquisa.fgv.br/sites/gvpesquisa.fgv.br/files/arquivos/veludo_-_amostragem_ao_probabilistica_adequacao_de_situacoes_para_uso_e_limitacoes_de_amostas_por_conveniencia.pdf. Acesso em: 25 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ana Karina de Carvalho et al. Superfície da cidade:: arte, cotidiano e política nas intervenções urbanas. **Rumores**, v. 9, n. 18, p. 127-149, dez. 2015.

PAES, Brígida Moura Campbell. **ARTE PARA UMA CIDADE SENSÍVEL: arte como gatilho sensível para produção de novos imaginários**. 2018. 360 p. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais, Escola de Comunicações e Artes, Usp, São Paulo, 2018.

PALMER, Barbara. Fred Kent: Fred Kent, founder of the project for public spaces, is on a mission to put soul back into our communities, one park bench at a time. *Convence*, Chicago, p. 54-62, nov. 2008. Disponível em: https://s3.amazonaws.com/aws-website-ppsimages-na05y/pdf/Nov08_LBE_Kent.pdf. Acesso em: 15 jun. 2021

PARK, Robert. *On Social Control and Collective Behavior*, Chicago. *Chiga University Press*, 1967.

PEREIRA, Lucas Poncio Gonçalves; GOMES, Ivan Marcelo. ENTRE O AMBIENTE CONSTRUÍDO E SUAS FORMAS DE INTERAÇÃO:: usos e apropriações de um espaço

público na cidade de vitória/es. Licere: **Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer - UFMG**, Belo Horizonte, v. 23, n. 3, p. 587-617, set. 2020

PEREIRA, Clevisson J.; FERNANDES, Dalvani. CULTURA E DIMENSÕES DO VIVER EM YI-FU TUAN:: algumas aproximações geográficas. **Ra'Ega: O ESPAÇO GEOGRÁFICO EM ANÁLISE**, Curitiba, v. 22, p. 53-73, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jun. 2007. Disponível em: <https://anpuh.org.br/index.php/revistas-anpuh/rbh>. Acesso em: 22 jun. 2021.

PINK, Sarah; HUBBARD, Phil; O'NEILL, Maggie; RADLEY, Alan. Walking across disciplines: from ethnography to arts practice. **Visual Studies**, [S.L.], v. 25, n. 1, p. 1-7, 23 mar. 2010. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14725861003606670>.

PRECIOSO, Adriana L. Uma Leitura Semiótica das Cidades de Ítalo Calvino. Anais do Seminário do Grupo de Estudos Lingüísticos de São Paulo, volume 32, São Paulo, 2002.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. Public Space Is for Lovers. 2018. Disponível em: <https://www.pps.org/article/public-space-is-for-lovers>. Acesso em: 01 jun. 2021.

PROJECT FOR PUBLIC SPACES. Christopher Alexander. 2008. Disponível em: <https://www.pps.org/article/calexander>. Acesso em: 26 abr. 2021.

RAMOS, Edivaldo Fernandes. A Cidade pensada teoricamente. Caderno de Geografia, Belo Horizonte, v. 25, n. 44, p. 301-311, 2015.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. São Paulo: Editora 34, 2009.

REIS, Ronaldo Rosas. ARTE E CIDADE. CONSIDERAÇÕES CRÍTICAS SOBRE ARTE E VALOR NA SOCIEDADE DE CLASSES. **Kriterion: Revista de Filosofia**, [S.L.], v. 56, n. 132, p. 317-333, dez. 2015. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0100-512x2015n13201rrs>.

RIO, João do. A alma encantadora das ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

RIO ON WATCH. O Espaço Público É Para O Afeto. 2018. Tradução por Bruno Ferreira. Disponível em: <https://rioonwatch.org.br/?p=32139>. Acesso em: 10 jun. 2021.

ROLNIK, Suely. Cartografia sentimental: Transformações Contemporâneas do Desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2014. 248 p.

SANTORO, Paula. O que é espaço público? **Revista AU**. São Paulo: Editora PINI, ano 28, n. 232, jul. 2013. Disponível em: <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/232/o-que-e-espaco-publico-292045-1.aspx>. Acesso em 20 de março de 2020.

SEGAUD, Marion. Antropologia do Espaço: habitar, fundar, distribuir, transformar. 2. ed. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2016. 312 p.

SEEMAN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. In: **Revista da Casa da Geografia de Sobral**. Sobral, v.4/5, p.43-53, 2002.

SENNETT, Richard. CONSTRUIR E HABITAR: Ética para uma cidade aberta. 1ª ed. São Paulo: Record, 2018. 377 p. Tradução: Clóvis Marques.

- SILVA, Carlos Alberto Ferreira. Sentir a cidade: uma investigação sensorial do encenador/performer. In: VIII CONGRESSO DA ABRACE, 8., 2014, Belo Horizonte. UFMG, 2014. p. 1-5.
- SIMAS, Luiz Antonio. **O corpo encantado das ruas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. 176 p.
- SIMMEL, Georg (2001), *Filosofia do amor*. São Paulo: Martins Fontes.
- SIQUEIRA, Adilson Roberto *et al.* AS CIDADES SENSÍVEIS: AÇÃO POÉTICA POR MEIO DA MEMÓRIA DA EXPERIÊNCIA. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais: Art & Sensorium**, Curitiba, v. 5, n. 1, p. 91-103, jun. 2018. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/sensorium/article/view/2255/1517>. Acesso em: 22 jun. 2020
- STEUTEVILLE, Robert. The eyes have it. *Public Squares*. A CNU JOURNAL. 2011. Disponível em: <<https://www.cnu.org/publicsquare/eyes-have-it>> Acesso em: 26 jul. 2021
- _____. Why we need Observational Urbanism. *Public Squares*. A CNU JOURNAL. 2021. Disponível em: <<https://www.cnu.org/publicsquare/2021/07/26/why-we-need-observational-urbanism>> Acesso em: 26 jul. 2021.
- THIBAUD, Jean-Paul; ROÇA, L. S. As polifonias que tecem a cidade. Traduzido do inglês por Luciana Santos Roça. *V!RUS*, São Carlos, n. 14, 2017. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus14/?sec=2&item=1&lang=pt>>. Acesso em: 15 Jul. 2019.
- THIBAUD, Jean-Paul. The Sonic Attunement of Social Life. GUILLEBAUD, Christine (Eds.). *Toward an Anthropology of Ambient Sound*. New York: Routledge, 2017.
- _____, Jean-Paul. Ambiência. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice A.. *Psicologia Ambiental: conceitos para a leitura da relação pessoa-ambiente*. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 1-269
- _____, Jean-Paul. A cidade através dos sentidos. *Cadernos Proarq*, [s. l], v. 18, p. 1-16, jul. 2012. Disponível em: <https://cadernos.proarq.fau.ufrj.br/pt/paginas/edicao/18>. Acesso em: 22 jun. 2021.
- _____, Jean-Paul. L'horizon des ambiances urbaines. *Communications*, [s. l], n. 73, p. 185-201, 2002.
- _____, Jean-Paul. Contextualisations sensibles de la ville. In: LEROUX, Martine et al. (org). *Compositions sensibles de la ville: Ville émergente et sensorialité*. Grenoble: CRESSON, 2000, p. 102-121.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia*. Londrina: Eduel, 2012.
- _____, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo: Difel, 1983. Tradução de Lívia de Oliveira.
- _____, Yi-Fu. Humanistic geography. *Annals of the Association of American Geographers*. 66 (2) : 266-276, 1976.
- VALVA, Milena D' Ayala. *Bernardo Secchi's Guiding Ideas*. São Paulo, 2016.

ZEITEL, Gustavo. **#Baudelaire200**. 2021. Instituto Moreira Salles. Correio IMS. Disponível em: <https://www.correioims.com.br/uncategorized/ baudelaire200-por-gustavo-zeitel/>. Acesso em: 15 maio 2021.

XI. APÊNDICES

Apêndice 1 - Roteiro de entrevista

TÓPICO I – Conexão com o espaço

1. O que o espaço público significa para você?
2. O que é importante para você em um espaço público? O que torna os espaços públicos melhores?
3. Há diferença para você entre espaço público e lugar?
4. Quando você vai em um espaço público o que mais gosta?
5. Cite 1 ou 2 espaços públicos favoritos:

TÓPICO II – Afetividade

6. O que mais chama atenção nesse espaço público? Como são suas relações com o [espaço público escolhido]? O que faz com que essa conexão aconteça?
7. Quando você vai nesse espaço público que tipo de experiência você busca?
8. Qual sua motivação para escolher ter essa experiência?
9. O que você gosta de fazer... como se sente?
nota: focar na categorização sentimentos, emoções, memórias
10. Se você fosse resumir seus sentimentos em relação ao [espaço público escolhido] com que palavras você resumiria?
11. Para você, o que o [espaço público escolhido] representa?
12. E o que acha que representa o [espaço público escolhido] para a comunidade, para os cidadãos?

TÓPICO III – Intervenção artística

13. Na sua opinião, a intervenção artística pode transformar o espaço público? Se sim ou não...por quê?
14. Na sua opinião, o que as intervenções artísticas podem promover ou oferecer aos espaços públicos?
15. Quando você vai a uma intervenção artística, que tipo de experiência você busca?
16. Você pode compartilhar uma experiência da sua relação com o espaço público que envolve a arte...
a arte...
17. Na sua opinião, como as intervenções artísticas urbanas podem afetar a vivacidade e a sociabilidade urbana?

